



Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel

Notícias relacionadas aos Livros: Alguma Gente, As Areias do Tempo, O Primeiro Gosto, Eu e as Corruíras

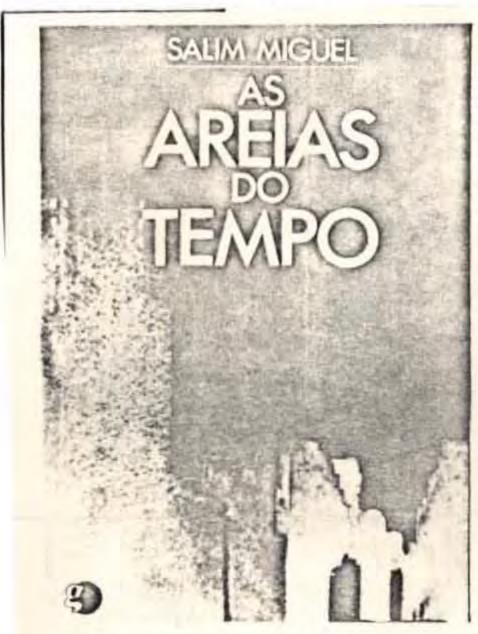


Organização e Digitalização: Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai Jordanou, Jonathan Rodrigues Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

001 1 002 0 003	TEMPO TEMPO e Memória. [sem local, 1993]. O ETERNO retorno. [sem local, 1993]. ARAÚJO, Nelson de. Salim Miguel. A Arte Cultural. Salvador, 06 fev. de 1993, p. 12. BRASIL, Valesca Assis. Livros. O Timoneior. Canoas, n. 1266, p. 11, 10 à 16 fev. de 1989. SALIM Miguel lança seus contos na Bienal do Livro. O Estado. Florianópolis, 02 set. de 1988. p. 13. WOLFF, Joça Conto. "Ele" revive a visita do casal. A Notícia. Joinville, 08 abr. de 1990. PÓLVORA, Hélio. Tempo e Memória. A Região. Itabuna 13 fev. de 1989. STIGGER, Ivo Egon. O medo dos autógrafos e outras confidências. Florianópolis, 05 nov. de 1988 O PERMANENTE conflito dos homens. O Globo. Rio de Janeiro, 20 set. de 1988. p. 6
001 7 002 0 003	TEMPO e Memória. [sem local, 1993]. O ETERNO retorno. [sem local, 1993]. ARAÚJO, Nelson de. Salim Miguel. A Arte Cultural. Salvador, 06 fev. de 1993, p. 12. BRASIL, Valesca Assis. Livros. O Timoneior. Canoas, n. 1266, p. 11, 10 à 16 fev. de 1989. SALIM Miguel lança seus contos na Bienal do Livro. O Estado. Florianópolis, 02 set. de 1988. p. 13. WOLFF, Joça Conto. "Ele" revive a visita do casal. A Notícia. Joinville, 08 abr. de 1990. PÓLVORA, Hélio. Tempo e Memória. A Região. Itabuna 13 fev. de 1989. STIGGER, Ivo Egon. O medo dos autógrafos e outras confidências. Florianópolis, 05 nov. de 1988
002 (003	O ETERNO retorno. [sem local, 1993]. ARAÚJO, Nelson de. Salim Miguel. A Arte Cultural. Salvador, 06 fev. de 1993, p. 12. BRASIL, Valesca Assis. Livros. O Timoneior. Canoas, n. 1266, p. 11, 10 à 16 fev. de 1989. SALIM Miguel lança seus contos na Bienal do Livro. O Estado. Florianópolis, 02 set. de 1988. p. 13. WOLFF, Joça Conto. "Ele" revive a visita do casal. A Notícia. Joinville, 08 abr. de 1990. PÓLVORA, Hélio. Tempo e Memória. A Região. Itabuna 13 fev. de 1989. STIGGER, Ivo Egon. O medo dos autógrafos e outras confidências. Florianópolis, 05 nov. de 1988
003	ARAÚJO, Nelson de. Salim Miguel. A Arte Cultural. Salvador, 06 fev. de 1993, p. 12. BRASIL, Valesca Assis. Livros. O Timoneior. Canoas, n. 1266, p. 11, 10 à 16 fev. de 1989. SALIM Miguel lança seus contos na Bienal do Livro. O Estado. Florianópolis, 02 set. de 1988. p. 13. WOLFF, Joça Conto. "Ele" revive a visita do casal. A Notícia. Joinville, 08 abr. de 1990. PÓLVORA, Hélio. Tempo e Memória. A Região. Itabuna 13 fev. de 1989. STIGGER, Ivo Egon. O medo dos autógrafos e outras confidências. Florianópolis, 05 nov. de 1988
004 E 1 005 S C C C C C C C C C C C C C C C C C C	BRASIL, Valesca Assis. Livros. O Timoneior. Canoas, n. 1266, p. 11, 10 à 16 fev. de 1989. SALIM Miguel lança seus contos na Bienal do Livro. O Estado. Florianópolis, 02 set. de 1988. p. 13. WOLFF, Joça Conto. "Ele" revive a visita do casal. A Notícia. Joinville, 08 abr. de 1990. PÓLVORA, Hélio. Tempo e Memória. A Região . Itabuna 13 fev. de 1989. STIGGER, Ivo Egon. O medo dos autógrafos e outras confidências. Florianópolis, 05 nov. de 1988
005 S C C C C C C C C C C C C C C C C C C	SALIM Miguel lança seus contos na Bienal do Livro. O Estado. Florianópolis, 02 set. de 1988. p. 13. WOLFF, Joça Conto. "Ele" revive a visita do casal. A Notícia. Joinville, 08 abr. de 1990. PÓLVORA, Hélio. Tempo e Memória. A Região . Itabuna 13 fev. de 1989. STIGGER, Ivo Egon. O medo dos autógrafos e outras confidências. Florianópolis, 05 nov. de 1988
006 \\ 007 \\ 008 \\ 009	de 1988. p. 13. WOLFF, Joça Conto. "Ele" revive a visita do casal. A Notícia. Joinville, 08 abr. de 1990. PÓLVORA, Hélio. Tempo e Memória. A Região . Itabuna 13 fev. de 1989. STIGGER, Ivo Egon. O medo dos autógrafos e outras confidências. Florianópolis, 05 nov. de 1988
007 F 008 S r	1990. PÓLVORA, Hélio. Tempo e Memória. A Região . Itabuna 13 fev. de 1989. STIGGER, Ivo Egon. O medo dos autógrafos e outras confidências. Florianópolis, 05 nov. de 1988
008 s	STIGGER, Ivo Egon. O medo dos autógrafos e outras confidências. Florianópolis, 05 nov. de 1988
009	nov. de 1988
009	O PERMANENTE conflito dos homens O Globo Rio de Igneiro 20 set de 1988 n. 6
	·
	DALCASTAGNE, Regina. Espectador do tempo. Diário Catarinense, Florianópolis, 30 ago. de 1988.
O Primeiro (Gosto
	NASCIMENTO, Esdras do. O prazer lúdico e a criação. Suplemento Literário. Minas Gerais, 26 jan. de 1974.
012	CONVITE para lançamento do livro: Salim Miguel: o primeiro gosto, Florianópolis,
_	[1973]
	VELOSO, Reis. Em primeira mão. Tribuna da Impresa, [S.I.], 11 out. de 1973. p. 3
	PÓLVORA, Hélio. Contistas do Sul. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 07 nov. de 1973.
	STODIEK, Beto. Duas para amanhã. O Estado. Florianópolis, 08 nov. de 1973.
	CALDAS FILHO, Raul. Salim Miguel: Maktub. O Estado . Florianópolis, 09 nov. de 1973. p. 9
	O PRIMEIRO gosto. O Estado. Florianópolis, 09 nov. de 1973.
_	O PRIMEIRO gosto, 3º livro de Salim Miguel. Jornal de Santa Catarina. Florianópolis, 09 nov. de 1973.
019	SALIM. O Estado. Florianópolis, 11 de nov. de 1973.
020 1	TEXTO-POÉTICO. O Estado. Florianópolis, 12 nov. de 1973.
	STODIEK, Beto. Salim e o (primeiro) gosto do sucesso. O Estado. Florianópolis, 13 nov. de 1973. p. 10.
022 E	EM FLORIANÓPOLIS. Manchete. Rio de Janeiro, dez. de 1973. O Brasil em Manchete.
	O PRIMEIRO gosto de Salim Miguel. Fatos e Fotos , 07 dez. de 1973. Flash.
024	VIEIRA, Carlos Adauto. O primeiro gosto. A Notícia. Joinville, 19 dez. de 1973. Comentários e notas sobre leituras.
025	CALDEIRA, Almiro. Um gosto e dez estórias. Diário de Notícias . Porto Alegre, 18 fev. de 1974.
026	CALDEIRA, Almiro. O primeiro gosto . Correio do Povo. Porto Alegre, 23 fev. de 1974. p. 6.
027 L	LISBOA, L. C. Miguel é um contista original: quem paga pra ver? O Estado de São Paulo. São Paulo, 23 mar. de 1974.
	RODRIGUES, Gonzaga. Salim Miguel. O Norte. João Pessoa, 05 abr. de 1974.
	O PRIMEIRO gosto. Revista da Capemi . [s.l.], maio/jun. 1974.

030	Salim Miguel: autor viver por amor à arte. Jornal da Bahia. Salvador, 11 de maio de 1974.
031	O PRIMEIRO gosto. O Estado de São Paulo. São Paulo, 16 jun. de 1974. p. 2
032	JUNKES, Lauro. Salim Miguel 5: o primeiro gosto. A Gazeta . Florianópolis, 11 mar. de 1979. p. 6
033	UMA DÉCADA de muitos livros. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 29 dez. de 1979. p. 12.
034	COSTA, Magalhães da. Estante de Livro, de Magalães da Costa: vol.100). Jornal de Piauí. 17 maio de 1974
035	STODIECK, Beto. Salim Hoje. O Estado . Florianópolis, 09 nov. de 1973.
ALGUN	MA GENTE
036	ATAIDE, Tristão de. O conto no Brasil - V: o conto neo-modernista.
037	COSTA, Baptista da. Babel de títulos a literatura brasileira. Tribuna das Letras
038	NOTÍCIAS do Brasil. Jornal Magazine , p. 14.
039	Salim Miguel. [Flan].
040	ALGUMA gente. Correio da Paraíba. ago. de 1953
041	AO PÉ da estante. O Jornal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 06 set. de 1953.
042	UM LIVRO por semana: alguma gente. Estado. Florianópolis, 30 set. de 1953.
043	LAPA, José Roberto do Amaral. Crítica de Livros: um romance e algumas histórias. Mansão Literária. Campinas, 25 out. de 1953.
044	UM LIVRO por semana: alguma gente. Rio de Janeiro, 27 set. a 03 out. de 1953.
045	FLORES, Dário. Livros em desfile. Shopping News. São Paulo, 15 nov. de 1953
046	ENTRE o cinzeiro e a lâmpada. Folha da Manhã, 13 dez. de 1953.
047	MEDEIROS, Aluízio. Crítica: sôbre o conto e alguns contistas. O Democrata . Fortaleza, 12 fev. de 1955.
048	MEDEIROS, Aluízio. Crítica: sôbre o conto e alguns contistas III. <i>O Democrata</i> . Fortaleza, 24 dez. de 1954.
049	SALIM Miguel. Diário de Notícias , 19 ago. de 1956.
050	JUNKES, Lauro. Livros & Cultura - 3: Salim Miguel. A Gazeta . Florianópolis, 25 fev. de 1979.
EU E A	S CORRUÍRAS
051	CONVITE para o Lançamento do livro Eu e as corruíras. Florianópolis, 23 maio de 2001.
052	MENEZES, Cacau. Vinte obras. Diário Catarinense . Florianópolis, 20 maio de 2001. p. 63.
053	MENEZES, Cacau. Confidências. Diário Catarinense . Florianópolis, 21 de maio de 2001. p. 31.
054	KINOSHITA, Tatiana. Salim Miguel, 50 anos de literatura. O Estado . Florianópolis, 23 maio de 2001. p. 16
055	LIZ, Romí de. Poder de adaptação a cada hora. Diário Catarinense . Florianópolis, 23 maio de 2001.
056	MACHADO, Ricardinho. Lançamento. Diário Catarinense . Florianópolis, 23 de maio de 2001. p. 5.
057	MENEZES, Ana Cláudia. Bodas de ouro: lançamento do livro "Eu e as Corruíras" marca hoje 50 anos da carreira literária do escritor Salim Miguel. A Notícia . Joinville, 23 maio de 2001. p. 3.
058	VIANA, Natália. Salim Miguel lança hoje Eu e as Corruíras: autor catarinense comemora 50 anos de trabalho literário reunindo crônicas, mini-contos e

	depoimentos no vigésimo livro de sua carreira. Gazeta Mercantil . Florianópolis, 23 de maio de 2001. p. 63.
059	SARTORI, Raul. O caso. A Notícia. Joinville, 28 de maio de 2001. p. B2.
060	SALIM Miguel lança vigésimo livro. Estampa. Florianópolis, jun. de 2001. p. 5
061	LANÇAMENTOS. O Globo. Rio de Janeiro, 09 jun. de 2001. p. 5.
062	EU e as Corruíras. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 16 jun. de 2001. p. 3.
063	A CRÔNICA. Jornal de Letras. Rio de Janeiro, jul. de 2001. p. 22, n. 35.
064	PY, Fernando. Registro. Correio das Artes. n. 35, 30 jun. e 01 jul. de 2001. p. 22.
065	OLHAR de repórter. Correio Brasiliense. Brasília, 06 jun. de 2002. p. 31
066	RESENHAS: Eu e as Corruíras, de Salim Miguel. Literatura: revista do Escritor
	Brasileiro. Brasília, ano X, n.21, p. 130, ago. 2001
067	CARTAS ao escritor Salim Miguel: Mercedes Terezinha de Barba, Julieta Alice
	Buratto, Edézia Borges Oliveira Souza, Helena Lucia, Albertina, Silvana, Cathia
	Lorenzetti, Tânia Marlene Westphal Meurer, Danusia Silva, Valdete, Andréia
	Berlanda Aguiar, Deucílio, Zélia Borba Matei, Marcia Luiza
068	APRENDENDP a escrever na companhia das corruíras. Diário Catarinense.
	Florianópolis, 13 de junho de 2002.
069	PEREIRA, Mário. Doutor Salim: assim estava escrito. Diário Catarinense.
	Florianópolis, 13 de junho de 2002.



Tempo & memória

Salim Miguel, consumado cultor da "short story", retoma os temas que povoam seu universo ficcional desde 1951, quando estreiou com "Velhice e outros contos": o conflito dos seres humanos, o tempo e a memória, a velhice e a morte. Em 27 anos de atividade literária, dividida com o jornalismo, Salim Miguel se dedicou também a roteiros e adaptações para o cinema, organização de antologias e exercícios de crítica. Nestas dez pequenas estórias, o contista catarinense mostra porque especialistas o consideram "dono de técnica narrativa altamente apurada". A lamentar, apenas, a coincidência do título com o último best-seller de Sidney Sheldon.

As areias do tempo — contos, Global Editora - São Paulo. 108 páginas - NCz S 3,00.

O eterno retorno

MIGUEL, Salim. As areias do tempo. São Paulo, Global Editora (Rua França Pinto, 836), 1988. 104pp.

As areias do tempo traz Salim Miguel de volta ao conto, gênero em que ele fez sua estréia em 1951 (Velhice e outros contos, Ed. Sul) e no qual se colocaria como um dos mais significativos escritores contemporâneos brasileiros.

Alguém já disse que cada escritor escreve sempre sobre os mesmos temas. A começar pelo título do livro, o contista catarinense permanece fiel aos temas de suas obras anteriores: tempo e memória, velhice e morte, passado e presente. Talvez por isso mesmo a pequena Biguaçu, cidade onde o escritor viveu grande parte da infância, esteja presente, com suas paisagens, com seus personagens e fantasmas, na quase totalidade dos contos.

A matéria-prima de seus contos é o cotidiano. Mas Salim não se prende apenas aos fatos, não conta propriamente uma história. Antes, cria um clima, uma atmosfera para melhor mergulhar no íntimo de seus personagens e revelar ao leitor os conflitos e dramas do ser humano. Do mesmo modo, criativo e insatisfeito com as formas consagradas da narrativa, o escritor se vale de outros recursos, como por exemplo da técnica cinematográfica. Salim é irmão de Sayde Miguel, colega que trabalha na Presidência do Banco.



O seu aprendizado literário se fez na revista "Sul", de Florianópolis, uma daquelas publicaçõs que, depois do fim da guerra, contribuíram para a renova-

meça no nada e termina no nada"...

A despeito desses fatores, e por certo

como resultado da sua vivência poste-

rior no Rio, a habilidade de Salim Miguel

o conduziu à posição atual que desfruta

de um dos mestres do conto urbano.

ção da literatura brasileira, ao lado das suas coirmās "Caderno da Bahia", de Salvador, "Clā", de Fortaleza, "Revista Branca", do Rio, "Epoca",

Global, s.d.

As areias do

tempo, de Salim

Miguel São Paulo,

de Aracaju, e outras. O último livro de contos de Salim Miguel, "As Areias do Tempo", é um mostruário das suas virtudes de contista. Além do bem narrar, nele o autor denuncia o seu conhecimento da "arte do episódio", esse imponderável do fazer-literário que ensina o escritor a escolher o fato imaginário ou real a narrar, a parametrá-lo em sua narrativa, delimitando-o no universo da narrativa. do mesmo modo que o pintor age em relação ao seu tema, suprimindo objetos e cores e acrescentando outros. como supérfluos ou indispensáveis à informação visual a ser passada adian-

por exemplo, é um conto de humor, de um humor que se poderia dizer substantivo, emanado do grotesco da trama exposta e não dos comentários

adjetivos e laterais. O conto é narrado na primeira pessoa e quem o faz é um vendedor de seguros de vida, que tenta convencer um cliente seu das vantagens de possuir uma apólice de seguro, que garanta a ele, possível aquisidor, uma morte confortável, despreocupada, sabendo amparada a família... "Morrer hoje não é fácil — diz o narrador-corretor — nem barato, em acidente nem se fala e para a família despreparada é uma tranquilidade saber que"... E mais: Os dois (acidentados em carro) morreram na hora, imprensados na ferragem"... É óbvio que semelhante vendedor tinha que ser corrido com violência da presença do segurado em potencial... Isto é claramente dito pelo narrador, que então se aferra ao leitor, numa última esperança de compreensão.

"Ou Herta, ou Irma, ou Ilse, ou Ela, ou..." aparece, no livro, como um bem concebido conto erótico, desse subgênero do conto difícil de explorar como o de humor. Num e noutro se sai de forma notável o escritor, no conto erótico ele próprio de maestria reconhecida pela crítica. E se sai mediante um estilo límpido, poderia dizer-se machadiano, de um vocabulário vasto, estilo que sabe adaptar-se às imposições de cada narrativa ou das circunstâncias sociopsicológicas de cada persona-

Para esse domínio da arte literária deve ter contribuído a experiência de Salim Miguel em jornalismo profissional. Em artigo recente fiz uma afirmativa da qual não me arrependo: "Não conheço melhor gramática do que a máquina de escrever para a sala de composição, nas redações de jornais".

O espaço não permite o exame de outros contos do escritor catarinense. Paa encerrar este registro, faça-se uma alusão a "Um Verão Louco", o último conto do livro, uma lição de boa narrativa através de uma história praticamente nula, a de uma mulher que, ano após ano, busca reencontrar o protagonista do primeiro e marcante amor da sua vida. Na investigação final que empreende (como em todas as outras), desloca-se do Rio a Florianópolis, tão-só para defrontar-se com o homem errado, no caso um conhecido ficcionista, que de início se mostra incomodado pela curiosidade da sua interlocutora, enquanto esta contraía o temor de transforarmar-se em personagem do escritor. O encontro dá margem a largas confidências da mulher

e do lado do escritor a interessantes considerações sobre o processo da criação literária. Nisto se resume o conto, elevado a um alto padrão de literatura, graças ao virtuosismo de quem o escreveu.

Rita Rosemayes - 92

Salim Miguel, um nome obrigatório nas prateleiras do conto brasileiro, moderno e contemporâneo, do mesmo modo que os de Vasconcelos Maia, Ariovaldo Matos, João Ubaldo Ribeiro, Jorge Medauar, Hélio Pólvora, Moacyr Scliar e do sergipano Vladimir Carvalho, de quem conheço um único conto publicado. "A Nomeação", por si só merecedor de figurar em qualquer antologia de âmbito nacional. Dalton Trevisan nunca me impressionou, menos ainda numa releitura recente dos seus contos, que tentei fazer, nada me parecendo justificar as gambiarras projetadas em sua obra, alguns anos atrás. Lygia Fagundes Telles não é regular no que produz.

À medida que o tempo passa, mais se comprova na melhor ficção nossa uma tendência para a regionalização, para situá-la no espaço geográfico, de que é evidência a parte mais significativa da novelística dos autores acima

mencionados.

Nélson de Araújo é escritor e professor.



AS AREIAS DO TEMPO - Salim Miguel, Global Ed., SP, 100p.Os livro de Salim Miguel sempre são sem pre aguardados com grande expectativa por leitores. Depois de bem sucedida incursão romance, com a A Voz Submersa e A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Salim volta ao conto, gênero do qual é um dos maiores escritores do Brasil. Virando a ampulheta, As Areias do Tempo trazem de volta os temas recorrentes na obra do conhecido autor catarinense: a velhice, a desintegração, a desadaptação, os conflitos intra e inter-humanos. Em Ele, para citar um único exemplo, temos o ho mem em confronto com seu destino, do qual fugiu, nunca mais recuperando as oportunidades das.Os temas voltam, inclusive o da morte, neste As Areias do Tempo. Voltam retrabalhados, resulta do da luta pela forma exata e pelo texto ensuto. que Salim Miguel persegue, como todo o escritor maiúsculo, a fim de encontrar a forma literária capaz de "nos iluminar na compreensão maior do ser humano" (Antônio Hohlfeldt).

RIO SUBTERRÂNEO - O.G.Rego de Carvalho, Ed. Me ridiano, RJ, 162p. Carlos Drumond de Andrade elogíou esta obra, já em 8º edição, como uma narrativa nascida do mais profundo e dolorido conteúdo hu mano: o inconsciente. De fato, em Rio Subterrâneo, os personagens estão sempre nos estreitos limites que separam a sanidade da loucura, nas lutas infindáveis entroeros e tánatos. Navega-se no rio de sombras que passa sob nossas aparências nor mais. O autor faz ressaltar, o tempo todo, a incoe rência entre gestos e ações que se passam ao nível da consciência e a guerra dos instintos que

ocorre à margem de nossa face exterior.

A BURRICE DO DEMÔNIO - Hélio Pellegrino, ROC CO,RJ,220p.Do pensamento a paixão de Hélio Pel legrino o Brasil pôde recolher brilho, inconfor mismo, poesia e genialidade. Reunindo crônicas e ensaios publicados pelo autor na Folha de São Paulo e no Jornal do Brasil, a ROCCO resgata par te do trabalho do psicanalista e escritor. O tex to final do livro foi escrito poucos dias antes da morte de Hélio, e encerra toda a sua preorupa ção social. Plural, efervecente, corajoso, um livro que traz a marca do homem angustiado, mas pronto

a conquistar a felicidade.

BECKETT - Ludovic Janvier, trad. de Léo Schlaf man, José Olympio, RJ, 184p. Dando continuidade aos lançamentos da coleção francesa "Écrivais de Toujours", da qual já publicou Sartre, a Ed. José Olympio traz, agora, às livrarias, um novo título: Beckett. Conhecer as obras de Beckett e o seu pen samento nos enriquece e transforma. Angustiado por natureza, reflete em seus escritos esta an siedade, espelhando, com profundidade, o avesso da alma humana. Extremamente culto, seus livros tra duzem a verdade do Homem, suas lutas fundamen tais, suas dúvidas face ao "sem sentido" de nos sa existência. Discute a vida, revela os intrinca dos meandros da mente, vasculha sem piedade, ques tionando valores tidos como eternos.

Salim Miguel lança seus contos na Bienal do Livro

O escritor catarinense Salim Miguel lança hoje seu livro de contos As Areias do Tempo (Global, 1988), as 15h, no estande 46 da 10". Bienal Internacional do Livro, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Essa é a nona obra de ficção do autor, que só chega nas livrarias do estado a partir da próxima semana. Com 10 contos escritos entre 1979 e 1985, o livro mostra temas já presentes em outros trabalhos do escritor, como o tempo e a memória, passado e presente, velhice e morte. Ontem, Salim Miguel fez o lançamento de seu último romance, A Vida Breve de Sezefredo das Neves (Tché, 1987), também na Bienal.

As Areias... é uma volta do escritor ao conto, responsável por sua estréia na literatura com Velhice e Outros Contos, em 1951. Neste novo livro, Salim retorna à sua mítica Biguaçu - cidade em que nas-

ceu e passou a infância, já presente bém a personagens de antigas histómas publicadas. Dos 10 contos, seis são inéditos e revelam o permanente conflito entre os seres humanos. "Os mesmos temas são reelaborados pelo escritor sempre. No meu livro busco algumas figuras que já apareceram em obras anteriores, elas vão e voltam entre os contos", comenta o autor.

Responsável pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e um dos criadores do Grupo Sul (1948-1958), Salim Miguel também trabalhou como crítico literário pelo Jornal do Brasil e foi um dos editores da revista Ficção. O escritor, jornalista profissional, argumentista e roteirista de cinema sempre teve uma vida cultural movimentada em Florianópolis, onde mora desde os 19 anos. A qualiade da narrativa é uma das maiores preocupações do escritor, que pode ser conferida já no primeiro conto de As Areias..., intitulado ELE.

A partir da frase "Dormiram em Florianópolis", retirada do livro Olga, de Fernando de Morais, Salim constrói a vida de um dissidente da Coluna Prestes. O personagem, que no conto já aparece aos 80 anos, abandona seus companheiros na localidade de Descanso e passa a morar em Florianópolis. No texto, ele é utilizado apenas para se referir a Prestes, que foi reconhecido pela figura central do texto de Salim quando esteve na Ilha. "Meu personagem poderia ter mudado toda a história do país e inclusive a dele, mas só confirmou a presença do Prestes em nossa terra quando leu Olga", relata o autor. "É assim que surgem os contos, apenas de uma imagem, de um som ou de uma frase".

Já no romance A Vida Breve de



Sezefredo das Neves, uma biografia em vários outros trabalhos - e tam- imaginária, Salim Miguel parte da história do poeta Sezefredo para mostrar as inquietações da geração de 45 em Biguaçu e Florianópolis, da qual fez parte. No livro também está delineado o Brasil da década de 30 até 54, ano da morte de Getúlio Vargas. Em A Vida..., o personagem central já aparece morto, sendo apresentado apenas pela maçaroca de antigos poemas entregues ao próprio Salim. Através de blocos independentes, mas que se intercomunicam ao longo do romance, o escritor mostra um poeta fracassado, que vivia com inquietações poéticas sem conseguir se expressar. "Sezefredo se deixava influenciar por outros autores que estava lendo. Mesmo quando seus textos tinham algo verdadeiramente autêntico, eram de má qualidade", comenta o autor.

> Como intelectual, Sezefredo nunca chega a se realizar, mas necrológios do dia de sua morte revelam que o poeta foi um importante empresário do Oeste catarinense. "A vida do personagem como empresário não me interessou, apenas suas tentativas na área intelectual", explica Salim. Mesmo assim, os dados de Sezefredo são relatados no livro como referência ao leitor. No encerramento do romance, o escritor faz um trabalho de texto através de depoimentos de várias personalidades conhecidas do estado. Junto com algumas personagens imaginárias, Salim coloca comentários do escritor Guido Wilmar Sassi, do contista Silveira de Souza e da escritora Eglê Malheiros, sua mulher. "Muitas pessoas só foram ler seus depoimentos depois do livro publicado", comenta Salim. "Nesse romance, misturo a ficção da vida do poeta com a realidade do momento histórico visto a partir de cidades pequenas, como Biguaçu e Florianópolis", conclui.

SALIM MIGUEL AREIAS TEMPO

"Ele" é o primeiro conto do livro "As Areias do Tempo"

Conto "Ele" revive a visita do casal

ntão era ele!
O velho, livro
aberto sobre os joelhos, reflete, medita,
reconstrói. Retira os óculos, limpa as lentes, volta ao livro, detém-se numa linha
ou noutra.

A tarde, cinza-opaca, escorre pelas vidraças, um chuva oblíqua, manobrada por fortes rajadas de vento sul, embacia a paisagem que o homem descortina de seu quarto: é a praça com a velha figueira, é o aterro tomado ao mar, ali pertinho ficava o Miramar, reduto onde durante anos bebeu cerveja gelada enquanto esperava a casquinha de siri trazida pelo ônibus que vinha de Laguna, é o prédio que não faz muito substituiu o hotelzinho, é a nesga de água e espuma lá no fundo, é o morro do outro lado da baía recortando-se contra o céu.

O velho repõe os óculos, pega no livro, relê a frase:

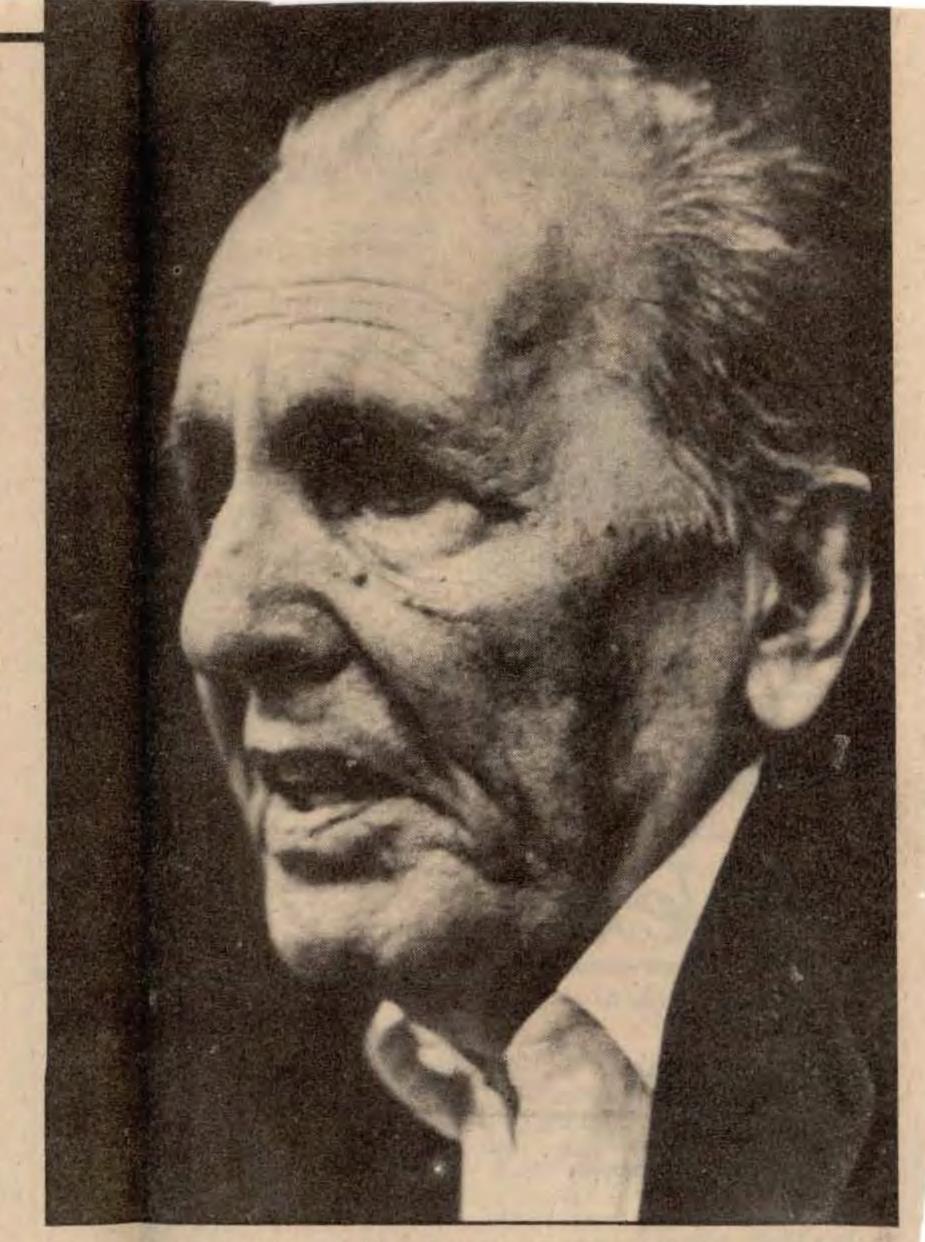
"Dormiram em Florianópolis!"

O presente é mais forte. Outra vez o velho ressurge, aqui está digladiando-se com o jovem, cercado de objetos que viera acumulando ao longo dos anos e que lhe são tão familiares; parte intrínseca do seu viver, mira-os sem os reconhecer, livro nos joelhos, como se o livro fosse um objeto mágico, tivesse um poder mágico: ressucitar o passado. Sofregamente volta a reler, atento a outro pequeno trecho:
"O imprevisto pouso em Florianópolis".

Um dia, já findando 1925, ouviu falar que estavam precisando de gente para a conclusão da ponte, antigo sonho que ligaria a Ilha de Santa Catarina, onde se encontrava Florianópolis, ao continente, àquele lado conhecido como Estreito. Alí esteve até o final das obras, em 1926.

Das mãos trêmulas do velho livro tom-ba com um som cavo que reboa pelo quarto e extravasa para além das paredes. Não chega a perceber o barulho: naquele luminoso dia de abril acabou de deixar a praça e a figueira, indeciso não sabe se vai para o café Java ou o Miramar, um carro pára em frente ao hotel, curioso observa o casal que está chegando e se dirige para a portaria, tem um choque instantâneo, não titubeia e avança, mão estendida, um sorriso aberto que o rejuvenesce tomando-lhe todo o rosto e grita: Capitão Prestes!"

^{*} Trecho do conto "Ele", de Salim Miguel



Prestes chegou à Ilha, com Olga Benário, disfarçado de burguês

Tempo e Memória

Hélio Pólvora

O retorno de Salim Miguel ao conto, com As Areias do Tempo *, reacende reflexões acerca de sua escrita e abre novos campos de prospecção. Seu ficcionismo deriva seguramente do fluxo causal tempo-memória, em que o tempo cronológico dilui, na repetição das angústias existenciais dos personagens, a sua lenta e aflitiva passagem, para ressaltar o seu substrato, a sua fluidez: o registro memorialístico de instantes capitais.

A memória fica então exposta, como carne viva, num estado de constante dor e indagação. Ela separou, isolou e represou emoções básicas, instantes de revelação cruciais na aventura da personalidade. Filtradas e projetadas, tais emoções aparecem então com a fixidez do meiodia.

Há um eixo emocional, um leitmotivinsistente na contística e também em alguns romances de Salim Miguel: a ligação Biguaçu, cidade de pequeno porte no interior catarinense, centro de colonização libanesa e açoriana, é a capital Florianópolis. Os personagens do ficcionista se deslocam entre uma e outra, fisicamente e pelo exercício da memória, em movimento pendular incessante. São estas as suas referências principais no mapa das emoções que pedem revivescência. Sente-se que o memorialismo é necessário, atua como força poderosa, as criaturas de Salim Miguel dele precisam para revisão do ser.

Elas, as criaturas, estão sempre a se buscarem. Fragmentadas pela diluição da personalidade que a socie-

dade de consumo vai impondo, os personagens dos contos de As Areias do Tempo (de resto, um título bem sintomático da exploração espacialtemporal do ficcionista de Santa Catarina) reúnem lembranças, os quadros mais vivos de sua coleção de ontens e anieontens, partes desencontradas de um enigma pessoal. Na tentativa de juntar as peças, eles pretendem encontrar a identidade. Não propriamente a identidade perdida, senão os fatores que poderiam constituir tal identidade. As criaturas não se perderam; melhor dizendo, não se deram ainda, ou não lhes deram uma identidade.

Não é à-toa que, em As Areias do Tempo, o narrador verifica a respeito de um personagem: "Por mais esforços que faça não conseguirá livrar-se, a memória é muito forte". A memória, instrumento de aferição e guia na busca dos significados. A memória, também um freio, também um cárcere privado.

Um dos contos termina com estas palavras expressivas: "Pegadas na areia do tempo - isto somos nós..." No primeiro relato, o personagem, já na adultidade e sem perspectivas, persegue uma imagem que, se confrontada no dia de sua projeção original, poderia, quem sabe?, mudar-lhe a vida. A época é a da Coluna Prestes, os tempos são os da Aliança Nacional Libertadora. E o foco da memória está centrado na figura de um jovem oficial rebelde que os legalistas julgam foragido em Moscou, mas na realidade comanda ainda uma revolução de frustradas esperanças.

O ficcionista, que produziu even-

tualmente roteiros cinematográficos, parece deslocar-se com uma câmara na mão. Mas uma câmara sensível, que não se limita à visão de superficie. Ao fixar pessoas, ela o faz, qual reversa lanterna mágica, de fora para dentro, acompanhando o rio interior. Paralelamente, Salim Miguel utiliza um processo de documentação também cinematográfico, de vez que a documentação completa e ilustra as introspecções. O narrador, que não é onisciente porque também foi fragmentado, recorre a outras fontes sempre que necessário à terminalidade ou suspensão sugestiva do relato.

E, por fim, trazida pelas frases longas e ondulantes (poucos se atrevem a manejar a língua desse modo caudaloso), que imprime plasticidade às narrações, outro elemento intemporal: aquele vento precursor do tempo, seu anunciador e, ao mesmo tempo, a esponja que o suprime. O tempo do Eclesiastes, que Erico Veríssimo citou como epigrafe do seu ciclo romanesco sobre o Rio Grande do Sul: "Uma geração vai, outra geração vem..." No caso de Salim Miguel, limitado ao microcosmo da história curta, um homem vai, outro homem vem. São as pegadas na areia a que se refere o texto. Ou aquele "velho vento vagabundo de Cruz e Sousa" que sopra nas páginas carregadas de As Areias do Tempo, onde as maresias, não obstante sua ligação com o mar libertário, também significam perplexidade, tédio e vômito.

* Global Editora, Coleção Múltipla, São Paulo, 1988, 100 pp. 008 - STIGGER, Ivo Egon. O medo dos autógrafos e outras confidências. Florianópolis, 05 nov. de 1988

* As Areias do Tempo, lancamento da Global Editora, representa a volta de Salim Miguel ao conto. Mais uma vez, as preocupações que identificam sua obra: tempo e memória, velhice e morte, passado e presente, o permanente conflito entre os seres humanos estão presentes na sua última obra. Também Biguacu e seus fantasmas, que o acompanham desde seus primeiros escritos, figuram da mesma forma que as situações, locais, tramas e personagens que vão e voltam de forma obsedante e reiterativa, que transitam, interligando-se de um texto para o outro, de uma história para outra e, de um livro para o outro.

Jornalista, argumentista e roteirista de cinema, Salim Miguel já publicou "A Voz Submersa", "Dez Contos Escolhidos", "O Castelo de Frankenstein", "A Vida Breve de Sezefredo das Neves". Além dos livros, tem trabalhos publicados no país e no exterior. Salim Miguel, foi o criador do movimento conhecido como Grupo Sul(1948-1958), que modificou o ambiente cultural de Santa Catarina.

O permanente conflito dos homens

pepois de seus quatro últimos livros ("A voz submersa", "Dez contos escolhidos", "O castelo de Frankenstein", anotações sobre autores e livros, e "A vida breve de Segefredo das Neves, poeta", saído em ju-



nho deste ano pela Tché!, de Porto Alegre, Salim Miguel volta ao conto com a coletânea "As areias do tempo", editada pela Global.

Como geralmente cada autor reelabora os mesmos temas, neste livro do escritor catarinense (nascido no Líbano)
estão presentes as preocupações que
identificam sua obra: o tempo e a memória, a velhice e a morte, o passado e o
presente, o permanente conflito entre os
seres humanos. Outra constante é com
Biguaçu e seus fantasmas, que o acom-

panham desde os seus primeios textos ficcionais. Mas, além de Biguiçu, também situações, locais, tramas, personagens que vão e voltam de forma obsedante e reiterativas, que transitam, interligando-se, de um para outro texto, de uma história para outra, de um livro para outro.

É o caso do agora adolescente personagem no conto "Ou Herta ou Irma, ou Ilse, ou Ela, ou...", que aparecera criança em "A aranha" (in "I morte do tenente e outras mortes", Altares, RJ, 1979) ou os personagens de Amanhã", daquele mesmo volume, que perpassam em "Contos de carnaval?" ouressurgem mais idosos em "Pegadas naareia". Seria válido citar personagens omo o preto velho Ti Adão que reaparce em praticamente todos os livros de Salim Miguel.

Outra preocupação que assinala a obra de Salim Miguel é a luta com o texto. Para ele importa muio a qualidade da narrativa. Em sua ficção de atmosfera, marcada pela sugestão que insinua e diz para além do que está claramente expresso, com o psicológico e o social se interpenetrando e complementando, tão ou mais importante do que o que contar é como contar.

Nascido no Libano, em 1924, mas brasileiro e catarinense por naturalização e adoção, Salim Miguel foi criado em Santa Catarina, em zona de colonização alema e açoriana. Jornalista, argumentista e roteirista de cinema, foi o criador do movimento cultural que ficou conhecido como Grupo Sul (revista, artes plásticas, música e cinema) de intensa atividade no período de 1947 a 1958, quando modificou o panorama cultural de Santa Catarina. Trabalhou na imprensa carioca, de 1965 a 1979, quando fundou e dirigiu, com sua mulher, Eglê Malheiros e Cícero Sandroni, a melhor revista de contos que já se editou no Brasil, a "Ficção", de 1976 a 1979.

Espectador do tempo

O catarinense Salim Miguel lança, na Bienal Internacional, em São Paulo, seu último livro Areias do Tempo



O tempo define e apaga todas as outras coisas. É com ele que o escritor retrabalha suas personagens a cada novo livro. É o tempo que traz a velhice e a morte, que faz da memória algo tão forte e tão incoerente. Depois disso, restam os conflitos entre os seres humanos, as picui-

nhas de uma cidade pequena, a necessidade de fugir para outro lugar, buscar coisas novas, conhecer. De qualquer forma, o autor oferece algumas possibilidades às suas criaturas. Elas estão constantemente à procura do tempo perdido. Rastreando a memória, vão e voltam, transitam entre seus escritos. Nesta sexta-feira, às 15 horas, Salim abre mais uma porta para essas personagens que já lhe são íntimas. Estará lançando seu novo livro de contos, As Areias do Tempo (Global, Cz\$ 1.400,00, 100 pp.), no estande nº 46 da Bienal Internacional do Livro, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo.

O livro só chegará nas livrarias de Santa Catarina a partir da próxima semana. É uma boa oportunidade para saber o que anda acontecendo com seus figurantes. Só para adjantar, o escritor acaba de afogar aquele "moreno troncudo" que já aparecera no Amanhã, de A Morte dos Tenentes e Outras Mortes, bebendo com seus três amigos inseparáveis e sonhando em abandonar a terrinha. Pegadas na Areia do Tempo, onde se dá o acidente, é sem dúvida um dos melhores contos desse último livro. A construção é



Quadro de Poty (1951)

extremamente bem elaborada, a narrativa densa, cheia de ritmo e inquietações.

É apenas um homem, "moreno troncudo", que quebra a harmonia assimétrica da paisagem de uma praia com seu corpo morto e suas roupas encharcadas. Mas esse corpo tinha amigos, sonhos e memória. Enquanto afunda, vê desfilar diante de si fragmentos de vida, o braço quebrado na infância, a Revolução de 30, o dia em que quase morreu afogado; chega a reparar no espinhel cheio de peixes, pequenos, grandes, coloridos. Depois o corpo desaparece, somem todos os vestígios de sua existência. Virando algumas páginas, noutro conto, ele volta. Está mais jovem, junto àqueles três companheiros, num baile de carnaval. Ali, mais do que sua presença, estão suas sensações. A música alta, as luzes e a bebida fazem do mundo um carrossel, um caleidoscópio de movimentos loucos, confuSOS.

SUSPENSE

Já no primeiro conto do livro, Ele, há um jogo diferente, um verdadeiro contorcionismo do escritor para conseguir o efeito exato. Um velho lê um livro e percebe que não havia se enganado: "Então era ele!" Ele estivera mesmo em Florianópolis, dormira aqui. O livro é Olga, de Fernando Moraes, e "ele" é Prestes, que estava se escondendo na cidade. Ohomem, quando jovem, tinha reconhecido-o na rua, se o tivesse interpelado poderia ter mudado toda a história do Brasil naquele dia. A palavra "ele" só é utilizada para se referir ao líder da Intentona Comunista. Assim, todo um clima de suspense é criado em volta da trama e as coisas só se esclarecem no final.

Buck Jones, Aliás Célioé a biografia de um menino que se fez homem sonhando com seu herói do cinema. Nesse conto, como em toda a obra de Salim Miguel, está a Florianópolis transfigurada pela literatura. O escritor, de Biguaçu, faz dessas duas cidades seu condado faulkneriano, sua Macondo. Não importa que elas realmente existam, ele as recriou. Essa discussão, sobre a criação, faz o último conto, Um Verão Louco. Ali, personagem e escritor finalmente se confrontam. É a realidade e a ficção se mesclando, se transmudando. O criador vira criatura e se perde entre o que foi escrito.

Salim Miguel é um espectador do tempo. Às vezes chega a desafiá-lo. Então recua e espera para ver no que dá. Suas personagens o cercam, chegam tão perto que pensam poder tocá-lo com a ponta dos dedos, agarrá-lo inesperadamente entre a pose para a fotografia e o clic da máquina. Ilusão. Ele se vai, esvai. O escritor capta. Isso é tudo o que consegue do tempo, sentir que ele está fugindo, descrever sua debandada e a angústia humana de saber que ele já se foi.

Biografia de um poeta imaginário

Além de As Areias do Tempo, Salim Miguel estará autografando nesta quintafeira, às 20 horas, o romance A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta, no estande nº 155 do Pavilhão da Bienal. Este livro foi publicado no começo do ano e, como num jogo de armar, constrói a biografia de um poeta imaginário. O escritor recebe uma maçaroca das mãos de um velho conhecido. Ali, está o espólio literário de Sezefredo: contos, poemas e partes de um diário íntimo. Com isso se faz o romance. Lembranças do tempo do Grupo Sul, das reviravoltas literárias em Florianópolis, a infância em Biguaçu, tudo se mistura com a ficção bem trabalhada de um escritor maduro. O resultado é um livro forte, de estrutura diferente e trama no mínimo curiosa.

Salim Miguel, com outros jovens, foi criador do movimento conhecido como Grupo Sul (1948/1958), que modificou o ambiente cultural de Santa Catarina. Fez cinema, roteiros, editou a revista Ficção e por muito tempo trabalhou como jornalista. Atualmente, dirige a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. Entre suas obras estão Velhice e Outros Contos (1951), Alguma Gente (contos, 1953), Rede (romance, 1955), O Primeiro Gosto (contos, 1973), A Voz Submersa (romance, 1984) e O Castelo de Frankenstein (crítica literária, 1986).

Para o próximo ano, Salim tem mais dois livros. Um reunirá críticas literárias antigas e recentes, com o nome de O Castelo de Frankenstein II. O outro ainda está sendo escrito. É uma novela em três atos que se chamará As Várias Faces. O autor já está em sua quarta versão - são mais de 30 personagens - e os originais devem estar prontos até outubro.

Minas Jerais - Lupl. Lat. 26/01/74

O PRAZER LÚDICO E A CRIAÇÃO

A década dos 50, no Brasil, foi rica em publicações literárias. Havia, entre outras, a Revista Branca no Rio, Cla no Ceará e Joaquim em Curitiba. A mais dinâmica, porém, e mais aberta à colaboração de escritores jovens era Sul, de Florianópolis, editada por um grupo que faziam parte Eglê Malheiros, Anibal Nunes Pires, Walmor Cardoso da Silva e Oswaldo F. de Melo Filho. Liderando esses escritores, embora sempre se colocando em discreto segundo plano, atuava Salim Miguel. Bem informado sobre o que se passava no mundo literário internacional, aberto às posições novas e alheio às conveniências do "bem viver" intelectual, Salim Miguel criou condições favoráveis ao aparecimento, em Sul, de numerosos escritores desconhecidos, alguns dos quais vieram depois a conquistar posições bastante definidas na literatura brasileira contemporânea.

Fui testemunha das lutas de Salim Miguel à frente de Sul. E provavelmente não estaria hoje empenhado na tentativa de concretização de uma obra novelística, se dele não tivesse

recebido, na hora necessária, o apoio certo.

Escrever esta nota de apresentação do novo livro de contos de Salim Miguel significa para mim grande distinção. Pois as suas qualidades humanas só não são superadas pela força de sua ficção.

O Primeiro Gosto (*) coloca, de saída, um problema relevante no campo da teoria literária, que consiste em investigar onde está e em que consiste a significação de um texto poético. Em termos de reflexão crítica, teria validade a busca da literaridade; ou essa proposição, no momento em que se coloca, serviria apenas para mascarar e encobrir interrogações que não podem ou não devem ser feitas?

Quando utilizo palavras para descrever meus sentimentos, minha própria história já deu a essas palavras um sentido diferente. E elas têm, na história da linguagem, variados sentidos. O estilo literário seria a adequação de todos esses dados. E o trabalho específico do escritor nela se resumiria.

Quando Salim Miguel escreve — e isso está explícito em

O Primeiro Gosto - sua finalidade maior é a relação com o outro. As articulações que se estabelecem entre as palavras constitutivas dos seus contos não visam apenas à armação de esquemas formais, nem desempenham meramente o papel de sinais. As palavras, em Salim Miguel, não servem somente para designar objetos. Ele os designa de uma certa maneira, com a intenção de alcançar determinadas ressonâncias, indicativas da sua visão de mundo. A própria natureza da linguagem implica um certo residuo de incomunicabilidade. Mas essa dificuldade, em termos de comunicação literária, não intimida Salim Miguel. Além do prazer lúdico de manejar palavras, há em O Primeiro Gosto um esforço bem sucedido de desvelamento da própria linguagem, na criação de uma obra literária de alto nível.

Esdras do NASCIMENTO

(*) O PRIMEIRO GOSTO, de Salim Miguel — Editora Movimento, Porto Alegre, 1973.





013 - VELOSO, Reis. Em primeira mão. Tribuna da Impresa, [S.I.], 11 out. de 1973. p. 3

::---::

A Editora Movimento, de Porto Alegre, está lancando o livro de contos "O Primeiro Gosto", do jornalista Salim Miguel. Catarinense, o autor, procura oferecer, em seu livro, um retrato de Santa Catarina de ontem, imergindo nos costumes e no cotidiano de seu povo. Na apresentacão. Esdras do Nascimento destaca que "quando Salim Miguel escreve sua finalidade major é a relação com o outro".

Contistas do Sul

Com versos de Camões e Drummond, o catarinense Salim Miguel situa o tempo de suas ficções. "Aquilo a que já quis é tão mudado", da lírica camoniana, define bem seu processo rememorativo. Por exemplo: no conto inicial de O Primeiro Gosto (1), em que alguém se põe a recordar uma cadeira que serviu a várias gerações e acaba confinada a um porão de trastes velhos. A simples presença da madeira gasta e da palha rota é suficiente para deflagrar o mecanismo da memória.

Eis uma ficção que, na novelistica brasileira de extração contemporanea, parece ter um modelo em O Chapéu de Meu Pai, o conto que mais aprecio em Aurélio Buarque de Holanda, autor de um unico volume de historias curtas, Dois Mundos. Ambos os contos, o de Salim Miguel e o de Aurélio, ligados à recuperação proustiana do tempo aparentemente perdido. "Somos cegos, surdos e mudos às modificações que o fluir do tempo traz. Um dia, porém, era o desmoronar de todo um mundo que julgávamos indesmoronável", anota o homem maduro que recria um rico tempo interior, a partir de uma cadeira.

A outra epigrafe utilizada por Salim Miguel coloca suas ficções no presente, na vida que ele testemunha não apenas com a lembrança. "O tempo é a minha matéria, o tempo / presente, os homens presentes / a vida presente." Estas linhas tiradas de Drummond identificam no conto de Salim Miguel o seu melhor aspecto, a sua vocação mais acabada, que é o jeito de se aproximar da vida que acontece, surpreendendo-a. O contista assemelha-se ao reporter sensível que anota, registra. Os quadros existenciais que ele observou e captou em forma de ficção lembram as histórias de Gorki. O russo exaltou esta sua experiência direta com o povo, chamando-a de suas universidades.

Salim Miguel, um observador atento e solidário, também extrai seus contos do real. O cotidiano

é a fonte que alimenta o seu conto. Neste seu novo livro há o escritor que se lembra e o escritor que se entrega a um jogo conceitual que marcou toda a boa ficção de Machado de Assis — de quem, aliás, o ficcionista catarinense guarda certas ressonancias de tom e de frase. Machado deve ser uma de suas maiores admirações, coisa fácil de se notar no manejo da lingua, no apuro da linguagem literária. Mas o conto de Salim Miguel que mais impressiona é o da extroversão. Ele tem pendor para a análise introspectiva, para a captação de universos fechados da individualidade, mas se impõe como um escritor de exteriores, um recriador da vida coletiva.

Tão poderosa é esta sua capacidade de captar situações onde o geral predomina, mesmo através de estados particulares, que o conto rememorativo da impressão de ser em sua obra um acidente, e o conto em que ele exprime conceitos deixa-o pouco a vontade, um tanto artificioso. O conto esmiuçador de realidades e o seu forte, e neste aspecto O Primeiro Gosto oferece uma boa realização ficcional, que e Rinha. A crueldade absurda das brigas de galo promovidas como esporte e meio de vida está aí bem exposta, embora o escritor nao tome participação direta, não pronuncie frases indignadas. A indignação transmite-se diretamente ao leitor. Noturno, um conto sobre a ferocidade e o tédio do amor que se limita às relações físicas, seria ainda mais satisfatorio se o autor conseguisse elidir, como em Rinha, todos os elementos conceituais. Na arte de sugerir, deixando o conto em estado de quase total essência, Hemingway continua a ser extraordinário modelo para os narradores modernos. Em The Killers ele eliminou o desfecho, logrando, porém, o milagre de deixá-lo implicito. Eliminou até mesmo, conforme seu depoimento, toda a cidade de Chicago. E fez uma obra-prima sobre os gangsters de Chicago.

No Cartório e Suplente são contos anedóticos. Desmontada a estrutura, pouco resta de seu núcleo vital. O que os redime é aquela tristeza / alegria de fundo patético, que Salim Miguel conse-

gue externar sempre que vai recolher suas ficções na realidade
imediata e as preserva o mais possível do que Esdras do Nascimento
chama de literaridade — a literaridade, neste caso, deformadora.

Sem Rumo será, nesta linha, a
pungente história de um nordestino andarilho e um dos pontos
altos do volume.

Ainda é cedo para julgar Ieda Inda (2). Deve ser estreante, e no seu primeiro livro os três contos que o compoem impressionam sobretudo pela rigorosa unidade de concepção, linguagem, atmosfera. Seu reino é o da poesia programada pela prosa. Uma narração sinfônica que amassa e dilui os vários aspectos da realização literária e espalha pelo texto uma fluência única, muito melódica. A escritora gaúcha abrange o diálogo e o monólogo, tornando-os peças inseparáveis da narração, e resulta disso o conto em estado de núcleo, poderosamente sugestivo na difusão de sua nebulosa.

Contos sobre particulares estados de animo, ou sobre acontecimentos vistos pelo prisma dessa intensa particularidade. O mundo exterior que se explica, quando se explica, pela interiorização. Uma luta surda de pessoas contra aquele seu jeito de ser e de estar no mundo, a que se referiu um poeta, e contra suas circunstancias biográficas. Ecos e vozes deste conflito sobem à tona e iluminam com a brevidade de relampagos a estrutura do relato. Ieda Inda, na sua filiação poética deliberadamente procurada, abstrai fatos em função de emoções fundamentais alimentadas por casas, objetos, plantas, minerais. O inventário é rico. Sente-se que suas personagens entram em crise quando este mundo de coisas elementares é conspurcado. O conto Profanação define bem o drama woolfiano de ver a simplicidade da vida por um telescópio intelectual.

⁽¹⁾ Salim Miguel - O Primeiro Gosto, Editora Movimento, Porto Alegre, 1973, 94 páginas.

⁽²⁾ leda Inda — O Arquiteto ou Encantamento da Sexta-Feira Santa. Editora Movimento, Porto Alegre, 1973, 67 páginas.

015 - STODIEK, Beto. Duas para amanhã. O Estado. Florianópolis, 08 nov. de 1973.

Duas para amanhã

Salim Miguel já está na terra para o lançamento, amanhã, no Stúdio A 2, do seu último livro de contos, O Primeiro Gosto. A festa de lançamento, com quibes, odaliscas e geladíssimo vinho rosé, deverá ser dos grandes rebus do ano no setor literário. Tout Florianópolis comparecerá. A descontração será total e muitos já estão fazendo roupinhas especiais e fantasias para homenagear o famoso beletrista líbano-biguaçuense.

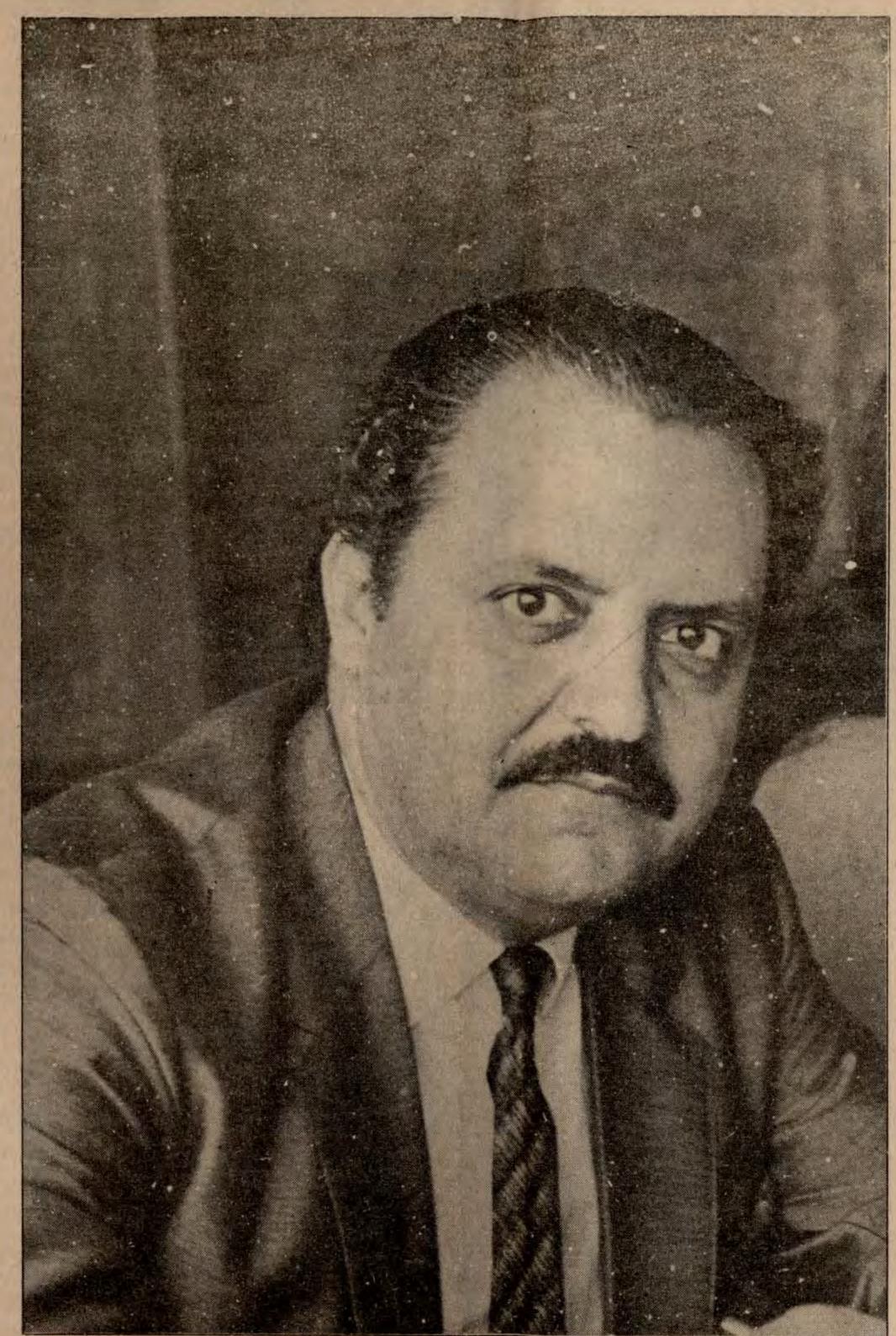
O Primeiro Gosto marca uma volta há muito requerida

Depois de mais de dez anos longe das estantes, SALIM MIGUEL lança, hoje à noite, no Stúdio A2, o seu mais recente livro de contos, publicado pela Editora Movimento: O Primeiro Costo. Mas essa interrupção não significa (como ele explica aí em baixo) que Salim parou de escrever. Durante todo esse período continuou produzindo (isto sem falar nas suas atividades jornalisticas) e já tem na gaveta mais três livros, em ponto de bala para entrar na impressora (um romance uma peça de teatro e mais um volume de contos). Esses livros darão continuidade à obra de um escritor, que, num determinado período, foi um dos mais férteis ficcionistas catarinense.

Salim coneçou a aparecer em fins da década de 40, como um dos fundadores e ativo integrante do Grupo Sul, movimento cultural nascido em Florianópolis e que se tornou célebre em todo o país, nos meios literários e intelectuais. (E até hoje ainda é lembrado. Um fotógrafo da revista Manchete me contou que, numa viagem ao norte brasileiro Salim era constantemente reconhecido por intelectuais da hoje "velha guarda" - apesar de Salim não se considerar incluído na categoria -, devido a sua atuação na revista "Sul"). E, a partir de 1951. ele desenvolveu febril atividade literária: publicou dois volumes de contos (Velhice e Alguma Gente), um romunce (Rede), todos muito bem acolhidos pela crítica brasileira, participou de diversas antologias, organizou outras, andou metido em cinema, teatro e começou a se dedicar profissionalmente ao jornalismo. Coma dissolução do Grupo Sui, em 1958, Salim envolveu-se em novos movimentos e tornou-se uma espécie de Mário de Andrade catarinense (foi nessa fase que o conheci). Estava sempre disposto a ajudar e dar empurrãozinhos a novos talentos e a ler originais de muitos gênios incompreendidos que surgiam por aí. Em 1961 ingressou no hoje célebre Serviço de Imprensa do Gabinete de Relações Públicas do Governo de Santa Catarina, que muito contribuiu para a renovação do jornalismo catarinense. Em 1965 foi para o Rio, como redator da Agência Nacional e logo era admitido como "copy-desk" da revista "Fatos e Fotos". Um ano depois transferiu-se para "Manchete", onde permanece até hoje. A ida para o Rio marcou também o início de uma nova fase literária para Salim.

O "Primeiro Gosto", compõe-se de dez contos, onde, segundo Hélio Pólvora, em artigo publicado na edição da última quarta-feira do "Jornal do Brasil", "o escritor lembra e se entrega a um jogo conceitual que marcou toda a boa ficção de Machado de Assis - de quem, aliás, o ficcionista catarinense guarda certas ressonâncias de tom e de frase. Machado deve ser uma das suas maiores admirações, coisa fácil de se notar no manejo da língua, no apuro da forma literária",

Salim Miguel, hoje com 49 anos, casado com Eglê Malheiros, também escritora e antiga componente do Grupo Sul, cinco filhos, confessa-se um eterno insatisfeito - "Não pretendo nunca me sentir realizado" – diz ele – "porque isso significaria o fim da busca. Enquanto viver quero continuar buscando, consequentemente, criando".



Salim Miguel e seu velho pai, José, nascido no Líbano há 76 anos. Ele veio para o Brasil e radicou-se em Biguaçu onde Salim criou-se.



Salim e seu filho mais novo, Luiz Felipe, que atentamente acompanha o trabalho do pai, já demonstrando certos pendores para as letras.



O grupo de teatro criado pelo movimento "Sul", do qual Salim fazia parte, representou, pela primeira vez no Brasil, uma peça de Sartre.



Salim Miguel: Maktub

A seguir Salim Miguel explica suas posições diante do fenômeno estético-literário, ressaltando que o escrever, para ele, é um ato compulsivo, que nunca poderá ser abandonado. E cita uma palavra, que, como num fatalismo líbano-biguaçuense, o acompanha pela a vida afora: MAKTUB.

Por Raul Caldas F?

1 - O Grupo SUL deixou marca em Santa Catarina? R. - Deixou. Com seus acertos e erros, deixou. Isto é inquestionável. Hoje, à distância "provecta" de 25 anos, já é possível tentar-se una análise um tanto isenta de paixões. Vejamos, então, um pouco de história: em 1948, um grupo de jovens catarinenses se agrupou e criou um movimento com o objetivo de "sacudir a mesmice cultural da ilha de Santa Catarina". As repercussões e críticas foram várias e de diferentes setores. No entanto, ele nem era novo ou inédito. Pode -se mesmo dizer que era uma réplica, em termos catarinenses, do que em São Paulo fora, em 1922, a Semana de Arte Moderna. O nativo ficou conhecido como grupo Sul e também teve o seu Graça Aranha: Aníbal Nunes Pires. Isso porque, sendo a maioria dos seus componentes gente muito jovem e que nunca saira da ilha, lutava aqui para ampliar visões, fazer chegar um pouco do que se estava tentando no Brasil e no mundo naquele após-guerra, com todas as suas contradições e tumultos. Aníbal tivera grande v vência (e conv vência) como estudante no Rio, onde participara de ativ dades culturais, frequentara rodas de jovens intelectuais. Retornando a Florianópolis, tornara-se seu nome bastante conhecido como educador, lecionando as mais diferentes matérias no Colégio Catarinense, no Col gio Coração de Jesus, no Instituto de Educação. Embora jovem, incentivava os mais jovens, tinha uma abertura e uma visão incríveis para o problema educacional, aplicando métodos e preconizando teorias que só hoje começam a ser postas em prática.

2 - E nisto tudo o Grupo Sul?

R - O chamado Grupo Sul era o mais heterogêneo possível, com interesses os mais diversos, com jovens provindos das mais diferentes camadas sociais e inteletuais. Num determinado momento, como sóe (vá lá o termo chato) acontecer, se encontraram, na figueira, nos bares, nos bancos escolares. Dos bate-papos intermináveis surgiu a necessidade de algo mais concreto. E em menos de três anos tinha-se: grupo de teatro experimental (que representou Sartre pela primeira vez no Brasil), clube de cinema, clube de gravura, ciclo de conferências, centro de estudos musicais, revista e editora Sul, e, pouco mais tarde, consequência do grupo, uma produtora cinematográfica. Tudo isto sob a vaga denominação de Círculo de Arte Moderna. Esse círculo, entretanto, inteiramente informal, nunca teve diretoria, nem estatudos, nem qualquer tipo de vinculação com grupos políticos, estéticos ou sociais. Era aberto ao debate de ideias, às formulações literárias, à pesquisa e experimentação.

3 - Alguns nomes que mais atuaram. Lembra-se?

R - Entre os mais atuantes, poderia indicar, além do próprio Aníbal, Ody Fraga e Silva, Pedro Taulois, Antonio Paladino, Walmor Cardoso da Silva, Eglê

"Pode-se dizer que o nosso movimento era uma réplica, em termos catarinenses, da Semana da Arte Moderna de 1922. Era o Grupo "Sul" e também teve o seu Graça Aranha: Aníbal Nunes Pires. O Grupo, com acentos e erros deixou suas marcas".

"Em menos de três anos tinha-se: grupo de teatro experimental, clube de cinema, clube de gravura, ciclo de conferências, centro de estudos musica is e a revista e a editora "Sul". Mais tarde resolvemos fazer cinema".

Malheiros, Élio Balstaedt, Armando Carreirão, Hamilton Ferreira, Guido Wilmar Sassi. Um pouco mais tarde, outros como Osvaldo Ferreira de Melo Filho, Silveira de Souza, Jason Cesar Carvalho, Hugo Mund Jr., Aldo Nunes, Meyer Filho, Hassis.

4 - E você?

atividades outras.

R - Desde o início minha atividade foi mais voltada: para a coordenação da revista e das edições SUL. Num período de 10 anos, surgiram 30 números de revista e cerca de 20 edições. Para mim, foi um período de intensa atividade literária e cultural. Além do trabalho na revista e nas edições, passei a colaborar na imprensa local e na de outros Estados.

5 - O jornalismo atrapalha a literatura ou vice-versa? R - A controvérsia nos levaria longe. Num certo sentido, prejudica. Prejudica porque me parece que o escritor deveria dedicar-se em tempo integral à sua obra. Deveria ser, como nos Estados Unidos por exemplo, escritor profissional. No Brasil isto é impossível. Então o jornalismo passa a ser, digamos assim, o mal menor. Se desvia o escritor de sua verdadeira vocação e destino, pelo menos lhe dá uma instrumentação. Em contrapartida, a pressa da imprensa pode levar a uma literatura apressada, no sentido de elaborada de afogadilho, quando se sabe que literatura é dez por cento de inspiração e noventa por cento de transpiração. O debruçar-se sobre o papel depois do jorro inicial, a luta com a palavra, a procura e a insatisfação - tudo isto exige dedicação e tempo, um tempo consumido em

6 - Por que o escritor catarinense mais produtivo entre 1951-55 parou de publicar por mais de 10 anos?

R - Essa parada não significou o abandono da atividade literária, mas uma reformulação de posições

R - Essa parada não significou o abandono da atividade literária, mas una reformulação de posições diante do fenômeno estético-literário. Escrever, para mim, é um ato compulsivo, que nunca poderá ser abandonado. Creio que quando mais jovens, por menos vaidosos que sejamos, sempre nos agrada a publicação em livro, o nome numa lombada. Como tempo vemos que o importante não é publicar. Importante é o que se publica. Importante é que a obra publicada tenha um significado, represente alguma coisa, seja estética e socialmente válida. Não basta que tenhamos o que contar; é preciso saber contar. É preciso recriar/ou/inventar com autenticidade todo um mundo. Fui formando, assim, ao longo dos anos, uma série de conceitos, calcados na vivência, nas infindáveis leituras e na experiência com o bicho homem. Um deles é que a finalidade da arte não é agradar, mas agredir. Provocar. Motivar. Fazer pensar. A outra é que, muito embora a literatura seja um reflexo da realidade, o artista não pode e não deve copiar servilmente esta realidade. Ele precisa

der força, ter garra, ter autenticidade, e ter talento, óbvio, para recriar ou inventar uma realidade. Inventá-la e torná-la válida para o leitor. De qualquer forma, esse período representou um impasse para mim. Além disso, a necessidade de sobrevivência me levou para outros runos: o jornalismo de tempo integral. E quando a gente vai ver, na luta-pela sobrevivência acaba-se gastando o melhor de nós mesmos. E quando acabamos de so breviver, estamos na hora de morrer.

7 - Então, por que literatura? E o famoso sangue árabe não falou mais alto?

R - Eu diria que nós não escolhemos a profissão. Sonos por ela escolhidos. Acrescentaria, num fatalismo líbano-biguaçuense uma palavra: maktub (estava escrito). O escrever, repito, para mim é um ato compulsivo. Confesso que me agrada muitíssimo mais ler. Mas tenho certeza de que nunca poderei deixar de escrever. Paro, entro em pane, medito, reformulo, tenho períodos de "náusea literária", mas o virus é forte, foi inoculado na infância, talvez antes de nascer. Poderia, talvez forçando um tanto a barra, adicionar: porque através da literatura procuro ser, dar o meu recado, não melhor nem pior do que outro qualquer. Repito que feliz ou infelizmente nunca conseguirei deixar de escrever. Acho que, todos nos, que escrevemos, no começo nos julgamos capazes de fazer "o livro". Como passar dos anos vemos que a luta com e contra a palavra se torna cada vez mais difícil e a procura do termo justo uma tortura permanente. Mas aí é que está o gostoso. Sentir que, de repente domamos o bicho, chegamos perto do que sonhamos. E aí é prosseguir. Sempre. Um último detalhe: minha ficção, me parece, às vezes é prejudicada pelo crítico e ensaista que procurei ser. E chega.

8 - Como jornalista atuante qual a sua opinião sobre a imprensa catarinense de hoje?

R - Hoje existe imprensa em Santa Catarina. A prova disto está aqui: O ESTADO. Ou em Blumenau: Jornal de Santa Catarina. O salto foi espantoso. Tanto gráfica como jornalisticamente. Já são jornais. Mas deve-se fazer justiça. Eu indicaria como começo dessa revolução um fato de 1961 e um nome. O fato: a criação do Gabinete de Relações Públicas. O nome: Fúlvio Luís Vieira. Ele agrupou, no seu serviço de imprensa, uma turma jovem e aberta, de idéias avançadas, que tinha uma nova visão do fato jornalístico. Procuraram ver e estudar, acompanhar a renovação que se processava na imprensa do país. O resultado ai está: um Ilmar Carvalho, um Marcilio Medeiros, um Hélio K. Silva, uma Iára Pedrosa, um Luís Henrique Tancredo, um Carlos Ronald Schmidt, um Paulo da Costa Ramos, um Raul Caldas Filho, além de fotógrafos como Waldemar Anacleto, Paulo Dutra, Nilson Cardoso, Wilson Tolomiotti - para me limitar aos que, à época, mais diretamente atuaram. Outros fatores foram a explosão de Florianópolis, que acordou de uma

> "Desde o início minha atividade foi mais voltada para a coordenação da revista e das edições "Sul". Num período de 10 anos surgiram 30 números das revistas e cerca de 20 ed ições. Foi um período fecundo"

O conto Rinha, de O Primeiro Gosto, foi incluído numa antologia do conto brasileiro que está saindo na Alemanha. Além de suas atividades jornalísticas, Salim faz parte também da equipe da Enciclopédia Delta-Larousse.

longa hibernação, a UDESC e a UFSC.

9 - Influências e leituras? Quais as mais próximas? R - Quanto às influências, estão no ar. E quase impossível, ainda mais o próprio autor, detectá-las. Afinidades, no sentido de encarar o mundo e sua problemática, sim. Citar seria me alongar. Deixo, contudo, algumas indicações. A primeira é que sempre fui um devorador de livros. Aos dez anos misturava a leitura dos folhetins de Michel Zevaco com Schopenhauer. Depois, logo depois, descobri Machado de Assis. Aliás, continuo descobrindo o velho machadinho dia-a-dia. Minha leitura foi sempre tumultada, sem organicidade, sem método. Lia de tudo. A triagem veio aos poucos: Gogol, Dostoiewski, Tchecov, Stendal, Joyce, Proust, Italo Zvevo, Hardy, Faulkner, quantos mais. Considero a literatura hispano-americana atual a mais pujante do mundo. Este é outro capítulo. Do Brasil, fiquemos nos mortos: Machado, Graciliano, Lima Barreto, M. Antonio de Almeida, Raul Pompéia, Mário de Andrade, Marques Rebelo.

10 - Afinal, O PRIMEIRO GOSTO?

R - Pra começo de conversa, se não gostarem do título, reclamem do autor: Camões. Pelos contos sou responsável. Num deles tenho parceiro: o José Hamilton Martinelli, que só por isso não foi citado mais atrás. Devo aqui, algumas palavras de agradecimento: ao Esdras de Nascimento que apadrinhou; ao Sachet, que confiou no editor; ao editor, que acreditou no livro, num momento difícil e ao Studio A-2 que o vai lançar hoje. Outra referência: a Eglê, minha mulher, que fica me atucanando pra que eu solte os "demônios interiores". O resultado está aí. O volume reúne contos de diversas épocas. O espírito da obra está nas duas epígrafes: uma de Camões e outra do Drumond. Como vêem, pelo menos sei me cercar. Embora alguns contos não reflitami, hoje, a minha visão da coisa literária, como a encaro, me parecem válidos pela carga que os informa. Tem um significado, no momento que os realizei marcavam um dado momento do meu mundo de escritor. E como escritor, o que mais me fascina é o bicho homem, é a pesquisa, é a insatisfação perene, a busca. Porisso não acredito em obra acabada. Aliás, detesto o "acabado". Acabado significa morto. E um escritor que se diz realizado, de obra acabada, só tem uma saída: dar um tiro na cabeça. Neste sentido, os contos do presente volume representam diversas tendências, experiencias com a palavra, a construção da frase, e sugestão implícita. A luta coma palavra é árdua. Devo confessar que, muitas vezes, não consigo vencer a batalha. Nem por isso vou desistir. Indicaria, no caso, como tentativa de explicação ou método de trabalho do fato literário e da luta do autor por sua obra, o último conto do volume, intitulado "Os Nossos Iguais".

O Primeiro Gosto

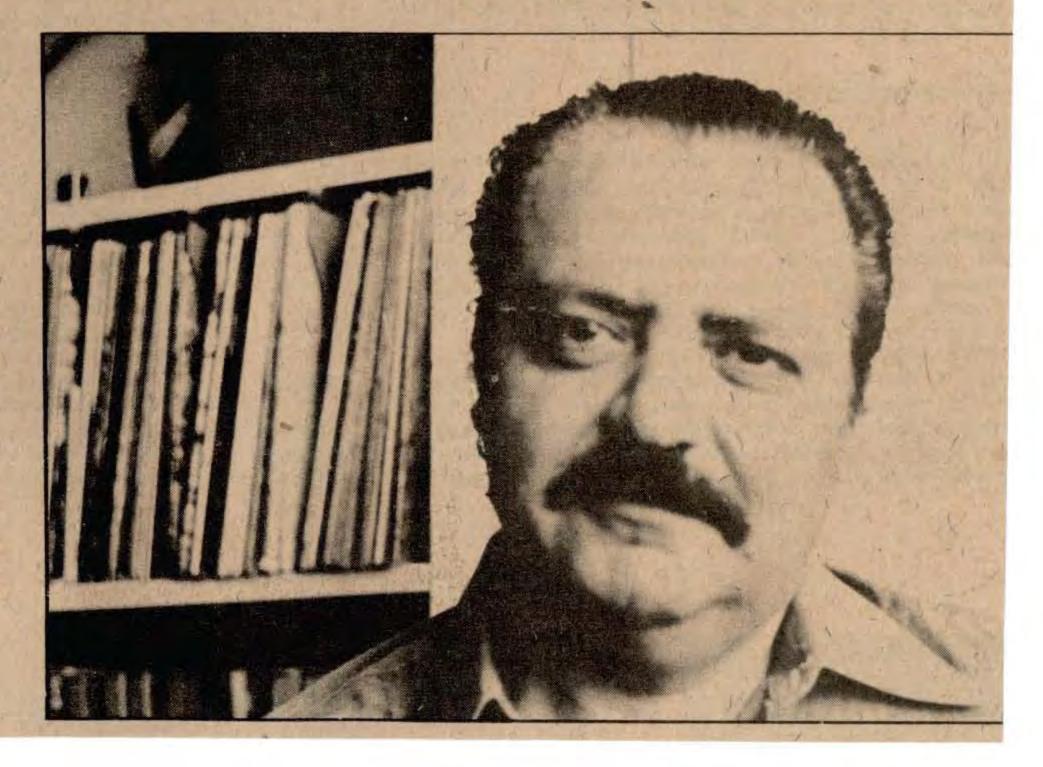
O lançamento de "O Primeiro Gosto", de Salim Miguel, na noite de hoje, encerra uma peculiaridade: o autor, que sempre se revelou contra as "noites de autógrafos", acabou se curvando as exigências do editor e de amigos e terminará por conceder não uma, mas duas dessas sessões "litero-sociais". A primeira ferir-se-á às 18,30, na Livraria Lunardelli, na Rua Deodoro e a segunda, puxada

a quibes e vinho, à partir das 21,00, no Studio A-2. Apesar da distribuição de convites, os organizadores lembram que a entrada, mais que franca, é até requerida.

"O Primeiro Gosto", 3º livro de Salim Miguel

O contista catarinense
Salim Miguel, um dos líderes do movimento de renovação literária que teve
início em 1948 e que criou
em Florianópolis o Círculo
de Arte Moderna e o grupo Sul, lançará hoje na Ilha.
seu terceiro livro: "O Pri
meiro Gosto".

Jornalista, homem vivi do e de muitas histórias, Salim que atualmente reside na Guanabara, escolheu a Editora Movimento, de Porto Alegre, para o lançamento, e a Livraria Lunardelli para a distribuição de mais esta obra. Das 18 às 19h30min. Salim Miguel estará autografando à Rua Victor Meirelles,41, e as 21 horas, na Padre Toma 55, no lançamento que vai ter coquete.



Salim

Salim Miguel teve a oportunidade de comprovar mais uma vez o grande número de amigos que possui em Santa Catarina. O casarão onde está instalado o Studio A-2 foi pequeno para abrigar todos aqueles que foram ao lançamento de "O Primeiro Gosto". Salim autografou perto de 200 livros, entre quibes e vinhos rosé. Entre os presentes, gente de vários municípios catarinenses.

020 - TEXTO-POÉTICO. **O Estado.** Florianópolis, 12 nov. de 1973.

Texto-poético



O Primeiro Gosto; Salim Miguel; Movimento; 94 págs; Cr\$12,00 - Lançado em noite de autógrafos na última sexta-feira no Stúdio A-2, este livro distribuído em SC pela Lunardelli "consiste em investigar onde está em que consiste a significação de um texto poético". A crítica aponta "O Primeiro Gosto" como sendo o resultado de um esforço bem sucedido de desvelamento da própria linguagem: uma obra literária de alto nível. Um povo sofrido mas alegre ressurge inteiro nestas histórias de Salim Miguel. Há em todas elas um retrospecto existencial.



Salim e o (primeiro) gosto do sucesso

* Houve naturalmente, uma ou outra reação por parte dos mais conservadores — o que fazer? Por isso, Salim Miguel resolveu, antes da magnifica noite de autógrafos no Stúdio A 2, fazer uma tarde de autógrafos na Livraria Lunardelli.

*Mas o sucesso, o desbunde, o deslumbre — e é o que interessa aos muitos leitores e leitrizes — foi a noite de autógrafos na Galeria do A 2, que engalanou-se, orientalizou-se para receber Salim, O Primeiro Gosto (o livro lançado na ocasião), muitos, e muitos convidados. Tudo numa ambientação que fazia lembrar as mil e uma noites, entre quibes, odalis-

cas e vinho Rosé de fina safra.

* De Joinville, especialmente para a festa, veio o Prefeito Pedro Ivo Campos acompanhado por Marize, A Bela primeira dama, do casal Mauro Moura, Chefe de Gabinete e da loura pantera Leda Fontes. De Blumenau, representando o Prefeito Félix Theiss veio, o Relações Públicas da Prefeitura, Jota Nobrega. Teleco e Tereza Nobrega também vieram especialmente. O casal em questão debutava em grande estilo no A 2. Dagoberto Koentopp, o arquiteto da Colônia de Dona Francisca foi outro dos presentes. Renato Ramos da Silva também compareceu. Dona Kirana Lacerda, acompanhada pela filha Irene Lacerda Rosa, e Rosita Schnorr eram as duas tradicionais figuras da noite, além do Desembargador Ferreira Bastos. Iara Pedrosa, de Moshe Dayan, como bem mostra a foto, não chegou a criar um atrito com o beletrista libano-biguaçuense – tudo era coexistência pacifica.

*Do jornal O Estado, compareceu toda a cúpula editorial: Marcílio Medeiros Filho, Paulo da Costa Ramos (avec Arlete) e Luiz Henrique Tancredo. E mais: Fúlvio e Leonida Vieira; Nelson Nunes, Paulo e Vera Ferreira Lima; David e Beth idem idem, Vera e Ricardo Saunders; Milton Cherem; Ylmar Carvalho devidamente acompanhado de uma loura (Oh surprise!); Ernesto e Ruth Meyer Filho; Deodoro Lopes Vieira; Rose e



Murilo Pirajá; (e as almofadas); Vaiani e Osmar Pisani; Mario e Laura Correa; José Paulo e Moema Boabaid: Leninha Beck e Hamilton Carriço de Oliveira; Anne Beck; Concita Leite, Zilda Dücker; Norma Mussi; Hend Miguel Cavalcanti; Fauzi, Said e Jorge Miguel, todos devidamente acompanhados das mulheres; as juízas trabalhistas e gaúchas, Dayse Pinto e Catarina Da La Costa; Moacir Pereira; todo o Grupo Sul, entre eles o Graça Aranha de Santa Catarina, Anibal Nunes Pires (Iara "Moshe Dayan" Pedrosa, agradecida eternamente); Ondina e Amadeu Mayr (um seu tapete ajudou a embelezar, e muito a noite); Jorge Mayr; Carlos Ronald Schmidt; Rodrigo de Haro; Maria e Martinho de Haro: e mais mil e um elementos do beautiful people, gente jovem e lindissima que é a alegria dos olhos, o palpitar dos coracões. Muitos outros, muitas outras compareceram - não há como citá-los: a memória é falha, o espaço pequeno. No entanto, só tenho a dizer, que foi mais um sucesso do A 2. De leve.

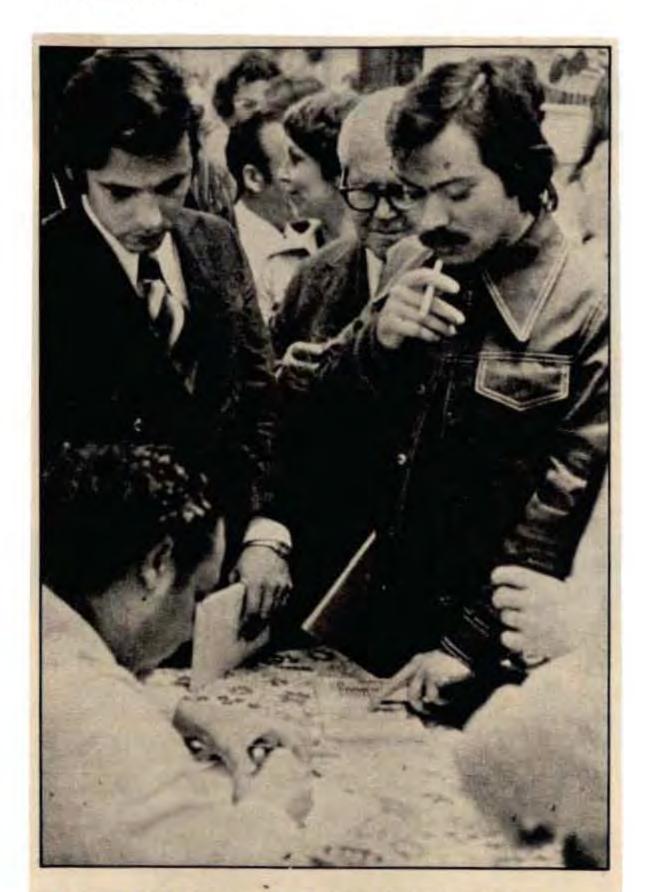




022 - EM FLORIANÓPOLIS. Manchete. Rio de Janeiro, dez. de 1973. O Brasil em Manchete.



023 - O PRIMEIRO gosto de Salim Miguel. Fatos e Fotos, 07 dez. de 1973. Flash.



O PRIMEIRO GOSTO DE SALIM

■ Em Florianópolis, numa noite de autógrafos que começou na Livraria e Distribuidora Lunardelli e terminou pela madrugada no Studio A-2, promoção da UDESC, o jornalista Salim Miguel assinou cerca de 300 exemplares de seu livro de contos O Primeiro Gosto. Lançado pela Editora Movimento, de Porto Alegre, o volume reúne, num retrospecto existencial, histórias da gente e da terra catarinense. Em crítica para o Jornal do Brasil, Hélio Pólvora diz que "neste seu novo livro há o escritor que se lembra e o escritor que se entrega a um jogo conceitual que marcou toda a boa ficção de Machado de Assis... Machado deve ser uma de suas maiores admirações, coisa fácil de se notar no manejo da língua, no apuro da linguagem literária". E Esdras do Nascimento observa: "O Primeiro Gosto coloca, de saída, um problema relevante no campo da teoria literária, que consiste em investigar onde está e em que consiste a significação de um texto poético." Mais adiante: "As palavras, em Salim Miguel não servem somente para designar objetos. Ele os designa de uma certa maneira, com a intenção de alcançar certas ressonâncias, indicativas de sua visão do mundo."

COMENTÁRIOS E NOTAS SOBRE LEITURAS CARLOS ADAUTO VIEIRA

O PRIMEIRO GOSTO

Em primeiro lugar digamos que a Editora Movimento de Porto Alegre, dirigida por dois jovens, um deles catatinense, Carlos Jorge Appel e o outro gaúcho, Dino del Pino, vem fazendo um extraordinátio trabalho para a edição de autores noves, especialmente de Santa Cata ina, onde estes não contam ainda com uma editora, capaz de lhes publicar os trabalhos.

O livro O PRIMEIRO GOSTO, quanto à sua apresentação gráfica, não deixa a desejar, desde a capa plastificada criada por Cláudio Fischer até à impressão e diagramação, fazendo, ainda, parte, da Coleção Santa Catalina da Editora.

E já é uma boa recomendação que ela haja editado o livro de Saim Miguel, muito embora, como se verá a seguir, o autor, por si só, tenha gabarito para justificar uma tal edição.

Pena que Salim não houvesse datado os seus contos, reunidos neste volume, para que se pudesse ter maior certeza na análise da sua evolução. Entretanto, se UM HOMEM SEM CA-DEIRA, NO CARTÓRIO OS NOSSOS IGUAIS são os mais recentes, ele evoluiu muito e bem, aproveitando, por certo, e no contrário do que entende, a sua vivência de jornalista. E ela, sempre me pareceu, tem uma influência profunda e benéfica sobre o escritor, pois o jornalista se condiciona a, rapidamente, captar os fatos, analisá-los, mostrar-lhes o lado interessante, descrevendo-os com precisão, concisão, bom senso e — aí está o talento — suspense, feitiço que prende o leitor até o finai da leitura, — ávido de saber o que aconteceu ou vai acontecer.

Nas suas tarefas de jo halista do grupo Bloch (Manchete e Fatos e Fotos), Salim tem convivido com toda a espécie de pessoas e dentro das mais variadas situações, apurando um hábito nato no escritor: recolher estótias e colecionar personagens.

Salim vai um pouco além, como no conto-ensaio OS NOSSOS IGUAIS (pág. 83), onde, a par do enredo em si e da humanidade das suas personagens — dois cães — se auot analisa

e analisa os que escrevem, mal convencido de que a arte, não pode retratar a realidade, mas recria-la à maneira do artista, através a sua cosmovisão.

Este conto-ensaio — não pode ser chamado diferente, po que tem uma estória, acompanhada de uma série de inteligentes reflexões sobre a literatura — talvez seja o que de melhor Salim Miguel escreven até agora, uma prova plena do seu amadurecimento literário total, no estile, na narrativa, nas ponderações, as quais, em contos, correm o perigo de se tornarem prohixas e maçantes. E é fácil chegar-se a esta conclusão, lendo-se por exemplo, RINHA, sem dávida um dos mais tracos do volume, nada obstante o assunto precioso. Nele, Salim, resvala muito nos lugares comuns, foge à naturalidade das personagens, tante ou mais que em EPISODIO NOTURNO, estórias, certamente, de mais tempo, guardadas na gaveta e, possívelmente, não revisadas.

Em RINHA, já no início uma frase daquelas: «Logo começava o insistente bruaán (Pág. 29). Prosseguindo a descrição da cena, muito viva, per sinal, perde-se, entretanto em certos diálogos em que as personagens, tipos popularescos, chegam a utilizar na conversação preciosismos. Ora, quem conhece rinha e seus frequentadores sabe que espécie de lingua falam, inclusive o seu jargão. Salim sabe disto, mas, por uma preocupação excessivamente gramatical, chega a empregar um dos jargões entre aspas: «...juntam as economias e «casam» os cem». Casar, hoje, está nos dicionários com este sentido, também, de aposta. Quando esquece, esta preocupação gramaticai, Salim se recorda da naturalidade com que falam os galistas e reproduz (ou recria) diálogos belíssimos (págs. 33-34-36) em meio à descrição cinematográfica dos lances da «grande pugua» (pag. 34), que o leitor acompanha fascinado, vendo e sentindo pelas palavras do escritter.

Seus melhores momentos são aqueles em que se desinibe da gramatiquice e, espontaneamente, vai recriando figuras, falas, assuntos. E, mais ainda, quando escreve o conto pensado — UM HOMEM SEM CADEIRA. O VIRUS, OS NOSSOS IGUAIS.

Em UM HOMEM SEM CADEIRA conta a estória familiar do personagem através o destino de uma cadeira. VIRUS é a descoberta do eu mesmo iguala os outros. OS NOSSOS IGUAIS é o que já disse antes e muito mais. Conto para ler e refletir. Saborear, Digerir.

Nos contos contados — tinha de fazer esta distinção, SA-LIM consegue o muito bom em NO CARTÓRIO, especialmento pela linguagem da personagem principal e seu raciocinio primário, mas autêntico. SEM RUMO, episódio muito bem apanhado, com figuras humanas claramente delineadas sobre a realidade, vivendo dramas tão comuns no País. LASCINIA é a vida racionalizada, muito bem posta a racionalização. Do contrário poderia acabar como aqueles versos de não sei quem aprefiro téla jovem nos meus sonhos, do que velha apertá-la nos meus braços».

Com todas estas realizações literárias, na seleção dos contos houve alguma falha. Seja pela inclusão de UM EPISÓDIO NO-TURNO, cheio de lugares comuns: «A noite caía». «O ruido dos seus passos foi se perdendo gradativamente». «Silêncio» se uma qualquer mosca voejasse, perceber-se-ia facilmente (notem a gramática)». «A esta hora etc...» E o barulho, fino como um estilete, agudo como um estilete, varou o silêncio que ficou sangrando». (Págs. 56 e 57). Seja pela falta de homogeneidade dos contos, embora com isto se possa aquilatar a versatilidade do autor, capaz até um patético, como é o SUPLENTE.

Evidente que a diferença entre os contos não exclui a qualidade do livro.

Entretanto, uma seleção no sentido da homogeneidade, mesmo como fixação do contista num padrão de conto, no caso de Salim, lhe aproveitaria muito melhor o talento, já que no processo de elaboração se revela conhecedor da técnica.

E a linha a adotar é a de OS NOSSOS IGUAIS. Dai para cima, para melhor, e voltar, logo, com outro volume de melhor selecionados contos, porque a partir deste O PRIMEIRO GOSTO. Salim não é mais o amador de letras provinciano, de REDE, ALGUMA GENTE, mas um escritor catarinense, capaz de ser lido com programa a admiração em qualcuar lucas.

viide Noticias de gosto e dez estórias

Salim Miguel, autor de ficção requisitado pelo jornal e seduzido pelo cinema, regressa ao gênero em que lavrou com sucesso na década de 50. Vem com excelente coletânea de contos intitulada O Primeiro Gosto, há pouco lançada pela Editora Mo-

vimento.

Na busca de novas dimensões à realidade multiface, o escritor catarinense realizou trabalho que merece a atenção da crítica e o interesse do público pelo que oferece de orginal e por tudo quanto consegue expressar lidando com os fantasmas do mundo abstruso da mente humana.

A obsessão do tempo, quer como implacável triturador de instantes que a emoção não sabe nem pode repetir, quer sinda em várias outras facetas, constitui a viga mestra ou o alinhavo identificador da unidade psicológica dessas estórias.

Assim, em Um Homem Sem Cadeira perpassa o irônico lamento do ser despojado de bens culturais que se perderam na voragem modernizadora, impositiva de padrões inumanos, sumidouro de avós, de patrimônios acumulados em gerações; em Amor, Lascínia, e. . delira a ansiosa tentativa de fazer o tempo parar, de guardar congelada na memória a imagem querida e jovem, intencionando preservá-la da deta:ioração inexorável do decurso dos dias, detendo-se nos prelúdios do amor, mas restando ao fim a dúvida; em Noturno desespera a angústia da vida desfalcada de sentido espiritual, a projetar_se na fixação dos aspectos apenas físicos do mar, ficando após a borra das frustrações e do ódio.

Rinha, um "cartoon" em cores vívidas, aparentemente escapa à temática. Porém é talvez nesse conto que o mergulho temporal se faz mais fundo, revivendo e saciando instintos primitivos, um "primeiro gosto" da espécie em representação caricata; No Cartório, pitoresco flagrante do entrechoque de culturas. é o tempo que luta por ser, tolhido no fogo cruzado da incomunicabilidade verbal e do apelo a primícias sexuais; Suplente, no mesmo sentido, realça o ridículo da pretensão a um inviável "primeiro gosto"; Episódio Noturno retraça caminhos de deformação moral, de rejeição da realidade, que conduzem a breve e ilusório retorno ao prazer de viver, na mórbida penumbra de um miserável bar.

A roda do tempo, em Sem Rumo, gira descontrolada e desorienta o homem, alijando-o da vida, pondo-o errante à procura de si mesmo; os desajustes e desencontros, os desníveis sociais e as diferenças humanas seriam magicamente corrigidos pela criação de um tempo ideal, em que O Virus produz a desindividualização, destrói o eu sem harmonizar o rés, fazendo do velho sonho igualitário um terrífico pesadelo, enquanto no último conto o tempo como que se biparte, dissociando a personalidade, libertando para o concreto Os Nossos Iguais subjetivos, monstros de lucidez e insânia.

Perseguindo esse veio de substância psicológica, sem preocupações críticas do comportamento humano, num estilo seguro e vigoroso, intransigente com a vulgaridade e exigente com a palavra exata, se bem que frequentemente envolta na bruma dos subentendidos, dos mistérios, dos simbolismos e alegorias, o autor reuniu, nesse volume, 10 narrativas interessantes que vêm confirmar os méritos do ficcionista de Velhice e Outros Contos, Alguma Gente e Rede. Almiro Caldeira

O Primeiro Gosto

SALIM MIGUEL, o autor de ficção requisitado pelo jornal e seduzido pelo canema, regressa ao genero em que lavrou com sucesso na década de 50. Vem com uma excelente coletánea de contos intitulada O Primeiro Gosto, lançada pela Editora Movimento.

Na busca de novas dimensões à realidade multiface, o escritor catarinense realizou trabalho que merece a atenção da critica e o interesse do público pelo que oferece de original e por tudo quanto consegue expressar lidando com os fantasmas do mundo abstruso da mente humana.

A obsessão do tempo, quer como implacávei triturador de instantes que a emoção não sabe nem pode repetir, quer ainda em várias outras facetas, constitui a viga mestra ou o alinhavo identificador da unidade psicológica dessas estórias. Assim, em Um Homem sem Cadeira pirpassa o ironico lamento do ser despojado de bens culturais que se perderam na voragem modernizadora, impositiva de padrões inumanos, sumidouro de avos, de patrimónios acumulados em gerações; em Amor, Lascinia, e... delira a ansiosa tentuliva de fazer o tempo parar, de guardar congelada na memória a imagem querida e jovem, intencionando preservá-la da deterioração inexorável do decurso dos dias, detendo-se nos prelúdios do amor, mas restando ao fim a dúvida; em Noturno desespera a angústia da vida desfalcada de sentido espiritual, a projetar-se na fixação dos aspectos apenas físicos do amor, ficando após a borra das frustrações e do ódio.

Rinha, um "cartoon" em cores vívidas, aparentemente escapa à temátiea, porem é talvez nesse conto que o merguiho temporal se faz mais fundo, revivendo e saciando instintos primitivos, um "primeiro gosto" da espécie em
representação caricata; No Cartério,
pitoresco flagrante do entrechoque de
culturas, é o tempo que luta por ser,
tolhido no fogo cruzado da incomunicabilidade verbal e do apelo a primicias sexuais; Suplente, no mesmo sentido, realça o ridiculo da pretensão de
um "primeiro gosto" ocasionalmente
impossível; Episódio Noturno retraça
caminhos de deformação moral, de rejeição da realidade, que conduzem a
breve e ilusório retorno ao prazer de viver, na mórbida penumbra de um mi-

A resia do tempo, em Sem Rumo gira descontrolada e descrienta o homem, alijando-o da vida, pondo-o errante à procura de si mesmo; os desajustes e desencontros, as disparidades sociais e diferenças humanas seriam magicamente corrigidos pela criação de

seravel bar.

Almiro Caldeira

um tempo id al, em que O Virus produz a desindividualização, destroi o em sem harmonizar o non taxendo do retro sonho de igualdade um territios pesadelo, enquanto no último sonto o tempo como que se biparte, dissorbiodo a personalidade, lio riando para o concreto. Os Nossos Iguais subjetavos, monstros de lucidez e insária.

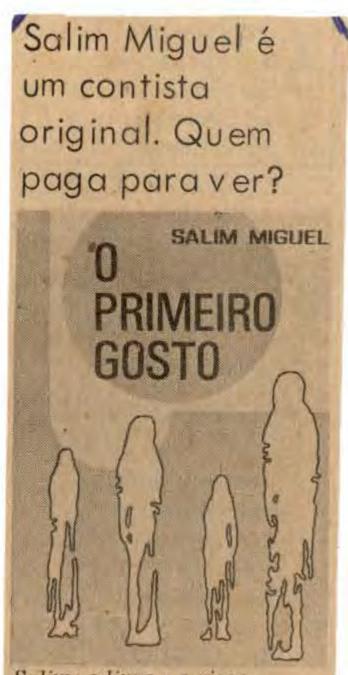
Perseguindo esse veio de substância psicológica, sem preocupações criticas do comportamento humano, num estilo seguro e vigoroso, intransigente com a vulgaridade e exigente com a palavra exata, se bem que frequentemente envolta na bruma dos subentendidos, dos mistérios, dos simbolismos e das alteorias, o autor reuniu, nesse volume, dez narrativas interessantes que vem confirmar os méritos do ficcionista de Velhice e outros contos, Alguma gente e Res e.

CORREIO DO POVO

-23/2/7-4

6

027 - LISBOA, L. C. Miguel é um contista original: quem paga pra ver? O Estado de São Paulo. São Paulo, 23 mar. de 1974.



Salim: o livro e o risco

O genero conto nunca deixou de ser popular. Apesar disso, o livro de contos não é fácil de vender, talvez porque o leitor prefira tomar contato com as histórias curtas em revistas, ou porque escolha voltar aos clássicos de perfeição garantida e bom gosto certo — quando dispõe de tempo para ler. De todo modo, o paradoxo do conto no Brasil ainda está a espera de quem possa esclarece lo, mostrando porque um gênero tão querido dos brasileiros continua sendo um mau negócio para os editores. O Primeiro Gosto, de Salim Miguel (Editora Movimento -94 páginas — Cr\$ 12,00) é uma coletanea de dez histórias curtas que vem desafiar, uma vez mais, um antigo preconceito e um discutido enigma. O autor não é novo, tendo já confirmado suas qualidades na revista Sul, publicação catarinense. que revelou alguns nomes jovens na área do conto e

da poesia. Desde 1951, com Velhice e Outros Contos, Salim Miguel tem-se mantido ligado à literatura, ora com romances, ora com documentários cinematográficos. Seus trabalhos sempre trouxeram a marca da originalidade e do talento nas formas de expressão que escolheu. O Primeiro Gosto é uma ratificação dessas virtudes.

SALIM MIGUEL

Gonzaga Rodrigues

Dei-me a conhecer com a literatura de Salim Miguel em 1951/53, através de "Velhice e outros contos" e "Alguma Gente", trabalhos que me chegaram como um primeiro grito de Santa Catarina. Mas antes desses livros, Salim chegou-me pela revista "Sul", representada, na Paraíba, por Geraldo Sobral de Lima, um homem que há vinte anos se cultiva e martiriza em busca da expressão romanesca para a sua mensagem.

Salim alcancou-me num instante de febril juventude, quando a literatura me parecia a única razão de ser da vida. Nós (Geraldo, Souto, Gondomar, Robério Toscano e eu) nos havíamos iniciado com fervoroso amor na leitura e no exercício, desbravando em 51 o que o Brasil havia construído a partir

de 22.

Estávamos nessa febre, a cabeça quente, quando nos chega a men-sagem de "Sul", fazendo no conto o que só tínhamos visto em Katherine Mansfield ou na versão nacional de Mário de Andrade. Apesar de tudo, eu ainda guardava ressaibos das estórias clássicas de Tchecov e Maupassant, o primeiro no conto curto e de instantes de sublime piedade com seus pobres e ingênuos personagens, o segundo com a estória dramática, inteiriça, cheia de

começo, meio e fim.

"Sul" nos encontra nessa fase, entre Mansfield, Silone e Torga, na timidez natural de quem se exercita com paixão mas sem muito o que dizer. E é Salim quem nos vem dizer, com revista e livro próprio, o espírito de Florianópolis, sutilmente captado não só por ele, em "Velhice e outros contos", como por um grupo de notável coerência espiritual, entre os quais, cito de memória, Walmor Cardoso, Eglê Malheiros e o contista e (se não me engano poeta) Anibal Nunes Pires. Não escreviam simplesmente por escrever, como pretendia, aqui, o nosso grupo, mas revelavam uma tendência, um estado de espírito que era menos deles do que da circunstância em que atuavam e sofriam.

Isso nos levou a uma perspectiva que, se não foi produtiva, impediu-nos de fazer besteira. Começamos a tomar consciência da responsabilidade literária, levados, sem dúvida, pelo exemplo da rapaziada de Santa Catarina.

Vinte anos depois deparo-me com Salim no "hall" da Reitoria da Paraíba. Um Salim físico inteiramente diverso do Salim que eu concebera em letras e imagem. Um jeito apascentado, calmo e pesadão, combinando com a fala mansa e cortada que eu não vira em "Sul" nem em "Velhice". Deime a conhecer, falei-lhe de 51 e a tudo ele ouviu como se já soubesse antes, sem uma nota de surpresa, sem muito entusiasmo. Convenci-me, então, de que o Salim

antigo e o que eu acabara de encontrar não mais se combinavam. O outro, o velho camarada, devera ter ficado para trás, desfrutando mais do meu apreço do que da consideração de Salim atual, absorvido pela vida e pelo corre-corre da "Manchete".

Agora, numa surpresa das mais felizes, reaparece-me o velho Salim Miguel, isto é, o moço, o jovem, o que eu conheci em "Sul" e me bate à porta, neste instante, com um livro de contos, "O Primeiro Gosto", em que a Santa Catarina de todos os tempos é posta a balançar-se numa cadeira de balanço, que é, como diz na contra-capa, "um retrospecto existencial, uma imersão nos costumes, no dia-a-dia de um povo sofrido mas alegre, ressurgindo inteiro

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

nas histórias de Salim Miguel.

manyjunder 740 Primeiro Gosto - J. M.



O escritor catarinense Salim Miguel, há muitos anos radicado no Rio, publica mais um livro, O Primeiro Gosto, com o selo da Editora Movimento. Salim foi um dos diretores da revista Sul, de Florianópolis, que na década de 50 abrigava um grupo de escritores jovens e talentosos. Nas histórias

curtas de Salim Miguel ressurgem, transubstanciados, aspectos de Santa Catarina dos tempos

antigos, de casas velhas, da figura também velha do avô, das brigas de galo, tudo escrito numa linguagem de verdadeiro escritor. Do último livro do ficcionista catarinense, diz outro ficcionista categorizado, Esdras do Nascimento: "As palavras, em Salim Miguel, não servem somente para designar objetos. Ele os designa de uma certa maneira, com a intenção de alcançar determinadas ressonâncias, indicativas de sua visão do mundo. A própria natureza da linguagem implica um certo resíduo de incomunicabilidade. Mas essa dificuldade, em termos de comunicação literária, não intimida Salim Miguel. Além do prazer lúdico de manejar palavras, há em O Primeiro Gosto um esforço bem sucedido de desvelamento da própria linguagem, na criação de uma obra literária de alto nível".

Salim Miguel: Autor Vive Por Amor à Arte

— Escritor, no Brasil, com exceção de Jorge Amado e mais um ou dois bem-aventurados, carrega pedra na hora do descanso. E carrega pedra absolutamente de graça, por puro amor à Literatura ou talvez por puro espírito de teimosia.

O desabafo é do escritor catarinense Salim Miguel, autor de "O Primeiro Gosto". lançado em novembro último e já esgotado nas livrarias "resultado maravilhoso que se convencionou chamar de best-seller, glória efêmera e apenas teórica porque na prática não dá dinheiro suficiente pra pagar a conta do açougue do autor".

A SOBREVIVÊNCIA

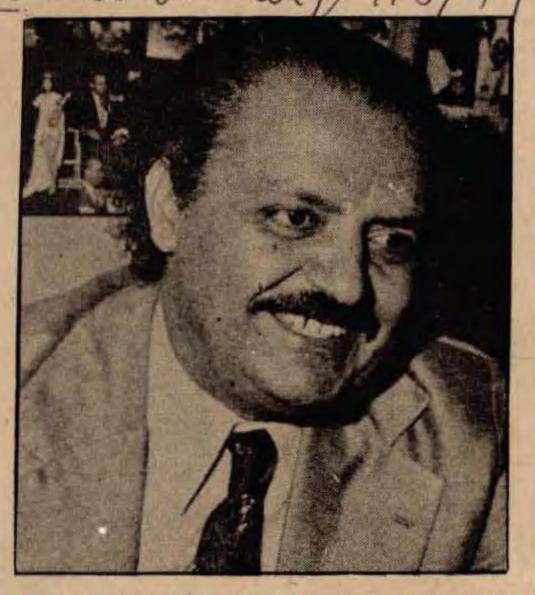
Sem mágoas ou ressentimentos de quem quer que seja "porque a culpa não é de ninguém, especificamente, mas de uma estrutura editorial viciada que se embolora com o passar dos tempos". Salim Miguel diz que se fosse somar todo o dinheiro ganho com seus cinco livros publicados "não dava pra comprar uma bonita gravata".

— Mas não me sinto vítima porque isso também acontece com a quase totalidade de escritores deste país. O saudoso Macedo de Miranda, por exemplo, publicou doze livros e morreu pobre, e não só pobre, mas triste também, porque o seu décimo terceiro trabalho foi recusado pelo Instituto Nacional do Livro porque continha meia dúzia de palavrões.

A exemplo de Macedo de Miranda. com quem trabalhou muitos anos nas revistas Manchete e Fatos & Fotos, Salim Miguel sobrevive unicamente do jornalismo, "profissão que, graças a Deus, me deu a oportunidade de rever a Bal sis uma vez"

A RECEPTIVIDADE

Coletânea de contos originalissimos "fabricados com amor e suor durante três anos" "O Primeiro Gosto" foi editado pela Movimento, do Rio Grande do Sul. A receptividade junto ao público foi muito boa, até



SALIM MIGUEL: APENAS SORRIR, SEM RESSENTIMENTOS.

mesmo surpreendente, tanto é que esgotou a primeira edição em menos de seis meses, ruito embora a distribuição não tenha se estendido às livrarias do norte do país.

A boa receptividade dos leitores coincidiu com a opinião dos críticos literários do Rio, São Paulo e Porto Alegre. O crítico Hélio Pólvora, do Jornal do Brasil, analisa "O Primeiro Gosto" de ponta a ponta, comparando a obra de Salim Miguel com "O Chapéu de Meu Pai" de Aurélio Buarque de Holanda, principalmente na primeira introspectiva de Salim, "Um Homem sem Cadeira".

Homem simples e afável, Salim Miguel fica feliz com a opinião dos críticos e o interesse dos leitores "porque isso estimula mais a gente, não acha?"

— De qualquer forma, com elogios ou sem elogios, eu continuaria escrevendo de qualquer maneira, porque escritor nacional escreve e vive de teimoso.

O PRIMEIRO GOSTO

De Salim Miguel. Novo livro de contos onde a obsessão do tempo de sua inexorabilidade constitui uma espécie de unidade ligando as diferentes histórias, em um total de dez. Utilizando uma linguagem despojada, o autor desenha com precisão o desmoronar de antigos mundos e concepções de vida diante do avanço do progresso e da competição capitalista. Editora Movimento. 82 páginas.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O quarto livro de Salim Miguel é novamente de contos, intitulado O PRIMEIRO GOSTO (Editora Movimento, em convênio com a UDESC, 1973). Percebe-se bastante diversidade enriquecedora entre os dez contos nele reunidos, não só em relação à temática enfocada, mas também quanto à forma de estruturá-los.

Há o conto de pura ação em Rinha, apresentando quase que cinematograficamente uma briga de galos e as reações dos apostadores e aficionados. Não há reflexões digressivas, não há análise psicológica, não há mesmo alusão ao mundo interior, atendo-se o conto à ação exterior, à observação e descrição. Muito vivo e dramático.

Outro conto — "Um Homem Sem Cadeira" — estrutura-se em torno de um móvel doméstico, uma cadeira de balanço, mas não mais atendo-se à pura exterioridade ou materialidade do objeto. Trata-se de uma cadeira que serviu a quatro gerações e agora está relegada a um tranbolho inútil, situação que desperta no narrador longa meditação sobre o sentido do evoluir das gerações. Perfeito na descrição e evocação.

A reflexão filosófica evidencia-se mais claramente em outros contos: "Amor, Lascínia e..." é tipicamente um conto filosófico em que o narrador-personagem discorre sobre o amor à primeira vista, que acaba regredindo ao amor platônico, para que se conserve perfeito e intato à distância, pois domina-o o receio de que os anos desfaçam sua imagem ideal e atraente. Porque "imaginava-a dalí a poucos anos: cheia de banhas, e de filhos, roída pelas doenças e pelo tédio" (p. 21) em lugar disso era melhor conservá-la apenas em sonho, uma vez que "é sempre o imponderável para o qual pendemos, que nos atraí e nos afasta, para o qual nos dirigimos, a ralização inalcançável" (p. 22).

"Noturno" também reflete sobre o tédio existencial que atinge os amantes após a posse física, quando de repente um se dá conta da presença do outro, mas não existe comunhão entre ambos e tudo resulta sem sentido: "E os dois, calados, observam o silêncio de mãos de seda e pés de veludo, que chega, manso e solerte, e os sufoca, os esmaga, enchendo todo o quarto" (p. 26). Observe-se o vigor das imagens poéticas de tanta suavidade, mas carregadas de dramaticidade.

"Episodio Noturno" assemelha-se na abordagem do tema da solidão das pessoas. Digna de nota, nesse conto, é a montagem paralala: a noite da família em sua casa e a noite do boêmio no bar e na rua.

Salim Miguel 5: o rimeiro gosto

Mescla de conto filosófico-socializante com ficção científica é "Vírus", registrando as transformações nas pessoas em consequência do ataque do vírus. Inicialmente, "na cidade-ilha ilhada por águas e areia" (76) tudo é calmo e despreocupado. Após o vírus, porém, houve "massificação e igualização" e "cada pessoa via-se outra" (79), para teminar: "No mundo só havia o eu. Flutuando no cosmos. Célula única. E a paz do nirvana, soberanamente, morou na terra" p. 82).

"Os Nossos Iguais" envereda pelo realismo mágico, chegando ao limite do absurdo como híbrido Perereca.

"No Cartório", "Suplente" e "Sem Rumo" parecemnos dos melhores contos do volume, com nitida influência cinematográfica. "Suplente" é cômico, narrado em primeira pessoa. Muito boa é a montagem do conto, intercalando entre a conversa dos dois "suplentes" trechos do discurso constante de verdadeiros chavões políticos. Já "Sem Rumo", o conto mais longo, prima pela predominância absoluta do diálogo, ao retratar a odisséia do trabalhador nordestino. Os longos diálogos, sobretudo aquele no bar em que dois negros o engambelam, caracterizam a inutilidade de tudo e a ineficácia abúlica do caboclo andarilho. O enfoque é cinematográfico, registro de câmera do visto e ouvido. "No Cartório" denuncia o mesmo caráter dramático, já desde o início, com a utilização do campo e contra-campo, combinado com câmera alta (plongée) e câmera baixa (contre-Plongée). O conto explora os equivocos em que incorre um cabo clo pescador ao tentar registrar seu filho já crescido. Sentindo-se injuriado pelas ocorrências, sobretudo com a pergunta da moça sobre o "nome dos pais", diz-se pai único e, tomando a pergunta por insulto, sai praguejando, sem realizar seu objetivo. O conto merece destaque, tanto pelo seu conteúdo, bem explorado na comicidade decorrente dos equivocos, como pela ótima caracterização do caboclo, e ainda mais pelos recursos técnicos uti lizados: o predominio do registro de câmera, a utilização do diálogo interno, o aproveitamento da linguagem cabocla do pescador, a exploração do tempo interior.

Generalizando, queremos ressaltar a variedade acentuada que existe entre os diversos contos que, vez por outra, se referem especificamnte à realidade catarinense, sem aferrar-se a regionalismo. Transparce o trabalho do artifice, em luta pela expressão renovada.

LAURO JUNKES

033 - UMA DÉCADA de muitos livros. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 29 dez. de 1979. p. 12.

O Fim de Tudo, de Luiz Vilela; Sala de Armas, de Nélida Piñon; O Primeiro Gosto. de Salim Miguel; e Trilogia do Emparedado, de Ana Maria Martins.

de Livro, de Ma-Estante

sumaes da Costa:

1- -

. Prateleiro Pianiense

, Vol. 11, Pedra em Sobressalto. Poemas. Autor: Frate-Miguel de Moura. Editora Pongetti, 1974. Com a pumiração de Areias já este jovem se revelava um de nossos poetas. Depois, com Linguagem e Comunicação em 6 G. Rego de Carvalho ganhavam as letras nacionais um menista dos melhores. Agora, volta F.M. M. às musas. ecaturo e duro, algumas vezes, porém, rosa no caminho. to mas seus poemas atuais têm (mas têm, mesmo, nada ob parecer) a dureza das pedras, noutras o perfume e o eneiro de flores do mato emprestando caminhos e estradas. 1 livro é um canto e um grito, uma viola bem afinada, semo a do velho pai do poeta, outras vezes uma bofetada estalante. O material de que é feito é daquele encontrado va ostura e nos dentros do homem. A palavra é trabalhada - pedra polida saída das oficinas do mestre artilice; daí a seu brilho forte, nos vários cantos e lados, as conota-E preciso ressaltar que F.M.M. é praticamente o primeiro vate piauiense a se atrever botar em letra de forpoesia moderna, fabricada aliás com grande talento e ougenho do melhor quilate. Tanto que alguns de seus poemas podem figurar sem desdouro nas melhores antologias naconais, ao lado de poemas de um Drummond, de um João Cabral, dum Odylio Costa, filho, para só citar tres batutas. Embora o livro esteja fracionado, este no entanto, tem unidade, acabamento limpo, está pronto para e consumo - e o sumo é bom. Tenho que vai sobressalmuitos de nossos críticos, como aliás já vem aconteserá um marco na nossa poesia, não tenho dúvida. Pratelera Brattletra

Vol. 100, O Primeiro Gosto. Contos. Autor: Salim Mi-Editora Movimento, Porto Alegre, 1973. O autor fez parte do grupo Sul, que compunha e se formou através revista do mesmo nome (Sul), que chegou a marcar spoca, não só em seu estado (Santa Catarina), mas no Beasil inteiro, arregimentando valores, muitos deles hoje linha de frente ou no primeiro time da ficção, poesia e posalo brasileiros, e que teve na pessoa do contista autor presente volume um dos guiadores. Salim Miguel, que winha se desviando para o cinema, ressurge agora com este signo de contos, enfeixando estórias de sua terra e de sua gente, numa linguagem inovadora, mas, acima de tudo, de grande simplicidade, como os dramas que relata. São es-Merias do dia-a-dia, casos, episódios, onde podemos destacar a narrativa firme, o diálogo justo, forte, a técnica do conhecedor do ofício. Florianópolis está inteira nestas páymas de muito amor e ternura, de coisas reacendidas de

um tempo apagado. Aqui estão os costumes de seu chão e de seu povo, o sofrer, o viver, o rir, enfim Santa Catarina de ontem, especialmente, e de hoje - a de sempre Prateleira Estrangeira

Vol. 61, Direi que lembro de você. Romance. Autor: W. P. Blatty. Nova Fronteira, 1973. Acreditamos no sucesso deste volume, escrito pelo autor de O Exorcista, livro que ganhou lugar certo na lista dos best-sellers, revelando para nós mais um escritor de mérito. Diferentemente do outro, este é um livro alegre, segundo afirmações do proprio autor, que já escreveu obras que foram antes inclusive filmadas e estreladas por artistas do tope de um Gregory Peck, MacLaine ou de Peter Sellers. É um livro escrito com amor e de amor, ternura, muita felicidade e paz, de riso e graça, leveza e simplicidade, de muita humana vida, comoventes existências, dramas, num relato de primeira, que você leitor custará (se o conseguir) esquecer. Não esquecer também que este volume não pode faltar na sua Estante.

ENDEREÇO (Para remessa de livros): Magalhães Costa/ Juizado de Direito/ 64130 Miguel Alves - Piauf

TUTTanu

acontoso atentado à lei e no

Na verdade, há dias, e pronto desautorados pelo este jornal noticiou, houve seu colega Ariosto (é a in uma tentativa de desrespei formação que temos), que to a pessoa do Prefeito logo reagiu dizendo que o Manoel Simplicio da Silva, barro não seria retirado. promovida pelos principais Em seguida preparou a elementos do MDB, tendo claque, inclusive alunos de à frente os Srs. Bruno dos dois colégios, capangas ar-Santos, Idílio Macedo, mé- mados e o diabo a quatro, dico Ariosto Martins e ou- para impedir que o matetros personagens, motiva- rial fosse retirado, proibin do por não desejar o Dr. do os funcionários munici Ariosto dar cumprimento pais de o fazerem. O preà lei municipal, quando feito, diante disso, pessoal colocara em frente a sua mente foi ao local e deu residência carradas e mais início a operação LIMPEcarradas de barro, num ZA. Nenhum dos macomu

Stodieck

Salim hoje

Salim Miguel é o homem de hoje. Está na boca de todos — os ouvidos só ouvem o seu nome. O seu e o do livro que estará lançando, logo mais às 9 da noite no Stúdio A2, O Primeiro Gosto.

Dispensável falar dos dois. Salim é por demais conhecido e querido. Do livro, e dele, a página anterior, a página 9 d'O Estado de hoje diz o suficiente. Como se não bastasse (e na realidade nunca basta) o Jornal do Brasil, na sua seção literária de quarta assinada por Hélio Pólvora coloca Salim e o livro nas alturas.

A foto é de anos atrás e mostra uma pleiade de alegres rapazes, quase todos da imprensa. O calvo charmoso, (existe outro calvo charmoso???) da frente é Ilmar Carvalho que, por sinal está na Ilha onde tem sido alvo de mil e uma homenagens. No segundo plano, o primeiro da esquerda para direita, outro não é: Marcilio Medeiros Filho, ainda um ephebo. Salim aparece bem ao centro; Raul Caldas Filho é o de óculos está em pose deveras napoleônica. De terno



escuro e de óculos também escuros, mais parecendo que ia a um enterro do que a um empapuço de birita, Armando Carreirão, na época o Samuel Goldwin de Santa Catarina. Atrás, quase escondido, o Barão Udo von Wangenheim, com todo o pudor que a nobreza exige. Outros e outros aparecem, porêm a memória é falha, impedindo que reconheça a todos.

O CONTO NO BRASIL - V

O CONTO NEO-MODERNISTA

Ja agora nos encontramos, para terminar, na decada de 1950 e, por conseguinte, na fase atual de nossas letras. O critico Heraclio Sales observou, com razão, a esse respeito, que a prosa neo-modernista só agora está chegando aquela mutação profunda que o modernismo de 22 trouxera, de chofre, à poesia. Sem entrar na analise das (tres) varias correntes que ele aponta nos contistas do Neo-modernismo, - por destoar do metodo panoramico que adotamos, por força das circunstancias e por inclinação pessoal, neste estudo, limitamo-nos a nos valer de sua analise, para confirmar-nos na convicção de que o conto vem sendo gradativamente o genero preferido da maioria dos prosadores modernos, entre nós, salvos as exceções apontadas e outras de marca, como Otavio de Faria, Jorge Amado, Erico Verissimo, Gustavo Corção, grandes romancistas que até hoje

desdenharam o conto. Ja vimos, entretanto, que outros grandes romanoistas e poetas cultivaram tambem ou continuam a cultivar a "short story". Em Minas cuja contribuição ao genero, senão tão abundante como a do Sul e do Norte, é tambem consideravel, podiamos logo citar o caso de Lucio Cardoso. É certo que o autor de "Luz no subsolo" preferiu a novela ao conto. Mas a novela é afinal a media entre os dois tipos opostos de prosa de ficção, de modo que participa um pouco de cada um: quantitativamente, conto, e qualitativamente do romance. Mais proxima, portanto, do romance que do conto. Por isso mesmo é que um romancista avesso ao conto, como Erico Verissimo, já nos deu uma novela, "Noite" (1954), e Lucio Cardoso varias, desde "Mãos Vazias", de 1938, até "A Professora Hilda", de 1946. nesse mesmo ano nos dava os contos de "O Antiteatro", indo pois alem dos romancistas puros. Osvalde Alves, outro romancista mineiro, nos dava em 45 os contos de "Uma Luz na Enseada", na mesma sensibilidade social do seu roman-

Ainda de Minas, um poeta maximo como Carlos Drummond de Andrade - que escreve tão bem em verso como prosa, na linha aliás da maioria dos nossos grandes poetas modernos (Mario de Andrade, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer, Menotti Del Picchia, Tasso da Silveira) — publica, em 1951, os seus deliciosos "Contos de Aprendiz", ao passo que a nova geração nos dá alguns dos nossos melhores contistas neo-modernos, como Murilo Rubião, com "O Ex-Magico"; Fernando Sabino, já famoso como cronista, com "Os Grilos Não Cantam Mais" (1941) e "A Vida Real" (1952); Oto Lara Rezende, com "O Lado Humano", de 1943; Valdomiro Autran Dourado, que estreou como novelista, em 1947 ("Tela"), passando a romancista, e a contista nas suas recentissimas "Três Historias na Praia", do ano passado, e outros.

Menção especial merece o nome de Guimarães Rosa, também mineiro e cujos livros de contos. "Sagarana", de 1946, e "Corpo de Baile", deste ano de 1956, constituem um

Ha vinte anos... Noticias da FOLHA DA MANHA

em 19 de agosto de 1936 (Quarta-feira) A guerra civil espanhola: Na serra de Guadarrama, os lega-

listas usavam pela primeira vez o gás asfixiante. Os rebeldes, surpreendidos, defendiam-se usando no rosto toalhas embebidas em agua — Deveria ser transferido para Valladolid o quartel-general das forças revolucionarias, que estava sedeado em Burgos — San Sebastian e Irun eram violentamente bombardeadas pela aviação dos insurretos, Desatendendo ao ultimato destes, os legalistas ameaçavam fuzilar refens, entre os quais o conde de Romanones -Divulgava-se em Madri que o "Almirante Cervara", cruzador dos rebeldes, tinha sido afundado em San Sebastian - Dez paises sul-americanos já haviam espondido favoravelmente à nos uruguaio de promover ção na Espanha. Um Barcelona protestava a essa iniciativa. Outras notas do exterior:

Congresso da Paz, a realizar-se brevemente em Bruxelas. O famoso aviador falaria sobre os perigos da guerra aerea - Os israelitas da Palestina diriglam aos arabes, pelo radio e pela imprensa, um apelo em favor da paz - O rei Eduardo VIII. do Reino Unido, prosseguia visitando a Iugoslavia, em viagem de passeio. Noticias do Rio de Janeiro: O ninistro da Agricultura, sr. Odion Braga, proibia a saida, do

Lindbergh iria participar do

tio de Janeiro, dos generos de rimeira necessidade - Era noamente salientada na Camara, elo sr. Paulo Martins, a necesidade de ser reformada a lei ributaria — A representação aucha da Camara deveria apreentar nesta data seu substituvo ao projeto que criava o Tri-unal Especial — A Associação omercial do Rio de Janeiro prostava contra a projetada redamentação da profissão de nachante aduaneiro. que tivera seu presdo quando fora dero, há pouco tempo,

x Schmelling, readquiria o estigio dos aficionados ao derar Jack Sharkey, no "Yankee dium". Louis lutara admiramente, martelando pesadante o marinheiro, impondo-lhe ersas quedas, até que este, no ceiro assalto, não mais coniira levantar-se. Sharkey já ia sido salvo pelo gongo no indo assalto. te a vigencia do prezo marcado.

VGOLISMO (U.F. - Capital) termo "mongolismo" foi proem 1866 pelo medico inglês on Down, devido à aparencia lica das crienças afetadas por ial. A doença ocorre, porem, itemente entre caucasianos (1 tre 600, aproximadamente) frequentemente nos negros e s modernos

ramente ainda entre os monpediatras não am o termo "mongolismo", empregar "acromicria FRANCISCO V. NA - As cartas a esta seção mencionar no envelope: nformações Responde". So-

rão respondidas as cartas verem uma unica consulta. o aposte

utomoveis

com

rida

dos conjuntos literarios mais tipicos dessa renovação do Modernismo, posterior à morte de Mario de Andrade, em 1945. Não é, porventura, à toa que a estréla que Guimarães Rosa se deu logo no ano seguinte e com um livro de contos, dez anos depois, continuado pela nova messe do "Corpo de Baile", o que mostra uma preferencia significativa pelo genero.

Em ambos esses livros Guimarães Rosa se revelou uma personalidade singular, que opera como que a ligação entre polos opostos de nossas letras: o regionalismo e a universalidade, e entre as duas vertentes mais diferenciadas dos nossos modernos ficcionistas, os formalistas e os socializantes.

No autor de "Sagarana" como que concorrem as duas tendencias opostas. Os temas de seus contos são regionais, tanto no material humano tipico, como na linguagem e na acentuação da paisagem. Mas o seu regionalismo é de um tipo muito diferente dos regionalistas anteriores. E a sua diferença está precisamente na acentuação do carater universal das suas tendencias profundas. O regionalismo é, por natureza, particularista. Está para a ficção de ambiente largo, de tipo nacional ou para-nacional, como a cronica está para a historia. Em Guimarães Rosa, entretanto, esse localismo é apenas aparento E o que surge, por baixo dos traços particulares e descritivos, é uma preocupação filosofica e portanto universal.

Sel aso ocorre com a forma interior dos seus contos, o mesmo se dá com a expressão estilistica. O monologo e o dialogo - aquele de carater introspectivo e este de carater transitivo — se interpenetram de modo que o seu estilo, tão inconfundivel e que aparentemente se colocaria entre os formalistas puros, se forra e qualquer evasão lírica interiorizada para se manter dentro das fronteiras da prosa e da comunicabilidade, naturalmente misteriosas ou ambiguas. Seus contos representam, por isso mesmo, o acontecimento até agora mais representativo do genero, desde o advento do Neo-modernismo. E mostram como a prosa sintetica do conto é realmente o genero, aparentemente preferido pela mais moderna geração, dentro da sua variedade e riqueza de tendencias. Estas, entretanto, parecem marcadas bem nitidamente por aquelas duas vertentes acima apontadas a vertente formalista e a vertente socializante. A primeira, de predominio lirico, e a segunda, de tendencia extrovertida.

multo rica em contistas dos dois tipos.

A decada de 50 vem sendo portanto

Um dos primeiros, senão o primeiro, que bem originalmente marcou a tendencia lirica, quero crer que foi o sr. Paulo Novais, com os contos de "Noite em Sete", de 1953, e "Burgo", de 1954. Não foi à toa que estreara como poeta ("Flos", 1950). A corrente lirica vem penetrando até hoje a sua obra e dando ao seu estilo aquela marca inconfundivel que veio dar à prosa neo-modernista, especialmente no dominio do conto, o sabor revolucionario que teve a poesia de 1922 em diante. A prosa neomodernista é que está hoje, porventura, concorrendo de modo mais original, para dar ao atual momento literario uma feição não apenas de pós-modernismo, mas realmente de começo de alguma coisa nova no curso de nossa historia literaria, com "crise" ou sem crise, segundo as opiniões, como sempre divergentes ou antagonicas, dos proprios atores... O futuro se encarregará de os reconciliar, mesmo antes daquela "pontualidade" especial de que nos falava o velho Machado e de que, já hoje, se acham tão proximas as nossas velhas gerações ... O mais recente dos nossos contis-

tas, aliás, o jovem e notavel estreante Samuel Rawet, com seus já tão discutidos "Contos do Imigrante" (1956) se encontra nitidamente nessa linha. E o poeta e tradutor Osvaldino Marques, num penetrante estudo sobre o livro, acentuou com razão a infiltração poetica no dominio da prosa curta, que esse livro apresenta, como contribuição original. No extremo cposto e logo no primeiro ano da decada de 50, estrea-

va Gasparino Damata, com a "Queda em Ascensão", e que nos contos subsequentes de "A Sombra do Mar" e "Caminhos da Danação", do ano passado, trazia à vertente social uma contribuição original e forte, nesse horizonte marinho e praieiro, no qual Xavier Marques desde as suas "Historias Simples", de 1886, até as "Terras Mortas", de 1936, com o seu momento sulmi: nante dos "Praieiros", de 1902, bem como Virgilio Varzea, haviam sido como que os bandeirantes, no mesmo tipo de historia curta. Mas que distancia entre a simplicidade desses contistas e a complexidade dos de hoje! Mesmo os que não se aventuram relos dominios da gramaticalidade "metalogica" - que os filologos de amanhã terão de acrescentar às classicas divisões da gramatica, como os matematicos de hoje tiveram de acrescentar os dominios não-euclidianos ou não-arquimedianos às regiões classicas da Geometria — mesmo esses são infinitamente mais complexos que os seus predecessores. A literatura e as artes em geral nao podiam escapar ao enriqueci-

mento, e às extralimitações da clencia contemporanea, especialmente das ciencias físicas e da Psicol)logia. De modo que o novo estilo do conto neo-modernista está perfeitamente na linha, não só dos novos rumos sia poesia e da prosa moderna, de Rimbaud a Dylan Thomas ou Ezra Pound e de Laudréamont a Joyce ou Kafka, bem como dos ncvos horizontes abertos pelo mundo subconsciente, pelo mundo preternatural e pelo mundo sobrenatural, e ainda pelas revoluções contemperaneas, à tradição digamos assim horizontal do Realismo ou mesmo do Simbolismo do seculo XIX até a guerra de 14. E com isso aparece um novo estilo, com indefinidas variações in-

dividuais, sem duvida, mas ao qual os linguistas norte-americanos dão o nome global de "idioleto" e Matoso Camara define como sendo: "a lingua usada por um individuo com Entre nos, o movimento modernis-

fatos gramaticais que divergem da norma". ("Dicionario dos Fatos Gramaticais", 1956, pg. 119). ta e particularmente o neo-modernista não só refundiram completamente o estilo, de poesia e da prosa, mas nesta ultima deram à narrativa curta uma preferencia e uma originalidade de expressão - especialmente o Neo-modernismo - que fazem do conto atual, como do teatro, os dois generos porventura mais no espirito da nova geração. E em

ambos os momentos, Modernismo e

Neo-modernismo provocaram a in-

terpenetração de prosa e poesia: no

Modernismo, a poesia se fez prosa;

no Neo-modernismo, a prosa se fez

poesia.

Tristão de ATAIDE

Se quisessemos apenas enumerar os livros de contos de estreantes, quase todos, durante a meia decada de 50 a 55, equivaleriam quase ao numero de livros do genero publicados na primeira metade do seculo XX! A titulo apenas de documentação

do asserto acima, seja-me permitido mencionar alguns dos autores e titulos que vieram tornar a messe neo-modernista de contos a mais abundante de toda a nossa historia literaria. Refiro-me apenas a livros de contos publicados de 1946, isto é, do aparecimento de "Sagarana" (que foi de certo modo o indicador dos novos rumos) e sem a pretensão de lista rigorosa e completa. 1946 — Guimarães Rosa — "Sagarana"

- Graciliano Ramos - "His-

- torias Incompletas"
- Lucio Cardoso "A Professora Hilda (Novela) "O Anfiteatro"
- Xavier Placer "Doze Historias Curtes"
- Eduardo Campos "A Face Iluminada"
- Fren Martins "Noite Fe-
- Menotti Del Pichia "Contos" (ed. completa)
- 1947 Graciliano Ramos "Insonia"
 - Almeida Fischer "Horizontes Noturnos"
- Mario de Andrade "Contos Novos" (ed. postuma) 1948 — Helena Silveira — "Contos
- a Esmo" 1949 — Ligia Fagundes Teles — "O
- Cacto Vermelho" 1949 — Breno Acioli — "Cogumelos"
- Augusto Meyer "Segredos da Infancia" - Afonso Schmidt - "O Re-

trato de Valentina"

- 1950 Dina Silveira de Queiros "As Noites no Morro do Encantado"
 - Francisco Brasileiro "O Urubu"
 - Almeida Fischer "O Homem de Duas Cabeças" - Lucia Benedetti - "Vespe-
- 1951 Carlos Drumond de Andrade - "Contos de Aprendiz"

ral com Chuva"

- Gasparino Damata "Queda em Ascensão"
- José Condé "Historias da Cidade Morta" - Jose Saldanha Coelho -
- "Mural" 1952 — Clarice Lispector — "Alguns
- Fernando Sabino "A Vida Real"

Contos"

- Carlos Castelo Branco -"Continhos Brasileiros" 1953 — José Saldanha Coelho — "O
 - Patio" - Oto Lara Resende - "O Lado Humano"
 - Mauricio Caminha de Lacerda — "Contos Provincianos"
 - Helena Silveira "Mulheres, Frequentemente ... "
- Miguel Salim "Alguma Gente" S. Gomes de Matos - "Contos da Gra Cidade"
- Paulo Novais "Noite em Sete" - Almeida Filho - "A Ilha"
- 1954 Paulo Novais "Burgo" - Constantino Paleologo -
- "Os Condenados" - Renard Perez - "Os Sinos" - Ricardo Ramos - "Tempo
- de Espera" - Antonio Acioli Neto - "A
- Luis Canabrava -- "Sangue de Rosaura"

Vida Não é Nossa"

- 1955 Breno Acioli "Maria Pudim"
- Carlos Davi "O Diario de
- Segismundo" - Jones Rocha - "Decima
- Praga" - Assis Brasil - "Conto do
 - Cotidiano Triste" - Mauricio Caminha de Lacerda - "Quatro Historias"
 - Helcio Alves de Araujo -- "Vida Alegre" - Joaquim Gonçalo do Amarante - "Pedrinho Tanoei-
 - TO" - Valdomiro Autran Dourado
 - "Tres Historias na Prala" - Dilermando Duarte Cox -
 - "Massagana" - Vasconcelos Maia - "O Cavalo e a Rosa"
 - Maria Wanderlei Meneses -"O Pecado de Maria Quite-
 - ria" - F. Magalhaes Martins- "O Açude"
 - Beatriz Rocha "O Parque de Diversões"
 - Iva Pedro Martins "Do Campo e da Cidade"
 - Josué Montelo "Flo da Meada"
 - Gasparino Damata "A Sombra do Mar" - "Caminhos da Danação"
 - José Condé "Os Dias Antigos"
- 1956 Guimarães Rosa "Corpo de Baile" (vols.) - Samuel Rawet - "Contos do

Imigrante", Poderia acrescentar varios outros de que tenho nota, durante o decenio. Mas o que ai fica já basta, para o que pretendo. Essa enume-

ração seca, sucinta, incompleta, em que obras de valor desigual e de tendencias opostas se aproximam pelo denominador cronologico comum, vem apenas documentar, como ficou dito, a afirmação de que o conto, como o teatro, é porventura a nota distintiva da prosa neo-modernista, O que Daniel Rops, em artigo recente do conto em França, aplica-se perfeitamente ao Brasil de nossos dias:

- "O lugar bizarro que o conto ocupa no gosto do publico francês é um motivo de constante espanto. Não há semanario que não publique um, todos os numeros, e os

chefes de redação passam uma boa parte do seu tempo à procura de bons contos. Realmente, o leitor tem uma predileção especial por estas narrativas de uma pagina." (in "Jornal do Brasil", 17-VI-1956). O mesmo se poderia dizer dos Estados Unidos. Mas enquanto Rops informa que os editores franceses ao contrario dos jornais e revistas, publicam

poucos livros de contos, vemos que acui se passa o contrario e tanto os suplementos como os editores da decada de 50 mostram como o genero está em pleno fastigio e corresponde, provavelmente, às inclinações da geração neo-modernista e ao seu estilo de vida e de liguagem mais direto, mais complexo, mais "idioletico", mais adequado tanto ao lirismo como ao realismo, tanto à angustia como ao

cinismo da vida moderna. Eis porque, nesse panorama sumario e tão cheio de lacunas, da evolução do conto no Brasil, podemos dizer, concluindo, que em nenhum momento de sua historia alcançou ele o prestigio, a fecundidade e, salvo pontos culminantes como o de Machado de Assis, a qualidade dos de nossos dias.

BABEL DE TÍTULOS A LÍTERATURA BRASILEIRA

BAPTISTA DA COSTA

NINGUEM ainda cuidou de examinar o problema da titulografia literaria brasileira, documentadamente, como ora fazemos. Não o dizemos por pretensão, mas tão somente para garantirmos a fidelidade do titulo tiesta pesquisa. A nossa literatura, multipla e aria. dada a distancia que separa homens e idéias, vê nascer a cada dia um novo livro com um titulo dos mais originais possiveis. Dai, a nossa conclusão: Babel. Não que não se entenda a literatura, mas sim, pela exuberância da imaginação do intelectual brasileiro que é capaz de criar titulos de uma docura incomensurável como "João Ternura" (Anibal Machado) e vai ao extremo de inventar outros como: "Auto da Mula do Padre" (peça de Hermilo Borba Filho), "Bagagem Avoenga" (poesia, de Pedro Morato Krahenbuhl), ou "O Leão Frigorificado" (contos, de Mateus Lima).

"Gente Bem" e "Famílias"...

No capítulo "gente" encontramos, em nossa literatura, pelo menos dez obras:
Gente Rica e Gente Audaz,
de José Agudo (romance);
Gente Moça, de David Antunes (romance); Boa Gente,
de Lucillo Varejão (contos);
Cartas à Gente Nova, de
Nestor Vitor (ensaio); Histórias para Gente Alegre, de
Luiz Guimarães Jr. (contos);
Alguma Gente, de Salim Miguel (história); Amores de
Gente Nova (romance);

Gente de Serra Acima, de Albertino Moreira (romance) e o primor de imundicie: Gente Suja, de Delmo Aragao (romance). Já as familias são de vários tipos. Entre as principais estão: A Familia Medeiros, de Julia Lopes de Almeida (romance); A Familia Agulha, de Luis Guimaraens Jr. (romance); Uma Familia Baiana, de Xavier Marques (romance); Uma Familia Carioca, de Enéias Ferraz (romance); A Esperança da Familia, de Alfredo Mesquita (romance); Os Rodriguez, de Mme. Leandro Dupré (romance) e os Macabeus, de David Antunes (romance).

Comércio literário . . .

Quando se tocar em literatura comercial, embora ela não seja vasta, devemos lembrar-nos de coisas interessantes. Três companhias encontramos: Pedro Famalição & Cia., de Albertino Moreira (romance); Pontes & Cia., de João Lúcio Brandão (romance) e Boto & Cia., de Xavier Marques (romance), Um outro romance ainda fala deste vocábulo, é de Gilberto Amado: Os Interesses da Companhia. Deixando este ledo da organização comercial encontramos outros que contêm histórias interessantes. "Faléncia", romance de Julia Lopes de Almeida, fol comprado por muita gente que pensava tratar-se de algum comentário da legislação brasileira, obre o assunto... "O Gerente", de Carlos Drummond de Andrade, é a novela em que é contada a vida de um sujeito dado à datilofagia feminina... (Boa Gerência não resta dúvida) e "Bazar", poesia de Araujo Jorge, que pode enganar a muito turco de armarinho pela apresentação.

Notícias do Brasil

MANHA, de Eglê Malheiros

Este caderno de poesia é uma afirmação consoladora de que a poesia pode ser directa e clara, com os olhos postos na realidade e no futuro. Em Manhã, Eglê Malheiros dá-nos composições de uma beleza poética que nos faz crer que o exemplo de Lila Ripoll não é o de uma voz isolada. Pelo contrário, sabemos agora uqe não há no Brasil só uma voz de mulher-poeta, amadurecida nos segredos da poesia e no contacto com a vida quotidiana. Em Eglê Malheiros sente-se a poesia não só como um cântico à esperança no futuro, mas também como uma flor que se põe numa janela para dar os bons-dias ao sol que nasce no horizonte.

ALGUMA GENTE, de Salim Miguel.

Depois do volume de contos Velhice, Salim Miguel publica Alguma Gente, que é uma colectanea de narrativas sobre personagens característicos. Tal como já viramos em Velhice, nota-se em Salim Miguel a preocupação de nos dar com grande profundidade aqueles sentimentos que geralmente classificamos de difíceis quando os não sabemos explicar. O poder de análise que existe em Salim Miguel permite-lhe focar factos e situações como se penetrássemos realmente dentro dos seus personagens, que são estranhos e sinceros, esquisitos e normais, mas de qualquer modo gente como nós, pois Salim Miguel dá-lhes sempre aquela comunicabilidade humana que faz dos seus livros obras de interesse para o enriquecimento da nossa experiência quotidiana.

039 - Salim Miguel. [Flan].

* Salim Miguel, jovem escritor catarinense, publicou mais um livro de contos: "Alguma gente". Bom livro vro. Deve ser lido.

"ALGUMA GENTE»

Salim Miguel, um dos integrantes do grupo dos «novos» de Santa Catarina, estréiou o ano passado com «Velhice», coletânea de contos. Com êsse livro revelou-se um ficcionista de pulso, formando entre os melhores do país.

Dêle teremos, dentro em breve, mais um livro. Trata-se «Alguma Gente», onde Salim Miguel reune seus últimos trabalhos no gênero.

041 - AO PÉ da estante. O Jornal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 06 set. de 1953.

AO PE' DA ESTANTE

CETE contos - antes, pequenas novelas, -Selim Miguel reuniu num volume a que deu o título de Alguma Gente. E ai está efetivamente alguma humanidade, com alguma colse de importante. O A. fez perte de um novo grupo de escritores e poetas de Santa Catarina. Em suas paginas se sente o impeto de um renovador, que não se arreceia de certas audácias e que quer trazer para a nossa literatura de ficcão uma contribuição pessoal. Nesses contos os seres humanos e os fetos miudos têm o seu relêvo natural, numa exposição viva e flagrante, que é merca do A. (Ed. Sul, 95 pgs., capa da Koetz).

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Um Livro Por Semana

"Alguma Gente"

Flan, em seu último número, destaca na sua seção Um livro por semana, o de Salim Miguel, nosso já vitorioso conterrâneo, com a

seguinte e consagradora crítica:

Esses livros, impressos na provincia, possuem um encanto todo especial. E, muitas vêzes, revelam um grande nome, ainda desconhecido, mas que se projeta como estrêla de primeira grandeza em nosso firmamento literário. Querem um exemplo? Por volta de 1930, uma editora de Fortaleza lançou um pequeno livro, em capa modesta, mal impresso, assinado por Raquel de Queiroz. Ninguém quem era. O livrinho trazia, no entanto, uma tão poderosa mensagem que logo constituiu o tema predileto das rodas literárias do Rio e de São Paulo. Assim foi lançado "O Quinze", saudado em primeiro lugar por Graça Aranha, que viu, desde o primeiro momento, o grande escritor que se escondia por detrás daquela desconhecida mocinha do interior.

Impresso pela revista "Sul", de Florianópolis, porta-voz da nova geração de intelectuais catarinenses. "Alguma gente" faz lembrar um pouco a primeira edição de "O Quinze", na sua apresentação gráfica, apesar da bela capa em duas côres, desenhada por Edgar Koetz. O livro de Raquel não tinha dêsses luxos. "Alguma gente" é, porém, uma mova mensagem literária da província, cheia de namanidade, revelando ao mesmo tempo um autên-

tico escritor: Salim Miguel.

Pertencendo ao grupo do "Sul", que é, sem nenhum favor, uma excelente revista, Salim Miguel já publicou uma coletânea de contos bem interessante: "Velhice". Seu novo livro apenas confirma as qualidades de ficcionista dêsse jovem, que um dia há de escrever, com certeza, o romance da região em que vive. Quem bosquejou, em traços tão felizes, a figura do "cégo", não pode ficar de braços cruzados por mais tempo. E' tentar o romance, quanto antes.

E' admirável o esfôrço dêsses rapazes de Santa Catarina, mantendo a sua revista e uma rêde de publicações, como as Edições "Sul" e os Cadernos "Sul", com trabalhos assinados por Salim Miguel, Antônio Paladino, Guido Wilmar Sassi, Walmor Cardoso da Silva, Eglê Malheiros e Anibal Nunes Pires. Essa constância faz a gente acreditar no Brasil. Apesar de tôdas as dificuldades, lutando contra a incompreensão e a má vontade, os grupos literários da provincia têm, muitas vêzes, mais vida e atualidade que as "panelinhas" das capitais.

E ainda mais: são muito mais sinceras. Salim Miguel e seus companheiros amam a literatura. Isso, sim, é amor, como diz o poeta, e

dêsse amor se morre...

Crítica de Livros:

Um romance e algumas histórias

José Roberto do Amaral Lapa

pológica", sem assim podemos dizer, que desfila nas paginus de "Alguma Gente".

O que haviamos anteriormente elogiado em seu livro "Velhice e outros contos", isto é, o poder das palavras e da linguagem, tor namos a repetir agora Os efeitos tirados dos períodos e imagens só denotam à segurança do autor no jogo do enrêdo.

O "background", onde circulam os personagens, identifica-se com a região onde vive o autor, daí associarmos a ambiência com a metivação do real. Vários dos contos exploram lugares-comuns, sem o artificio ou a engenhosa preocupação de esquadrinhar atitudes ou desfechos exóticos. Não há propriamente incursão em temas psicológicos, se pem que, nesse sentido, a estrutura "personalistica" das figuras que vagam pelo livro seja cem fundamentada.

Os personagens se agitam de vez em quando, para logo a seguir repousarem no parágrafos descritivos chegando a marasmar-se muitas vêzes. São, entretanto, humanos, possíveis do dia-a-dia, emergem de corpo inteiro, com músculos, carne, gor dura e espírito. Quanto ao estilo do autor, contando as histórias, é bem moderno agradável. confirmando as qualidades que apontamos no seu primeiro livro.

Possue o sr. Salim Miguel invejável segurança nos diálogos além do que apresent u major dosimetria nas expressões de giria ou chulas (com relação ao seu livro anterior), sem que, con tudo, sacrificasse o pensamento pelas exigências sintácicas.

Os temas em geral são ochres. mas se desenrolam de maneira que impressiona pela animação e pelo halo de vida que emana da imaginação do autor.

O autor não olvida certos pormenores na criação de seus personagens, realizando o dificil en xerto da realidade com a ficção, permanecendo esta mais no revestimento da linguagem, do que própriamente na corporificação das figuras. E', em suma, o velho tema da vida torcida em 11cção. Nesse sentido, faço minhas as palavras do crítico por iguês João Gaspar Simões, quando afirma que "o conto é, essencialmente, criação de um ambiente capaz de comunicar ao leitor a vibratibilidade da alma do proprio contista identificada com a das suas personagens. " Isto, evidentemente, consegua o sr. Salim Miguel.

"ALGUMA GENTE" O sr. Salim Miguel acaba de

ablicar pelas Edições Sul, de lorianópolis, Sta. Catarina, o u segundo livro de contos: "Al ima Gente", reunindo nele oduções que vão de Maio de 50 a Abril de 1953, sem que a onologia dessas datas ofereça ópriamente pontos de conexão cotejo de estudo evolutivo

A forma ou limite das históas desse livro perdem em atrao para o estudo da galeria "ti-

Um Livro Por Somana

"Algumen Gente"



Ê

SSES Evros, impressos na provincia, possuem um encanto todo especial. E, muitas vêzes, revelam um grande nome, ainda desconhecido, mas que se projeta como estrela de primeira grandeza em nosso firmamento literário. Querem um exemplo? Por volta de

1930, uma editora de Fortaleza lançou um pequeno livro, em capa modesta, mal impresso, assinado por Raquel de Queirós. Ninguém sabia quem era. O livrinho trazia, no entanto, uma tão poderosa mensagem que logo constituiu o tema predileto das rodas literárias do Rio e de São Paulo. Assim foi lançado "O Quinze", saudado em primeiro lugar por Graça Aranha, que viu, desde o primeiro momento, o grande escritor que se escondia por detrás daquela desconhecida mocinha do interior.

Impresso pela revista "Sul", de Florianópolis, porta-voz da nova geração de intelectuais catarinenses, "Alguma gente" faz lembrar um pouco a primeira edição de "O Quinze", na sua apresentação gráfica, apesar da bela capa em duas côres, desenhada por Edgar Koetz. O livro de Raquel não tinha dêsses luxos. "Alguma gente" é, porém,

uma nova mensagem literária da província, cheia de humanidade, revelando ao

mesmo tempo um autêntico escritor: Salim Miguel.

Pertencendo ao grupo do "Sul", que é, sem nenhum favor, uma excelente revista, Salim Miguel já publicou uma coletânea de contos bem interessante: "Velhice". Seu novo livro apenas confirma as qualidades de ficcionista désse jovem, que um dia há de escrever, com certeza, o romance da região em que vive. Quem bosquejou, em traços tão felizes, a figura do "cégo", não pode ficar de braços cruzados por mais tempo. É tentar o romance, quanto antes.

É admirável o esfôrço dêsses rapazes de Santa Catarina, mantendo a sua revista e uma rêde de publicações, como as Edições "Sul" e os Cadernos "Sul", com trabalhos assinados por Salim Miguel, Antônio Paladino, Guido Wilmar Sassi, Walmor Cardoso da Silva, Eglê Malheiros e Anibal Nunes Pires. Essa constância faz a gente acreditar no Brasil. Apesar de tôdas as dificuldades, lutando contra a incompreenssão e a má vontade, os grupos literários da provincia têm,

muitas vêzes, mais vida e atualidade que as "panelinhas" das capitais.

E ainda mais: são muito mais sinceras. Salim Miguel e seus companheiros amam a literatura. Isso, sim, é amor, como diz o poeta, e dêsse amor se morre...

LIVROS EM DESFILE

DARIO FLORES

terra e Novo Mundo, inclusive o Brasil. Não esquece o autor, e isso é importante, de estudar o procedimento de todos os cidadãos, no que concerne às responsabilidades do governo. Uma publicação interessante e muito util ao povo brasileiro.

ALGUMA GENTE — Salim Miguel — Edição Sul

Num pequeno livro de histórias, Salim Miguel obriga-nos a lembrar o seu "Velhice e outros contos", onde saboreamos a agudeza do seu espirito, a realidade com que descreve os mais corrig ieiros fatos e a justeza da colocação dos seus personagens. Uma leitura agradavel, pessoas que a gente encontra diariamente e fatos que, embora não guardemos, tornam-se parte integrante de todos os nossos movimentos.

> Remessa de livros DARIO FLORES R. Sta. Ifigenia, 695

entre o cinzeiro e a lampada

NESTE registro de livros recebidos procuraremos noticiar, breves comentarios, obras de ficção, poesia e ensaio, adotando o criterio cronologico das remessas.

CANDIDO JUCA (FILHO) - O Fator Psicologico na Evolução Sintatica — Organização Simões - Rio, 1953.

autor estreou com um livro de contos, mas a sua condição ultelor de catedratico de Português e e Litratura do Instituto de Educaao do Distrito Federal e do Coegio Pedro II o levou naturalmente ara a tarefa de sua especialização. Candido Juca (Filho) tem, de fao, uma obra constituida por diersos volumes, dos quais conhecenos Gramatica Brasileira e Gramaica Historica do Português Contemporaneo, no setor didatico; e O Pensamento e a Expressão em Machado de Assis e Antonio José, o Judeu, no setor do ensaio e da pesquisa.

O volume atual é uma reedição, mas bastante aumentada. Contribue para uma estilistica brasileira, tem desenvolvimento didatico apolado em muitos exemplos e citações, utilizando-se de material bibliografico desde o seculo XVI. Sua serventia é permanente, pois representa uma contribuição para a filologia portuguesa, orienta-nos sobre a evolução da estilistica portuguesa brasileira, e explica a nossa rotação sintatica.

SALIM MIGUEL - Alguma Gente - Edições Sul - Florianopolis, 1953.

revista "Sul" desempenha uma tarefa literaria e artistica no sul do pais, como elemento de informe, resenha, critica e divulgação de valores novos. Prova do seu desenvolvimento é o fato de manter um departamento editorial, que tem publicado livros de contos e de versos, tais como "A Ponte", de Antonio Paladino; "Idade 21", de Waimor Cardoso da Silva; "Manha", de Eglê Malheiros; "Velhice e outros contos", de Salim Miguel e, mais recentemente, deste mesmo autor, "Alguma Gente".

Vocação nitida, que se nota logo pelo estilo expressionista e muito pessoal, Salim Miguel incorpora-se com esses sete contos à geração nova dos nossos melhores contistas, que a muitos excede pela propriedade da narrativa onde quase não se utiliza de dialogos, pois seu impeto de comentario e definição é direto e renovador. Destacamse os contos "Tio Adão" e "A Mãs de Pedro Maria". Assim è que consegue tirar de temas do cotidiano efeitos de gravura, só prejudicados uma vez ou outra por certo verbalismo de cronica.

boas jornalistas e contistas. Veremos em breve a evolução e o destino da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, de Fortaleza, com a proxima publicação do "Trevo de

Quatro Folhas".

Sem melindrar os elementos desse grupo interessante e talentoso, destacamos o nome de Heloneida Studart que já vai, aliás, se projetar fora dos limites de seu circulo nortista com a proxima publicação pela Editora Saraiva, daqui de São Paulo, de um romance de sua autoria de antemão rodeado de bons prognosticos criticos.

ROBESPIERRE DE MELO - A Tragedia Brasileira — Editora Jornal dos Livros — São Paulo, 1953.

NADA displicente, antes — de ca-rater polemico — atento aos problemas políticos e administrativos do Brasil, o autor terá que optar por duas posições: o jornalismo, onde através de artigos e topicos deverá dar vazão as suas idéias, aproveitando o estilo; ou a, politica, onde terá oportunidade de programar sua atuação.

O presente volume se filia a certa literatura militante, no genero de Hamilton Barata e Martins de Almeida. De fato, o cenario que o autor examina lembra o do "Brasil Errado", e seu messianismo assemelha-se um tanto ao das paginas de "Os Destinos Universais do

Brasil".

Remessa de livros e correspondencia para as seções de letras e artes: MARIA DE LOURDES

TEIXEIRA Rua Xavier de Toledo, 210 -Apart. 94 - São Paulo.

Sôbre o Conto e Alguns Contistas

The street straining to the street of the st

Alvizio Medeiros

Nas sete histórias — histórias é como denomina os seus contos o autor de "Alguma Gente", surgem com bastante relevo as qualidades e defeitos de Salim Miguel.

Não é possivel obscurecer certa desenvoltura de Salim Miguel ao fixar o ambiente onde se desenrola a história, ao caracterizar a fisionomia dos personagens e ao marcar os aspectos essenciais da narrativa. A simplicidade da linguagem e certa desenvoltura da exposição são, de outra parte, qualidades que devem ser acentuadas no autor que comentamos, qualidades facilmente encontradas nas histórias que formam êsse "Alguma Gente".

Entretanto, essas qualidades Salim Miguel não as usa como poderia para a feitura das suas histórias, dai porque certos defeitos, aparentemente sem maior importância, aparecem com insistencia. Um dêsses defeitos é, em algumas histórias, o conto perder as suas características de conto para se transformar em crônica. Isso é mais evidente em "Barbicha", cujas oito páginas iniciais não passam de uma crônica, quando o autor descreve, com o sabor de crônica, os pequenos incidentes a bordo de um navio em busca do Rio de Janeiro.

Não sendo possivel citar todo o trêcho em virtude de sua extensão, desejo, porém, dar uma amostra do que venho de acentuar transcrevendo apenas estas poucas linhas, mas que dão pelo menos uma idéia do que afirmo: "Como esquecer o estudante pobre que viaja - passagem "cavada" com 'seu" prefeito — para a cidade grande, desejoso de melhores dias, de arranjar um emprêgo e estudar, formar-se, voltar muitos anos depois, feito, vencedor, mostrando àquela corja que dele escarnecia, quem era. E o que pode a força de vontade aliada à inteligencia. Vai sempre um pouco retraído, apalpando de minuto a minuto a carteira onde leva o minguado dinheiro e os muitos sonhos.

E então citemos o aventureiro, à caça de opor-

Mark the Think the to the total the

tunidades, na grande capital; não esquecer a professora solteirona, em férias, sem saber muito bem a que vai...

De tudo isto e muito mais, com seus sonhos e esperanças todos, se compõe um navio. Um pequeno mundo".

Trêchos como este podem ser encontrados a cada passo de algumas histórias que compõem "Alguma Gente", prejudicando assim a contextura dos contos de Salim Miguel.

Outra falha a assinalar: a constante e imprópria interferencia do autor na caracterização dos seus personagens. Para exemplificar cito este trêcho de "J. M., Cego": "Sempre pensava suas histórias em voz alta, dando inflexões diversas às diversas particularidades, personalidades distintas. Ou declamava seus poemas para um invisivel auditório, com grandes gestos estudados, caprichados. (Invisivel para nós, não certamente para êle que se construira uma realidade própria, num outro espaço). Sim, se construira um mundo a parte, só dêle, onde vivia. Sem força para se adaptar ao nosso, procurava fugir para uma outra dimensão. Contudo não era de forma alguma um alucinado. Creio até que assim fazia precisamente para não se tornar um".

Tanto no conto, como na novela e no romance, os personagens devem aparecer com os seus defeitos, qualidades, inclinações, etc., mais através do seu próprio comportamento no desenrolar da história do que através da interferencia do próprio autor. Se se procede assim, isto é, se o autor passa êle mesmo a dizer o que é o seu personagem, a sua criação perde muito da veracidade que deve possuir qualquer obra de criação artística, quando não é totalmente anulada.

Num ou noutro conto Salim Miguel introduz frases e trêchos de poemas sem nenhuma razão de ser. Vejamos este exemplo: "Olhamos o povo

que passava naquela hora tardia e triste. Os guarda-chuvas dav im um tom exótico, diferente, à cidade, como que invadida por enormes urubus ("um urubú pousou na minha sorte"), pendendo, balouçando, de um lado e doutro da rua, numa dança macabra, ininterrupta".

Todos estes defeitos encontrados nos contos de Salim Miguel, alguns dêles pequenos defeitos, é certo, prejudicam as histórias de "Alguma Gente". E prejudicam exatamente pela insistencia com que tais defeitos nos deparamos, como que a construir a propria maneira de contar de Salim Miguel. E' possivel, devo acrescentar, que esses defeitos que venho assinalando nos contos de "Alguma Gente", tenham sido usados por Salim Miguel intencionalmente, em virtude mesmo de não se tratar de contos mas de histórias este seu "Alguma Gente". Mas mesmo assim os defeitos continuam a existir e a prejudicar as histórias de Salim Miguel.

Livros recebidos

José Stênio Lopes — Dez poemas para mimeográfo - Ed. do autor - Belém, 1954

Ferreira Gular - A luta corporal -Sem data

Edison Carneiro — Candoblés da Bahia - Editorial Andes - Rio, 1954

Eduardo Martins - Breve Antologia brasileira de "hai-kai" — João Pessoa, 1954

Ruth Sylvia de Miranda Salles - Pastoral - Cadernos do Clube de Poesia -São Paulo, 1954

Contistas novos de Santa Catarina -Edições Sul — Santa Catarina, s/d Clovis Melo - Colonialismo, problema internacional — Edição Revista Encontro - Recife, 1954

Edilberto Coutinho - Onda boiadeira e outros contos - Edições Região -Recife, s/d.

Market and the state of the sta

ALGUNS CONTISTAS

Aluizio Medeiros

Pretendia hoje comentar o livro de Salim Miguel, "Alguma Gente" (Edição Sul - Florianópolis, 1953). Farei isso, porém, no próximo artigo, porque a leitura do livro do jovem autor catarinense me sugeriu dos bons romances, dos bons poemas e dos bons contos, quase não tenho algumas questões ligadas ao conto, que necessitam ser apreciadas.

ficuldadese que encerra êsse gênero literário - o conto. Ressalvando as tura brasileira, qualquer um poderia fazer esse teste que, acredito, teria exceções, que são bastante diminutas, o que ocorre geralmente com o a confirmação do que afirmo. autor que começa a escrevor conto... é éle não escreve conto.

gênero literário, tem limitações bastantes definidas que necessitam ser questões relacionadas com o conto, mais com o intuito de emitir minhas consideradas. Se essas limitações não forem observadas, se o contista opiniões sobre este gênero literário e servir de base aos futuros comennão dominar todos e cada um daquilo que se poderia chamar "segredos tarios sôbre alguns contistas e os seus livros. Embora aquelas considerado conto", êste gênero literário deixa de ser plenamente realizado e o autor não alcança o que almeja. E, consequentemente, o leitor deixa de aspectos fundamentais do conto e as suas relações e diferenças de outros ser "tocado" pela emoção que a história deveria despertar.

Alguem poderia objetar, não sem razão, que qualquer genero literário tem as suas particularidades, possue aspectos especificos, sendo para um aspecto da questão que tem tambem uma importancia fundaisso o que diferencia um genero de outro, Sim, essa é uma objeção que mental - o dos limites do conto em relação à crônica. Se o contista não

tem sua razão de ser. Mas o fato é que com mais frequencia é possivel um jovem romancista ou um jovem poeta realizar a sua obra literária que um jovem contista. A questão, aliás, pode ser colocada em têrmos bem mais amplos. Não são dificeis os exemplos de romancistas e poetas já realizados que ao tentarem o conto não conseguem o alcançado no seu genero principal. Mas ha contistas realizados que se realizam tambem no romance e na poesia. Outra eoisa: se se fizesse uma especie de censo dúvidas em afirmar que o número destes ultimos seria bem menor que Cada vez que leio um jovem contista mais fico convencido das di- os demais generos. Assim de memoria, e tendo como referencia a litera-

Ao iniciar esta serie de artigos sobre o conto e alguns contistas Por que isso acontece com tanta frequência? Porque o conto, como novos do Brasil, que editaram livros/recentemente, abordei algumas ções fôssem bastante suscintas pensana, entretanto, ter abordado nelas os generos, como o romance e a novela. Enganei-me, porém.

Ao lêr o livro "Alguma Gente", de Salim Miguel, fui despertado gundo nossos proprios desejos.

tem suficientemente esclarecido o limite da simples descrição do ambiente, dos personagens e das proprias reações do autor diante do quadro que descreve, pode facilmente cair na cronica, embora pretendendo fazer um conto.

O conto exige que o proprio personagem tome atitudes: reaja desta ou daquela maneira diante deste ou daquele fato, em consonância com a sua personalidade. Mas se o autor do conto passa êle mesmo a narrar esta ou aquela atitude do personagem diante deste ou daquele fato; se o autor do conto não permite que o personagem se afirme por si mesmo, mas aproveita inclusive o personagem para exteriorizar sues opiniões de autor, êste não é autor de um conto, mas de uma cronica.

Com frequencia, principalmente em jovens contistas, essa falta de clareza sobre as particularidades do conto em relação à cronica, se evidenciam. O resultado dessa inter-relação de generos, apesar de distintos tão proximos um do outro, é o mais desastroso, pois muites vezes o autor não realiza um conto... mas tembem não realiza uma crônica.

Desejava insistir ainda, neste comentário sôbre outra questão, diz respeito não apenas ao conto mas à ficção em geral. E' o que diz respeito a caracterização do personagem na obra de ficção.

Não deixa de ser frequente, principalmente nos autores que se iniciam, encontrar-se a caracterização do personagem ou dos personagens feita pelo proprio autor. Se isso pode revelar, até certo ponto, falta de talento criador, muitas vezes é resultado da falta de conhecimento sôbre a técnica da criação ficcionista. A fisionomia psicológica do personagem tem que ser revelada não através das descrições que o autor faça, mas pelas proprias atitudes tomadas e opiniões dadas pelo personagem no desenrolar da obra de ficção.

Esse é um aspecto importante da tecnica da ficção, que necessita ser considerado, se se deseja fazer realmente uma obra de ficção, com humanidade, e não criar bonecos sem vida que se movimentam se-

Eram estas as considerações que desejava fazer antes de comentar o livro de Salim Miguel.

```
o qual os linguistas norte-
                           hiere.
1946 - Guimarães Rosa - Sagarana
    - Graciliano Ramos - Histórias Incompletas
    - Lúcio Cardoso - A Professora Hilda (Novela)
       O Anfiteatro

    Xavier Placer — Doze Histórias Curtas

    - Eduardo Campos - A Face Iluminada
    - Fran Martins - Noite Feliz
    - Menotti del Picchia - Contos (ed. completa)
1947 — Graciliano Ramos — Insônia
    -- Almeida Fischer - Horizontes Noturnos

    Mário de Andrade — Contos Novos (ed. póstuma)

1948 - Helena Silveira - Conton a Esmo
1949 - Ligia Fagundes Teles - O Cacto Vermelho
1949 - Breno Accioly - Cogumelos
    - Augusto Meyer - Segredos da Infância
    - Afonso Schmidt - O Retrato de Valentina
1950 - Dinah Silveira de Queiros - As Noites no Morre
       do Encantado
    - Francisco Brasileiro - O Urubú
    - Almeida Fischer - O Homem de Duas Cabeças
    - Lúcia Benedetti - Vesperal com Chuva
1951 — Carlos Drummond de Andrade — Contos de Aprendiz
    - Gasparino Damata - Queda em Ascenção
    - José Condé - Histórias da Cidade Morta
    - José Saldanha Coelho - Mural
    - Clarice Lispector - Alguns Contos
    - Fernando Sabino - A Vida Real
     - Carlos Castelo Branco - Continhos Brasileiros
1954 — José Saldanha Coelho — O Pátio
    - Otto Lara Resende - O Lado Humano
    - Mauricio Caminha de Lacerda - Contos Provincianos
    - Helena Silveira - Mulheres, Frequentemente...
    - Miguel Salim - Alguma Gente
    - S. Gomes de Matos - Contos da Gra-Cidade
    - Paulo Novais - Noite em Sete
    - Almeida Filho - A Ilha
1954 - Paulo Novais - Burgo
    - Constantino Paleólogo - Os Condenados
    - Renard Perez - Os Sinos
     - Ricardo Ramos - Tempo de Espera
    - Antônio Accioly Neto - A Vida Não é Nossa
     - Luis Canabrava - Sangue de Rosaura
 1955 - Breno Accioly - Maria Pudim
     - Carlos David - O Diário de Segismundo
     - Jones Rocha - Décima Praga
     - Assis Brasil - Conto do Cotidiano Triste
     - Mauricio Caminha de Lacerda - Quatro Histórias
     - Hélcio Alves de Araújo - Vida Alegre
     - Joaquim Gonçalo do Amarante - Pedrinho Tanceiro
     - Valdomiro Autran Dourado - Três Histórias na Praia
     - Dilermando Duarte Cox - Massagana
     - Vasconcelos Maia - O Cavalo e a Rosa
     - Maria Vanderlei Meneses - O Pecado de Maria
       Quitéria
    - F. Magalhaes Martins - O Acude
     - Beatriz Rocha - O Parque de Diversões
     - Ivan Pedro Martins - Do Campo e da Cidade
     - Josue Montelo - Fio da Meada
     - Gasparino Damata - A Sombra do Mar
       - Caminhos da Danagão
     - José Condé - Os Dias Antigos
 1956 — Guimarães Rosa — Corpo de Baile (2 vols.)
     - Samuel Rawet - Contos do Imigrante.
```

Poderia acrescentar vários outros de que tenho nota, durante o decênio. Mas o que al fica já basta, para o que pretendo. Essa enumeração sêca, sucinta, incompleta, em que obras de valor desigual e de tendências opostas se aproximam pelo denominador cronológico comum, vem apenas documentar, como ficou dito, a

afirmação de que o conto, como o teatro, é porventura a nota distintiva da prosa néomodernista.

O que Daniel Rops, em artigo recente, refere do conto em França, aplica-se, perfeitamente, ao Brasil de nossos dias:

- «O lugar bizarro que o conto ocupa no gôsto do público francês, è um motivo de constante espanto. Não há semanário que não publique um, todos os números e os chefes de redação passam uma boa parte do seu tempo à procura

de bons contos. Realmente, o leitor tem uma predileção especial por estas narrativas de uma página» (in «Jornal do Brasils, 17-VI-1956). O mesmo se poderia dizer dos Estados

Unidos. Mas, enquanto Rops infor-

Livros & Cultura-9- Salim Miguel

3. ALGUMA GENTE

ALGUMA GENTE — HIS-TÓRIAS é o segundo livro de Salim Miguel, publicado em 1953 pelas Edições Sul, de Florianópolis, reunindo sete contos escritos entre 1950 e 1953.

Salim gosta de construir suas histórias, estruturandoas em torno de rememorações. Esse aspecto influi sobre a armação da narrativa, limitando o conhecimento ao que a recordação permite ou ao que alguém pudera conhecer em certo momento. São histórias também de certo modo voltadas para a idade jovem: o narrador muitas vezes é ou assume ponto de vista de um jovem, sendo a história vivenciaoa por ele. Há reverências explicitas ou implicitas à região litorânea catarinense sobretudo Florianópolis e Biguaçu, mas não só o nome de localidades como também a caracterização do subdesenvolvimento são regionais.

As primeiras duas narrativas giram em torno de um cego — J. M. ou seja, recordações de um amigo deste cego, narradas em primeira pessoa. As duas estórias pretendem completar-se, mas são um tanto irregulares e dispersivas ao tentar recompor um conjunto de reminiscências em torno das excentricidades do protagonista.

A terceira narrativa "Barbicha" — também é narrada em primeira pessoa: o narrador descreve o que vivenciou e observou numa viagem de navio de Florianópolis ao Rio de Janeiro. As observações do narrador (antes de tudo um observador) focalizam sobretudo um companheiro o Barbicha — tipo de chato e metido em tudo. Há bons achados de observação e de linguagem em certas passagens, mas a narração excessiva torna a história quase estálica.

Em "Ti Adão" temos uma narraliva bem mais atraente. É um conto de personagem. A caracterização fisico-psíquica do negro Adão, velho de mais de cem anos, é muito viva. Sua figura aparece bem marcada - um gozador da vida, bondoso, calmo e despreocupado, senhor do que quer e espera da vida. De mórbida inclinação para as mulheres, essão irresistivelmente tas vencidas pela sua atração e o procuram (sabe preparar filtros de amor). Mas, ao mesmo tempo, bondoso, aconselha, reanima e cura os que o procuram, baseandose na fé e confiança que as pessoas nele depositam. Chega-se cle é uma personagem de Jorge Amado, espécie antecipada de Pedro Archanjo de A TENDA DOS MILAGRES.

"Velho Simão" é um outro conto de personagem, quase sem ação. Retrata a solidão da velhice e a tentativa de prender-se a uma ocupação para manter-se em contato com a vida. E, num simbolismo muito expressivo, o velho trabalha com velharias, concertando isqueiros. Atencioso e incansável no trabalho, observa muito bem o narrador: "Não, era impossível deixar de reconhecer que ele tratava os isqueiros como gostaria que um médico operador, consciencioso, escrupuloso, tratasse os doentes. Apenas, no caso, ainda com muito maior atenção, com um desvelo infinitamente maior, com uma concentração e cuidado que alguns médicos, talvez a maioria, raramente dedicam a seus doentes" (p. 73). Destaque-se ainda que o foco narrativo está muito bem utilizado: tudo como que flui através da mente do velho Simeão.

Outro conto que revela cuidado na utilização do foco narrativo é "A Mãe de Pedro Tari.". Compondo-se de ta ... o rentos, o narrador, que e um colega do menino Pedro Maria, retrata primei amente o Pedro, um menino mediocre, sem nada de bom ou de mau que o faça sobressair depois retrata sua mãe e o marido desta, figura obscura e indefinida. O aspecto positivo desta narrativa está na maneira como o narrador, em recordação, reconstitui a figura da mãe de Pedro Maria: o ponto de vista limitado da criança não chega a entender o porquê de certas atitudes: por que essa mulher vive isolada, porque ela ė evitada pelas familias "bem", por que as mães proíbem a eles, meninos, de a conhecerem (despertando major curiosidade). Assim, de maneira indireta e por sugerências que se depreéndem do conhecimento limitado do narrador, a figura da mãe de Pedro Maria torna-se atraentemente apreen-

A última história — "Meu Tio" — também é narrada em primeira pessoa. Abre e termina com o canivete, que o tio deixou de lembrança ao narrador e que agora desperta neste uma série de reminiscências que o fazem voltar à época da infância para destacar a bondade do tio. É história bastante sentimental, com muita interferência autoral, um tanto moralizante ao mostrar como tratar crianças. A estruturação da narrativa a partir de um objeto, o canivete, que desencadeia as recordações, é bom expediente.

Os contos de ALGUMA GENTE comprovam a luta pela expressão e a evolução no manejo da técnica literária por parte do escritor. O escritor não é um autômato possuído pelas musas, mas alguém que lê, estuda, treina, corrige e luta. E o progresso é lento. Mas compensador.

LAURO JUNKES

051 - CONVITE para o Lançamento do livro Eu e as corruíras. Florianópolis, 23 maio de 2001.

A Livros & Livros, a Editora Insular e a Fundação Catarinense de Cultura, em comemoração aos 50 anos de estréia do Autor em livro, convidam V. Sa. e família para o lançamento do livro

EU E AS CORRUÍRAS

de autoria de Salim Miguel.

Data: 23 de maio de 2001 (quarta-feira)

Hora: a partir das 19 horas

Local: Livraria Livros & Livros,

Rua Jerônimo Coelho, 215,

Centro, Florianópolis







052 - MENEZES, Cacau. Vinte obras. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 20 maio de 2001. p. 63.

Vinte obras

A Editora Insular e a Fundação Catarinense de Cultura, em comemoração aos 50 anos de estréia literária do escritor Salim Miguel, estão promovendo o lançamento de "Eu e as Corruíras, quarta-feira 23, a partir das 19h, na Livraria Livros & Livros. É o 20º livro de Salim Miguel, maior escritor vivo de SC.

053 - MENEZES, Cacau. Confidências. Diário Catarinense. Florianópolis, 21 de maio de 2001. p. 31.

Confidências

No livro *Eu e as curruíras*, que lança nesta quarta-feira, o escritor Salim Miguel brinda os leitores com algumas estórias engraçadas e outras que resgatam o heroísmo de quem fazia arte nos anos 40 em Florianópolis. Como ex-livreiro, Salim diz que não foram poucas as vezes que viu amigos diletos, mas sem dinheiro, sair de sua livraria com um volume embaixo do braço, fingindo esquecimento, por amar os livros e não ter como pagar por eles.

Esta a parte engraçada - mas também um

pouco triste, não lhes parece?

Já num artigo inédito sobre o nascimento do Museu de Arte de Santa Catarina, então chamado de Museu de Arte Moderna de Florianópolis, ele conta que foi em pessoa ao gabinete do governador Aderbal Ramos da Silva atrás de passagens para trazer uma exposição de grandes nomes da arte brasileira organizada pelo escritor Marques Rebelo. Foi essa mostra - e a enorme polêmica gerada por ela - que deu origem ao movimento que criou o primeiro museu de arte moderna do Sul do país.

Salim Miguel, 50 anos de literatura

SALIM MIGUEL ESTÁ DE VOLTA e comemorando 50 anos de literatura. E nada melhor que comemorar a efeméride lançando outro livro, Eu e as curruíras (Ed. Insular, 160 pgs.), reunião de crônicas, depoimentos e uma detalhada leitura pessoal da história do Museu de Arte de Santa Catarina (Masc), cuja criação, em 1949, o autor assistiu e acompanhou. O lançamento do 20° livro de Salim acontece hoje, às 19h, na livraria Livros & Livros (r. Jerônimo Coelho, 215).

O novo trabalho - o primeiro depois do autobiográfico Nur na escuridão (Topbooks), que recebeu o prêmio de melhor romance de 2000 da Associação Paulista dos Críticos de Arte (Apca) - reúne trabalhos publicados na imprensa, a maioria em forma de crônica, nos últimos dois anos, e depoimentos sobre a obra plástica de Tércio da Gama, Meyer Filho e Hassis - este, falecido em janeiro deste ano. Há também histórias de livros e livreiros, já que Salim é um leitor inveterado um dos raros escritores catarinenses que mantêm sólidos vínculos e correspondências com autores de



O escritor lança novolivro hoje vários países.

No texto inédito em que fala do Masc, Salim reconstrói o ambiente dos anos 40, quando a arte moderna ainda era tabu numa Florianópolis provinciana e cujas polêmicas se restringiam às contendas entre políticos através de jornais adversários. Uma exposição modernista, realizada em 1948, foi o embrião do Museu de Arte Moderna de Florianópolis, mais tarde Masc, e o primeiro museu de arte moderna do sul do país.

LIVRO Eu e as Curruíras, que marca os 50 anos de carreira literária de Salim Miguel, será lançado hoje

Poder de adaptação a cada obra

ROMÍ DE LIZ

Eu e as Curruíras, obra que marca os 50 anos de vida literária de Salim Miguel, será lançada hoje, às 19h, na Livraria Livros & Livros, na Rua Jerônimo Coelho, 215, em Florianópolis.

O autor, que no ano passado recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (Apca) pelo romance Nur na Escuridão, reuniu crônicas publicadas nos últimos três anos em jornais e revistas junto a depoimentos inéditos.

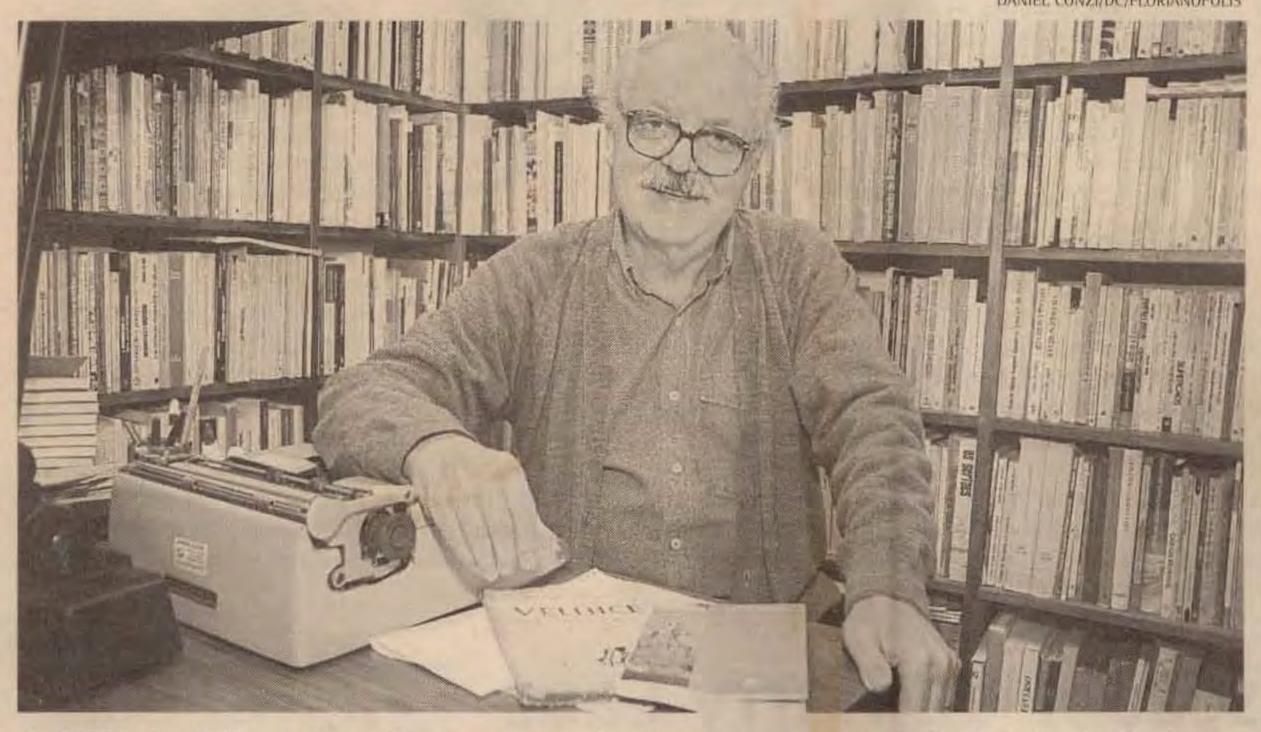
A unidade do texto, natural em outras obras suas, é construída a



partir de contos, minicontos e crônicas
que têm entre
si a atualidade. "A escolha foi dificil,
mas procurei
usar textos
não factuais,
o que é complicado em se

tratando de crônica". Na obra estão curiosidades sobre sua atuação como livreiro, quando via muitos amigos "colocarem obras embaixo do braço" e sair, sem ter como pagar e também sobre o período da ditadura no Brasil.

Em Sequelas de Uma Prisão o autor expõe, com muita emoção, o que foram seus 48 dias de prisão, que o levou a exilar-se dentro do próprio país. Salim e a mulher, a também escritora Eglê Malheiros, se mudaram para o Rio de



O AUTOR: De Velhice e Outros Contos a Eu e as Curruíras se passou meio século de dedicação literária

Janeiro traumatizados com a torturante experiência, que já havia sido tema da obra *Primeiro de Abril, Narrativas da Cadeia.* O escritor conta que a obra só foi editada em 1994, pois não queria escrever um depoimento emotivo. Outra curiosidade sobre *Primeiro de Abril* é a narrativa, toda em segunda pessoa do singular.

Comentários sobre os amigos artistas

Nos depoimentos contidos em Eu e as Curruíras, o autor escreve sobre a obra plástica de Tércio da Gama, Meyer Filho e Hassis. Na mesma linha, Salim reconstrói o ambiente dos anos 40 para expor como foi o movimento para a criação do Museu de Arte Moderna de Florianópolis, hoje chamado de Museu de Arte de Santa Catarina. "Em 1949, estava criado o primeiro museu de arte moderna oficializado no país", lembra com orgulho. Em 158 páginas, Salim faz um passeio pelo mundo, país, Santa Catarina, indo a Biguaçu - cidade onde cresceu - e outros recantos, onde o são traçados casos cotidianos e também curiosos.

O primeiro texto dá nome ao livro, que foi escolhido, segundo o autor, por demonstrar o poder de adaptação do ser humano, presente, indiretamente, em toda a obra.

Para marcar meio século de dedicação à vida literária - a primeira obra publicada foi Velhice e Outros Contos - o libanês que chegou ao Brasil com três anos de idade reuniu a família.

A capa é assinada pelo filho Luís Felipe sobre detalhe de A Máquina de Trinados, de Paul Klee. O crédito da foto é do outro filho, Paulo Sérgio Miguel, e a mulher, Eglê, está presente em boa parte dos textos.

Eu e as Curruíras, Salim Miguel (Editora Insular), 158 págs, R\$ 18

Publicações

LIVROS E OUTRAS ATIVIDADES

Velhice e Outros Contos, 1951 Alguma Gente, 1953 Rede, 1955 O Primeiro Gosto, 1973 A Morte do Tenente e Outras Mortes, 1979 A Voz Submersa, 1984 Dez Contos Escolhidos, 1985 O Castelo de Frankestein, 1986 A Vida Breve de Sezefredo das Neves, 1987 As Areias do Tempo, 1988 As Várias Faces, 1994 Primeiro de Abril, Narrativas da Cadeia, 1994 As Desquitadas de Florianópolis, Onze de Biguaçu Mais Um, 1997 Variações Sobre o Livro, 1997 As Confissões Prematuras, 1998 Nur na Escuridão, 1999 Apontamentos sobre Meu Escre-

Argumento e roteiro do filme *O Preço* da *Ilusã*o, com Eglê Malheiros e E. M. Santos, Fpolis, 1957-58

ver, 2000



056 - MACHADO, Ricardinho. Lançamento. Diário Catarinense. Florianópolis, 23 de maio de 2001. p. 5.



Eu e as Corruíras

Obra do escritor Salim Miguel será lançada hoje, às 19h, na Livraria Livros & Livros. Publicado pela editora Insular, o livro reúne 35 textos, entre artigos, crônicas, mini-contos e críticas, coletados entre 1998 e 2000, quando Salim Miguel contribuía com três publicações: jornal A Notícia, Gazeta Mercantil Santa Catarina e Correio das Artes, de João Pessoa (PB). O preço do livro é R\$ 18,00. Rua Jerônimo Coelho, 215, Centro, tel.: (0xx48) 222-1244.

Bodds de ouro

Lançamento do
livro "Eu e as
Corruíras" marca
hoje os 50 anos
da carreira literária
do escritor Salim
Miguel

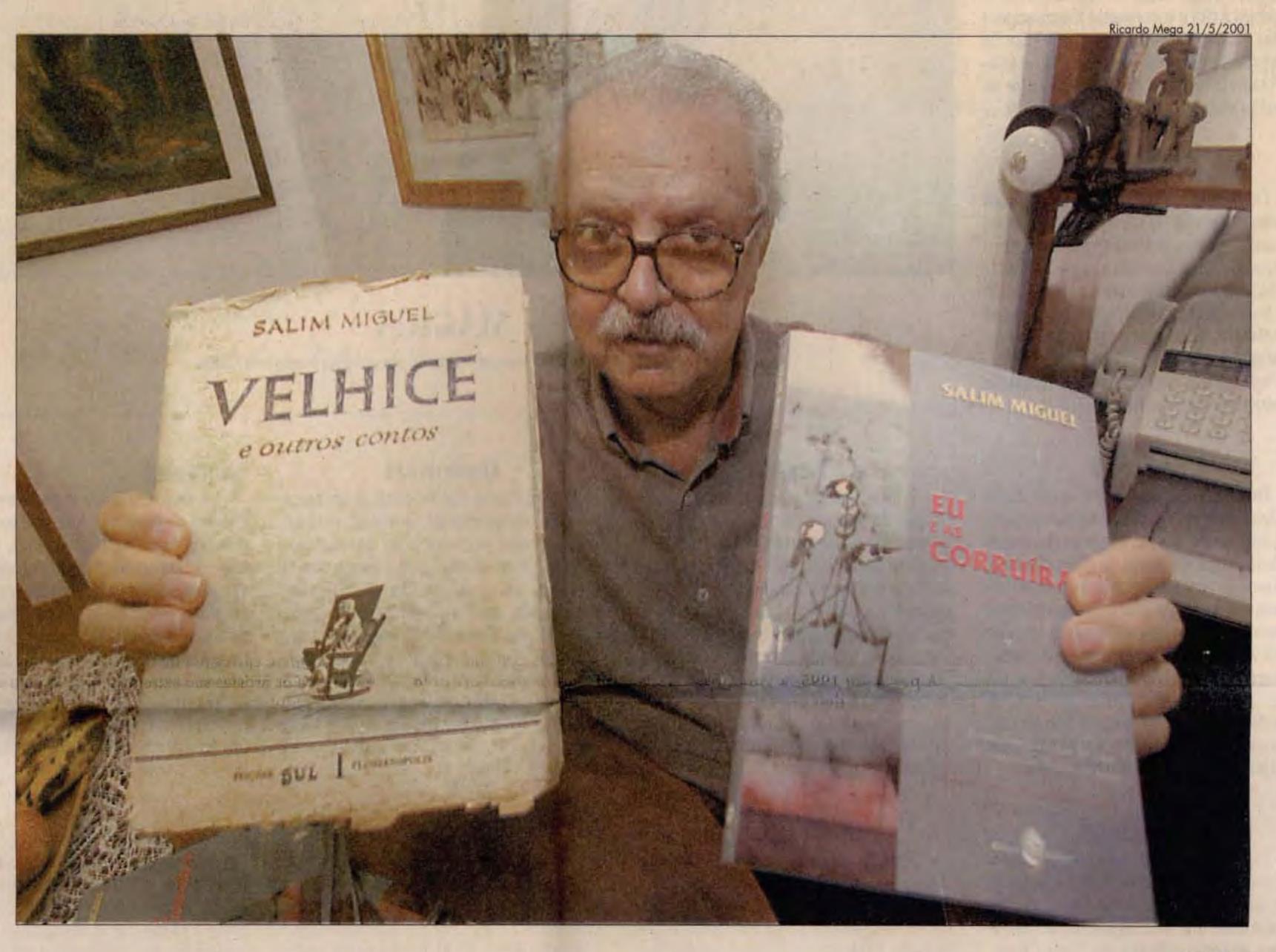
ANA CLÁUDIA MENEZES

lorianópolis — Por muito tempo, o piar das pequenas corruíras, na casa de praia que Salim Miguel tem na Cachoeira do Bom Jesus, no Norte da Ilha de Santa Catarina, importunou o trabalho do escritor. Elas haviam feito um ninho na calha da casa e faziam barulho o dia todo. A solução, ele conta, seria tirá-las de lá, para desespero da mulher dele, a escritora Eglê Malheiros, que não achava nada de desagradável no pio dos pássaros. Ou se acostumar à situação.

Salim Miguel optou pela segunda alternativa e conta que, já no terceiro ano, sentia saudades quando os bichinhos não davam o ar de sua graça. "A minha vida tem sido mais ou menos assim, adaptando-se a situações", conta o escritor, que lança hoje, o livro "Eu e as Corruíras", na Livraria Livros & Livros, no Centro de Florianópolis. O livro é o 20º de uma carreira literária que iniciou há 50 anos, com "Velhice e Outros Contos", primeira publicação pela Edições Sul, braço editorial de militância do Grupo Sul, que ele ajudou a fundar no final da década de 1940.

"Eu e as Corruíras" reúne 35 textos, entre artigos, crônicas, minicontos e críticas coletados entre 1998 e 2000, quando Salim Miguel contribuía com três publicações: o Anexo, Gazeta Mercantil Santa Catarina e o Correio das Artes, de João Pessoa (PB); um tablóide mensal que ele começou a colaborar em 1949,

Apesar de escritos para jornais e com isso, correrem o risco de serem usados para "embrulhar peixe" no dia seguinte,



ele acredita que a seleção foi feita de forma que os assuntos tivessem algum tipo de importância para o leitor, seja registrando algum fato cultural ocorrido na Capital ou de algum personagem desconhecido, mas cuja história merece ser conhecida. Com exceção de "Achegas para a História do Masc", penúltima crônica do livro, em que o escritor conta detalhes pouco conhecidos sobre a fundação, há 52 anos, do então Museu de Arte Moderna de Florianópolis. Em outra, "Wanio, Nosso Morto no Chile", Salim conta a trajetória de um ex-policial e jornalista, de Florianópolis, que foi morto pela ditadura de Augusto Pinochet.

Aos 77 anos, Salim Miguel redigiu as

crônicas num computador para depois passá-las, num disquete, ao editor Nelson Rolim de Moura, da Insular. De um computador, ele queria distância até bem pouco tempo atrás. Mas, como no caso das corruíras, acabou se adaptando. Ele sofre de uma doença degenerativa nos olhos que o impede de ler jornais e revistas com letras muito pequenas. Adaptou uma lupa para poder ler os livros e no computador, em vez do corpo 12, comumente usado, aumentou para 16 ou 18, dependendo do dia em que a vista falha mais.

Mas Salim Miguel não pára por aí. Prepara para o segundo semestre a publicação, pela Letras Contemporâneas, de uma coletânea de 50 críticas literárias publicadas em vários jornais e revistas do Brasil e de Portugal. São 27 textos sobre 27 escritores brasileiros e 23 estrangeiros. Em seguida, virá "Viver a Vida: Narrativas de um Exílio no Rio", continuação de "Primeiro de Abril, narrativas da cadeia" (Ed. José Olympio, RJ, 1994). Desta vez, ele relata a vida na capital carioca, depois de ter sido preso em Florianópolis pela ditadura. "O exílio no País é, muitas vezes, mais traumático do que o no exterior", diz o escritor.

■ O QUÊ: Lançamento do livro EU E AS
CORRUÍRAS, de Salim Miguel. Editora
Insular. 160 páginas. QUANDO: Hoje, às
19h. ONDE: Livraria Livros & Livros, rua
Jerônimo Coelho, 215, centro, Florianópolis,
tel.: (0xx48) 222-1244. QUANTO: R\$ 18,00.

ONTEM E HOJE

"Eu e as
Corruíras" é o
20º numa carreira
iniciada há 50
anos, com
"Velhice e Outros
Contos", primeira
publicação pela
Edições Sul,
braço editorial do
Grupo Sul, que
Salim Miguel
ajudou a fundar
na década de 40

Salim Miguel lança hoje Eu e as Corruíras

Autor catarinense comemora 50 anos de trabalho literário reunindo crônicas, mini-contos e depoimentos no vigésimo livro de sua carreira

Natália Viana especial para Gazeta Mercantil Santa Catarina

O escritor Salim Miguel não poderia comemorar os seus 50 anos de literatura de forma melhor do que lançando um livro. Eu e as Corruíras (Editora Insular, 160 págs.) é uma reunião de crônicas, mini-contos e depoimentos já publicados em órgãos de imprensa e um texto inédito com uma leitura pessoal da história da criação do Museu de Artes de Santa Catarina (Masc). O lançamento do livro será hoje, às 19 horas, na livraria Livros & Livros (rua Jerônimo Coelho, 215).

O autor explica que Eu e as Corruíras, seu 20º livro, é uma comemoração "discreta" do cinquentenário de sua estréia literária, com Velhice e Outros Contos, em 1951. "Eu quis fazer um livro diferente dos anteriores, seja em forma de conto, crítica literária ou romance. Então optei por lançar uma seleção de textos que, embora já publicados, mantêm atualidade e interesse para os leitores, seja pela fruição do texto ou por uma determinada informação", explica o autor. Além disso, são escritos "que abordam temas variados, o que mostra a diversidade de temas com os quais já trabalhei seja como jornalista ou como escritor", descreve Salim. Os textos selecionados foram anteriormente publicados na Gazeta Mercantil Santa Catarina, no Anexo do jornal A Notícia e no Correio das Artes, da Paraíba.

O título da obra tem muito a ver com o objetivo do livro e uma história bastante curiosa. Salim Miguel conta que há alguns anos vem passando bastante tempo em sua casa de praia. E toda tarde, se deitava na rede, ligava uma música e começava a ler um livro. Mas um casal de corruíras (um pássaro bem pequeno) fez um ninho no forro da varanda. Com o piado muito estridente

SALIM MIGUEL VELHICE VELHICE e outros contos Velhice-morte e tempo-memória são temas recorrentes na obra de Salim Miguel SALM MIGUEL Há 50 anos era lançado Velhice..., seu primeiro livro das aves, Salim não conseguia concentrar-se nem na música, nem na leitura. "Depois de três anos, eu já não conseguia escutar música, nem ler sem ouvir as corruíras cantando. Então este título reporta ao poder e necessidade do ser humano de

adaptação. Como muitos textos têm como pano de fundo este tema, o título oferece uma linha mais ou menos exata das preocupações desta compilação", explica o autor. Nesse sentido, as crônicas e

mini-contos se alinham entre os que não perderam a atualidade. Já entre os depoimentos, destacam-se os que se debruçam sobre a obra plástica de Tércio da Gama, Meyer Filho e Hassis. Há também histórias de livros e livreiros, uma vez que Salim é um leitor inveterado e que mantém vínculos sólidos e correspondênci-

as com autores de vários países. Exeditor da revista Ficção, ele narra, por exemplo, episódios seus, de conhecidos e do ex-livreiro que viu amigos saírem sem pagar por falta de condições de comprar a obra desejada. Outro depoimento pessoal

Vigésimo livro é

lançado hoje na

Florianópolis

Livros & Livros, em

é o texto Següelas de uma Prisão, que conta o episódio de sua prisão em 1964. Em outro texto, Vânio, nosso morto no Chile, narra a história de Vânio José de Matos, nascido em Florianópolis, um dos integrantes do Grupo Sul que depois passou a trabalhar como jormento de indenizações para as famílias das vítimas da ditadura, nunca vi o nome dele nas listas. Por isso resolvi escrever, já que muitos não conhecem esta história", diz Salim.

Salim Miguel: "comemoração discreta"

nalista na Folha de São

Paulo. Preso durante a

ditadura, Vânio foi troca-

do por um embaixador e

exilado no Chile, ainda

durante do governo de

Salvador Allende. Entre-

tanto, depois do golpe

militar, no governo de

Augusto Pinochet, aca-

bou morto pela polícia.

"Sua morte até hoje não

foi explicada e, na época

em que o governo come-

çou a discutir o paga-

O único texto inédito traz um relato sobre o período de criação do Museu de Arte Moderna de Florianópolis, em 1949, que, após a década de 60, passou a chamar-se Museu de Artes de Santa Catarina (Masc). Salim reconstrói o ambiente dos anos 40, época em que a arte moderna ainda era um tabu em uma cidade provinciana como Florianópolis. Essas polêmicas se restringiam a discussões entre políticos por meio de jornais adversários. Flávio de Aquino foi o responsável pelo contato com o escritor Marques Rebelo, cuja referência de Santa Catarina eram as ousadias do Grupo Sul. Na época, Rebelo promovia a itinerância de uma exposição de pintores contemporâneos por vários estados e concordou em trazer a mostra para Santa Catarina. "Com obras de Portinari, Di Cavalcanti, Guignard e Djanira, além de pintores estrangeiros, a exposição, realizada em 1948, causou grande polêmica, mas foi o embrião do Museu de Arte Moderna de Florianópolis", lembra Salim.

Este museu, vale citar, foi oficialmente o primeiro museu de arte moderna do Sul do País. Salim Miguel acompanhou de perto toda essa história, estando, inclusive, entre os que buscaram patrocínio no próprio gabinete do governador Aderbal Ramos da Silva. Na verdade, o texto foi produzido pelo escritor para ser publicado no livro comemorativo aos 50 anos do museu, em 1999, mas, como até hoje o volume não saiu, o Salim decidiu torná-lo público.

Salim Miguel já publicou 19 livros, sendo que, no ano passado, recebeu o prêmio de melhor romance de 2000 da Associação Paulista dos Críticos de Arte (Apca) por Nur na escuridão, livro de caráter autobiográfico no qual narra a saga de migração de seus país do Líbano para o Brasil, no final da década de-20. Esta obra foi editada pela Top-Books, do Rio de Janeiro, e está indo para a terceira edição.

Ocaso

Salim Miguel, que semana passada comemorou 50 anos de estréia literária, com "Velhice e Outros" (contos), em 1951, contou ela poderia ter sido antecipada em um ano se não fosse um curioso problema de consciência. Como recenseador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1950, ele coletou muitas informações e testemunhou inúmeros dramas, especialmente de velhinhos que sem ter com quem conversar, prendiam o pesquisador até quando podiam, revelando intimidades que constituiriam material precioso para alguém predestinado à literatura. Não sabia se tinha o direito de transformar os dilemas alheios em material ficcional até ler que William Faulkner violara correspondências como funcionário dos correios americanos, tirando dali a matériaprima para muito do que escreveu. "Se um Prêmio Nobel de Literatura fez isso", pensou Salim "por que não posso transformar em contos o sofrimento dos velhinhos que entrevistei?" Foi assim que surgiu o primeiro livro do líbano-catarinense que completa este ano cinco décadas de dedicação à arte de escrever.



O jornalista, escritor, argumentista e roteirista de cinema Salim Miguel acaba de lançar o seu 20º livro, Eu e as Corruíras, pela editora Insular. Neste 2001, Salim, que também é servidor público aposentado e associado do Sintrafesc, comemora 50 anos de publicação de seu primeiro livro, Velhice e Outros Contos, editora Sul. Em 1999, com NUR na Escuridão (Editora Topbooks-RJ), ganhou o prêmio de melhor romance do ano, atribuído pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Eu e as Corruíras reúne textos publicados em diversos órgãos de imprensa, além de um depoimento inédito sobre a criação do Museu de Arte de Santa Catarina.

Eu e as corruíras, de Salim Miguel. • Editora Insular, 158 páginas • R\$ 18

 Composto por textos publicados em diversos órgãos de imprensa, "Eu e as corruíras" é também um livro que chega para comemorar, em 2001, os 50 anos de publicação da primeira obra do autor, intitulada "Velhice e outros contos" (editora Sul). Jornalista, escritor e roteirista de cinema, Salim Miguel percorre em seus textos variados temas, da literatura à política, temperado por suas memórias.



O62 - EU e as Corruíras. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 16 jun. de 2001. p. 3.





A CRÔNICA

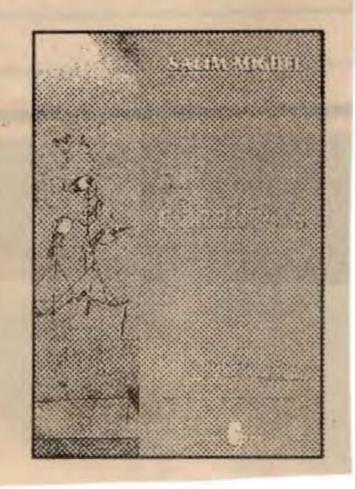
Salim Miguel reuniu, para comemorar seus 50 anos de estréia de autor em livro, uma série de crônicas, antes publicadas na imprensa, umas ao jeito de contos, outras sob forma de depoimento ou de considerações sobre as estranhas coisas de que a vida anda cheia. O texto que dá o título ao livro, Eu e as corruíras, levaria ao leitor imediatamente a um dicionário. Diz o Aurélio que "corruíra" é "garriça" – e "garriça" é uma "ave passeriforme, da família dos trogloditídeos, distribuída pelo Brasil e países limítrofes, de coloração parda, avermelhada no crisso e na cauda"- o que nos

levará a "crisso" que, segundo o mesmo Aurélio, é "a região em volta do ânus das aves". Pois é. As crônicas de Salim Miguel são, sob todos os aspectos, altamente legíveis. Lançamento da Editora Insular. Supervisão editorial de Nélson Rolim de Moura, capa de Luís Felipe Miguel, sobre detalhe de A máquina de Trinados (1922), técnica mista de Paul Klee.

REGISTRO

Neste livro, subintitulado Crônicas – não só, estão reunidos textos publicados em diversos órgãos de imprensa, nos últimos tempos. A expressão não só se justifica porque se encontram não apenas crônicas, mas até depoimentos, um deles inédito sobre a criação do Museu de Arte de Santa Catarina.

Praticamente tudo que o que foi selecionado para este volume foi publicado nas colunas que o autor manteve em jornais e revistas. A crônica que dá título ao livro, "Eu e as Curruíras", sintetiza a proposta do autor. Salim Miguel torce para que, além de momentos de fruição, o leitor se depare também com informações que possam ser de seu interesse.



LITERATURA

Salim Miguel ganha o prêmio de Intelectual do Ano com *Eu e as Corruíras*. Jornalista, o libanês que chegou ao Brasil ainda criança inspira-se em fatos do cotidiano para criar contos e romances

Olhar de repórter

Da Agência Folha

á décadas que Salim Miguel corre quase todo país para colher fatos e notícias. Jornalista, usa o olhar para observar histórias que não eram alvo direto de sua pauta de trabalho. Assim, criou manancial para alimentar contos e romances. Na terça-feira, o escritor de 78 anos foi anunciado vencedor do Troféu Juca Pato, correspondente ao concurso Intelectual do Ano, promovido pela União Brasileira de Escritores. O prêmio é concedido anualmente, desde 1963, a um intelectual que tenha publicado uma obra relevante para a cultura nacional no ano anterior. Salim Miguel foi candidato único.

No caso de Salim Miguel, a obra que rendeu o reconhecimento foi Eu e as Corruíras que já era, em si, uma homenagem: a coletânea, lançada em Florianópolis pelas Edições Sul, comemorou os 50 anos da carreira literária do jornalista libanês, que chegou a Santa Catarina aos 3 anos de idade.

"A primeira coisa que eu diria é que o prêmio reativa o interesse pela obra do escritor", ressalta Miguel. "Em segundo lugar, é um incentivo para alguém que trabalha como jornalista em livros há mais de 50 anos", completa.

As intenções de Salim Miguel encontram eco no ofício que o aclamou vencedor. O documento classifica Eu e as Corruíras como o coroamento da obra de "um grande incentivador das artes e da literatura'."

HORÓSCOPO NO CURRÍCULO

a biografia de Salim Miguel - jornalista que "fez de tudo, até horóscopo", trabalhando entre Santa Catarina e Rio de Janeiro —, o momento crucial dessa luta encontra lugar em sua prisão, no ano de 1964, pelo regime militar.

A experiência está registrada em Primeiro de Abril, Narrativas da Cadeia, escrito numa incomum segunda pessoa - porque, conta, não quis se "colocar demais", "estava preso com outros 60", e buscou evitar o distanciamento excessivo que julgava resultar a terceira pessoa.



SALIM MIGUEL FOI RECONHECIDO PELO LIVRO EU E AS CORRUÍRAS: COLETÂNEA COMEMOROU 50 ANOS DE CARREIRA

"Costumo dizer que sou, basicamente, jornalista profissional; são raríssimos os que vivem de direitos autorais de seus livros", afirma o autor de mais de 20 títulos - "15 ou 16", calcula, de ficção, nutridos com frequência no exercício da reportagem.

A mistura de jornalismo e literatura está, por exemplo, em A Voz Submersa. Publicado originalmente pela editora Global, o romance está esgotado, mas Miguel sonha com que volte ao prelo, por conta do Juca Pato. O livro, conta Miguel, parte de histórias que não puderam sair na imprensa, por causa da censura.

"A base do romance é o assas-

sinato do estudante Édson Luís, no restaurante Calabouço, em 68." No livro, uma mulher assiste à morte do secundarista. O romance acompanha as consequencias que o fato tem sobre sua vida pessoal.

Outra fonte fundamental na literatura de Salim Miguel está em sua própria origem libanesa. "No meu caso, em boa parte dos meus 16 livros de ficção, ela aparece direta ou indiretamente". É o caso de um de seus romances mais recentes, Nur na Escuridão ("não é nu, é Nur, com r", frisa), que conta a saga da "nova descoberta do Brasil" por uma família de imigrantes libaneses e

como ela se transforma, "sem perder suas raízes", em uma família de brasileiros.

No dia 13, culmina a fase de homenagens a Miguel: na data, o escritor que se forjou entre a redação e as histórias das Arábias contadas pelo pai, vira doutor honoris causa pela Universidade Federal de Santa Catarina.

GRANDE PRÊMIO DE PASSO FUNDO

Salim Miguel é um colecionador de prêmios. No ano passado, o escritor dividiu com Antônio Torres o grande prêmio da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Ele concorreu com a obra Nur na Escuridão (Topbooks), enquanto o escritor baiano venceu com Meu Querido Canibal (Record). Os dois dividiram o prêmio de RS100 mil, um dos mais altos pagos no Brasil. Na época, eles concorreram com Domingos Pellegrini (O Caso da Chácara Chão) e Rubem Fonseca (O Doente Moliére). (Da Redação)

SERVIÇO

Algumas obras do autor

AS AREIAS DO TEMPO

Contos. Editora Global. R\$ 25,00.

NUR NA ESCURIDÃO

Romance. Editora Topbooks. R\$ 25,00.

PRIMEIRO DE ABRIL — NARRATIVAS DE CADEIA

Romance. Editora José Olympio. R\$ 19,00.

(15)

AS CONFISSÕES **PREMATURAS**

Editora Letras Contemporâneas. R\$ 25,00.



QUINTA-FEIRA, 13/06/2002

Aprendendo a escrever na companhia das corruíras

Em Salim Miguel, a sua adaptabilidade combina-se com a sua capacidade de modificar o mundo a seu redor

Quando Salim Miguel foi escolhido por unanimidade pela União Brasileira dos Escritores, em parceria com o jornal Folha de S. Paulo, como o Intelectual do Ano, o prêmio foi pelo livro de contos Eu e as Corruíras e o conjunto de sua obra. "Para ganhar, precisa ser por um trabalho em especial e pelo conjunto da obra", explica o escritor.

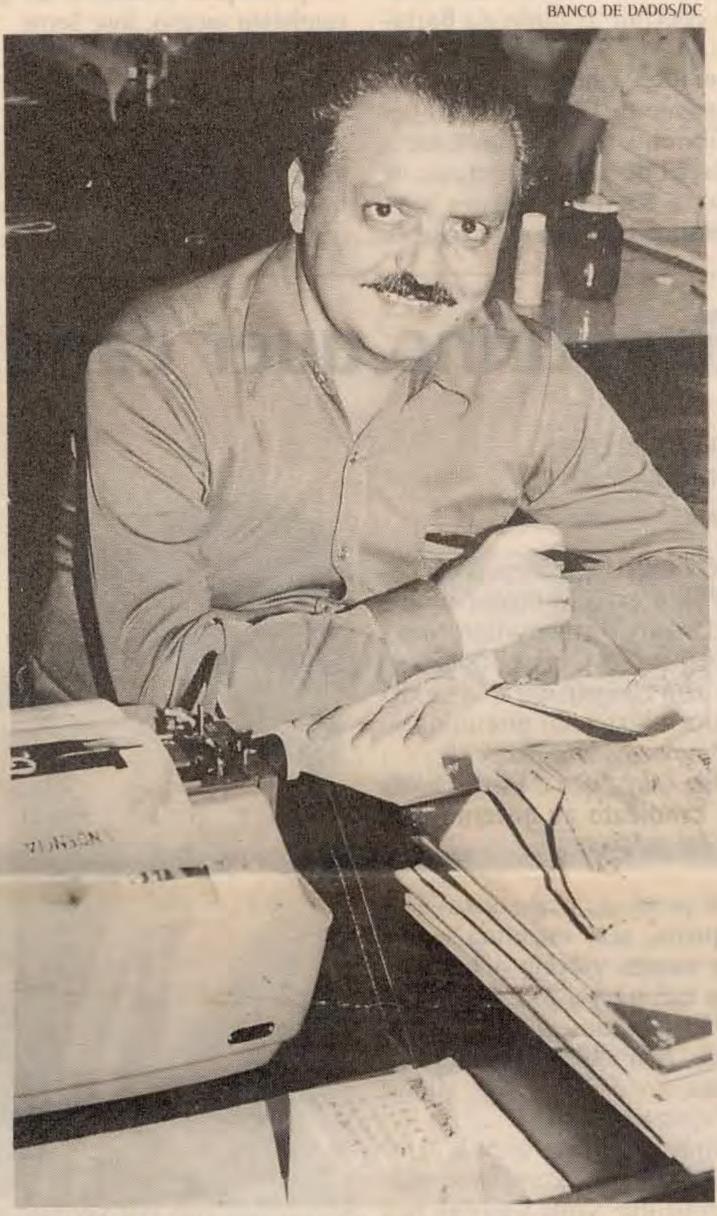
As corruíras do título são pequenos pássaros, do tipo que há muitos perto da casa de praia do escritor na Cachoeira do Bom Jesus, em Florianópolis, onde vários deles construiram ninhos entre as telhas. "Eu gosto muito de ler ouvindo música e as corruíras têm um piar muito desagradável, ainda mais quando os filhotes piam para pedir comida". As pequenas aves estavam impedindo Miguel de escrever, mas ele não desanimou. "Depois de um tempo, era o contrário: eu já não conseguia mais ler sem as corruíras. Por isso, quando fui colocar o título, escolhi esse, pois representa a capacidade de adaptação do ser humano", compara.

Essa capacidade de Miguel já foi testada antes. Em 1964, foi preso logo depois do golpe militar e a sua livraria, que já havia vendido há cinco anos, mais ainda era conhecida como "livraria do Salim", foi saqueada e teve boa parte do acervo queimada, pois incluí,a obras esquerdistas ou ligadas ao Partido Comunista. Foi a fogueira de livros mais famosa de Florianópolis. "En-

quanto estava na cadeia, sentia muito medo e vi que havia três possibilidades: ou eu ficaria lá por muito tempo e, portanto, precisaria me adaptar ou logo seria solto e não havia com o que me preocupar ou eu logo seria submetido a violência física e psicológica e não tinha como impedir", lembra. "Precisei me moldar".

Adaptação sim, mas acomodação não

No caso de Miguel, essa adaptabilidade combina-se com a capacidade de modificar o mundo a seu redor. Foi assim desde que, aos 3 anos de idade, chegou ao Brasil, vindo do Líbano, onde nasceu em 1924. Depois de mudar-se de Biguaçu para Florianópolis (até hoje diz que sua nacionalidade é líbanobiguaçuense), sua participação foi definitiva para articular o Grupo Sul, entre 1946 e 1957. Depois de preso, já em 1964, um movimento de escritores e intelectuais, liderado pelo escritor Adonias Filho, tirou-o da cadeia, mas, mesmo assim, Miguel percebeu que não havia mais clima para continuar em Florianópolis e foi para o Rio de Janeiro, onde, em 1975, fundou outra revista, a Ficção, em parceria com a mulher Eglê Malheiros. Durou até 1979, quando ele voltou a Santa Catarina, onde continuou sua produção, ao mesmo tempo em que assumia a Editora da Ufsc e, depois, a superintendência da Fundação Franklin Cascaes. Sem se acomodar.



JORNALISTA: Miguel na Redação da Manchete, em 1978

Depoimentos

PALAVRAS DOS AMIGOS

Grande sabedoria

"Salim Miguel é um dos escritores mais generosos de Santa Catarina. Salim Miguel não é um apenas, mas é mil, levando em conta o quanto ele se doou aos amigos, escritores, produtores culturais. Ele sempre foi solidário com os escritores que estavam começando, lhes deu orientação. E todos nós, escritores de Santa Catarina, devemos a ele este braço amigo, este incentivo. Eu diria que Salim é uma das figuras mais importantes deste século em Santa Catarina. E quando ele dirigiu a Editora da Universidade pôs em prática tudo aquilo que ele já fazia pessoalmente. É um homem de grande sabedoria, de grande experiência, e com uma grande vantagem: é um homem muito simples. Salim representa a fortuna cultural de Santa Catarina, pelo que ele fez, pelo que ele faz e pelo que ele continua fazendo."

laponam Soares - Escritor e superintendente da Fundação Catarinense de Cultura

Animador cultural

"O Salim Miguel é reconhecidamente, não só aqui como fora do Estado, um dos grandes nomes da literatura moderna brasileira. Mas, além de seu importante trabalho como escritor, há que se destacar o seu trabalho como animador cultural. Ele foi líder de um movimento, o Grupo Sul, foi editor, jornalista cultural, deu seu apoio aos novos escritores catarinenses e teve sempre uma atitude solidária com os demais escritores. Ele não se isolou em sua carreira, sempre esteve ligado à comunidade literária. Hoje, esse reconhecimento, essa homenagem que lhe é prestada pela Universidade Federal de Santa Catarina se deve a isso também. Não só à sua importante produção literária, mas também, em grande parte, a esse seu trabalho como agente de estímulo à cultura catarinense."

Flávio José Cardozo - Escritor e gerente de Letras da Fundação Catarinense de Cultura

THE DESCRIPTION OF THE PROPERTY OF THE PROPERTY OF THE PARTY OF THE PA

Crítica na hora certa

"O Salim é uma figura ímpar na cultura brasileira. Escritor originalissimo e universal, apesar de escrever sobre sua aldeia; intelectual que nunca deixou de fazer a crítica na hora certa e que, por isso, foi preso. Acho uma ironia a ser refletida pela universidade, e por toda a cultura catarinense, o fato de dar o título de doutor, justamente para um homem que não a frequentou e que leu o mundo muito mais do que muitos doutores de carreira. O Salim deveria urgentemente ser chamado pelos órgãos de cultura local, para opinar sobre a sofrível 'ajuda' que a cultura oficial pensa em estar dando àqueles que pagam seus impostos e que, como ele, fazem cultura sempre sofrendo muito e sem o apoio criterioso e devido. A verdadeira homenagem ao Salim deveria vir com um imenso debate sobre as relações entre poder e produtores culturais".

Fábio Brüggemann - Escritor e editor

ARTIGO

Doutor Salim: assim estava escrito

MÁRIO PEREIRA

▼ EDITOR DE OPINIÃO

Dizer que a homenagem acadêmica que hoje se presta a Salim Miguel é merecida equivale a chover no molhado. Prestando-lhe a honraria mais alta que pode conceder, a universidade tãosomente cumpre um dever de justiça que expressa, também, uma vontade coletiva. Sim, porque Salim soube tão bem interpretar a alma, os anseios e as vivências do seu povo que este, homenageando-o, a si mesmo homenageia, e ficam felizes todos.

Salim, o homem e o escritor que se confundem na integridade da vida e da obra. Maktub. Estava escrito desde o dia em que o menino veio ao mundo lá no distante Libano e depois atravessou o mar para, finalmente, aportar com a família em Biguaçu, logo aqui ao lado, que ele seria um contador de histórias, e que para elas transferiria sua a inteireza de sua vida reta. E assim ele o fez desde os 12 anos, quando escreveu sua primeira história. "-Uma narrativa curta, fantástica, onde se fundia o que eu vinha lendo, de histórias infantis a tremendos folhetins, como os de Michel Zevaco, O Tronco do Ipê, de José de Alencar, alguma coisa de Machado de Assis, trechos de O Mandarim, de Eça de Queiroz, e até As Dores do Mundo, de Schopenhauer", informa-nos ele em Apontamento Sobre o Meu Escrever.

Esta narrativa da infância foi sem dúvida um bom começo para a obra que começou com o lançamento de Velhice e Outros Contos, em 1951, e cuja construção continua crescendo em vigor e expressão, e cujo ponto alto (outros pontos altos virão, por suposto) foi o romance Nur - Na Escuridão, premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte ano passado. Uma obra que lhe valeu dias atrás o título de O Intelectual do Ano no país, com a conquista do Troféu Juca Pato, conferido pela unanimidade do júri.

Nur sintetiza em ponto máximo a trajetória agora cinqüentenária do labor literário de Salim Miguel, pois nele estão presentes todas as marcas que o tornaram um escritor tão singular na cena brasileira e tão amado pelos leitores. Como este romance impar, todo feito de memória, de criação e recriação do tempo ido e vivido, de formação e transformação, assim é toda a obra do nosso escritor-patrimônio. Vitalidade, carne, osso, músculo e nervo. E também de requintada elaboração e fruição, estranhamento e beleza, com sonoridade e sintaxe especialissimas.

Quando lemos e relemos as obras de Salim, fica a certeza: este é um escritor que será lido e relido por muito e muito tempo na contradança das gerações porque tem a vocação da permanência no seu talhe clássico e no seu timbre universal. Na homenagem a Salim, um preito de gratidão ao homem que soube escrever livros e também uma vida em linha reta. Maktub.